

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



Dissertação

**Representações de leitores e leitoras na série Um Castelo no Pampa, de
Luiz Antonio de Assis Brasil**

Francieli Daiane Borges

Pelotas, 2015.

FRANCIELI DAIANE BORGES

**Representações de leitores e leitoras na série Um Castelo no Pampa, de
Luiz Antonio de Assis Brasil**

Dissertação aprovada, como requisito parcial,
para a obtenção do grau de Mestre em
Educação junto ao Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
Federal de Pelotas.

Orientadora: Professora Doutora Eliane Peres

Pelotas, 2015.

Defesa em 27 de abril de 2015.

Banca examinadora

Professora Doutora Eliane Peres (orientadora)

Professora Doutora Denise Marcos Bussoletti

Professor Doutor João Luis Pereira Ourique

Meus livros (que não sabem que eu existo)
São tão parte de mim como este rosto
De fontes grises e de grises olhos
Que inutilmente busco nos cristais
E que com a mão côncava percorro.
Não sem alguma lógica amargura
Penso que as palavras essenciais
Que me expressam encontram-se nessas folhas
Que não sabem quem sou, não nas que escrevi.
Melhor assim. As vozes dos mortos
Vão me dizer para sempre.
(BORGES, Jorge Luis. *Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 191)

Há o hábito de pensar que se entra numa biblioteca para procurar um livro. Não é verdade. Sim, por aí se começa, mas o que na realidade se busca é a aventura.
(ECO, Umberto. *A biblioteca*. Lisboa: Difel. s/d, p.61)

Agradecimentos

Um trabalho como o aqui apresentado é envolto por uma enorme teia de diálogos. Tais ligações são algo misteriosas, sobretudo porque o essencial-imediato - melhor captado nessas páginas - necessariamente ofuscam uma série de conexões inapreensíveis que se ramificaram com traços circunstanciais durante a leitura de um poema, um olhar mais atento na multidão, um aroma e outras possibilidades. Ainda assim, mágica é a linguagem e, podendo nomear, afirmo minha gradidão à professora Eliane Peres, à Universidade Federal de Pelotas, ao PPGE e à CAPES.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capa da terceira edição de *Perversas Famílias*. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1994.....16

Figura 2. Capa da segunda edição de *Pedra da Memória*. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1994.....16

Figura 3. Capa da primeira edição de *Os Senhores do Século*. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1994.....16

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista de obras do autor Luiz Antonio de Assis Brasil.....	22
Quadro 2: Artigos localizados no SciELO com temática semelhante à proposta nesta dissertação.....	29
Quadro 3: Artigos localizados na ANPEd com temática semelhante à proposta nesta dissertação.....	32
Quadro 4: Dissertações localizados no sítio da CAPES com temática semelhante à proposta nesta dissertação.....	35
Quadro 5: Teses localizadas no sítio da CAPES com temática semelhante à proposta nesta dissertação.....	36

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
1 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	20
2 REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS LEITORAS.....	47
2.1 Olímpio, o Doutor: proeminente e contraditório senhor do século.....	55
2.2 Páris e as múltiplas intervenções do ato de ler.....	78
2.3 Beatriz, a certificação de Páris.....	93
3 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: OUTRA CHAVE DE ANÁLISE.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS OU SOBRE VELHAS QUESTÕES.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127

Resumo

Essa dissertação de mestrado verifica as representações de leitores e leitoras na série *Um Castelo no Pampa*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, com foco de análise sobretudo nas personagens Olímpio, Beatriz e Páris. Para dar suporte à pesquisa também foram identificadas algumas das aproximações e distanciamentos entre a literatura e a história. Nesse conjunto de romances é possível verificar que são revelados vários aspectos sobre o ato de ler, principalmente ao atentar as motivações e características mais sobressalentes daqueles que leem e são ali representados. A abordagem teórico-metodológica dessa investigação foi amparada especialmente por análises desenvolvidas por Chartier (1990, 1995, 2002, 2009, 2011) e Fraisse, Poupnag & Poulain (1989) no que diz respeito às representações e, ainda, para verificar questões quando à recepção das narrativas, a análise dialoga, respectivamente, com os estudos de Jauss (2002), Iser (1999) e Esteves (2009).

Palavras-chave: representações, leitores, Luiz Antonio de Assis Brasil.

Abstract

This master's dissertation addresses the representations of male and female readers in the series *Um Castelo no Pampa*, by Luiz Antonio de Assis Brasil, with analysis focused mainly on the characters Olimpio, Paris and Beatriz. To support the research were also identified some of the similarities and differences between literature and history. In this set of novels you can check that are revealed various aspects of the act of reading, especially to attend the motivations and most outstanding characteristics of those who read and are represented there. The theoretical and methodological approach of this research was supported especially by analyzes carried out by Chartier (1990, 1995, 2002, 2009, 2011) and Fraisse, Poupgnac & Poulain (1989) with respect to the representations and also to check questions as to the receipt of narrative, the dialogue analysis, respectively, with the studies Jauss (2002), Iser (1999) and Esteves (2009).

Key-words: representations, readers, Luiz Antonio de Assis Brasil.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Procuro despir-me do que aprendi,
 Procuro esquecer-me do modo de me lembrar que me ensinaram
 E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
 Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
 Desembrulhar-me e ser EU.
 (PESSOA, Fernando. "O Guardador de Rebanhos". In: *Poemas de Alberto Caeiro*. Lisboa: Ática, 1993. p. 48)

Quando fiquei sabendo que Cervantes, em seu apego à leitura, lia até os pedaços de papel rasgado na rua, entendi exatamente que impulso levava a isso.
 (MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 20)

Foi de súbito, instantâneo, fulminante. Vinha eu descendo a rua, tropeçando, depois de mais uma educativa tarde migueloestina no Colégio São José, espécie de cárcere que me privava de subir em árvores, e inútil, quando uma evidência me cegou: vou ser escritora. Contava eu onze anos e preparava minha carreira de gênio do balé [sem fazê-lo] ou de meta-humana [tal como a animação Static Shock, famosa nos anos 1990] e nisso o chamamento sem qualquer relação com os meus projetos. Peguei o caderno de Matemática, o lápis, rasguei as páginas escritas, sentei na cozinha e rumei imortalidade adentro. Expeli um poema. Mostrei ao meu avô que além de ser professor é admirador confesso da única neta. Recebi um consternado olhar de dó. Encorajada por esse estímulo busquei solidariedade com a minha amiga que por ter doze anos, mais velha portanto, se me afigurou, com razão, capaz de avaliar os escritos - ela nunca falava, e permaneceu calada. Segui anotando meus erros gramaticais e aos doze anos e meio já era uma autora experiente. Segura das minhas secreções textuais publiquei um textinho no livro da escola. Um fiapo de bom senso aconselhou-me a ler a obra uns meses depois, passada a ansiedade. O impresso apavorou-me de dúvidas: começava nebulosamente a compreender que existia diferença entre escrever bem e escrever mal. Mais tarde, dei-me conta da diferença maior ainda entre escrever bem e obra de arte - foi a angústia completa. Achei-me uma besta. Durante algum tempo trabalhei nos meus

dejetos, perplexa e chateada, com a rara satisfação que, a reler a frio, notava ser cretina. Fui crescendo, fui embora do colégio, voltei ao colégio, dediquei-me aos textos acadêmicos mais seguros, enquadrados em invariável Arial12espaçamentosimples. Mas agora, diabos, queria aqueles de palermice inabalável que sacrificaram minhas alegrias de bailarina e poderes super.¹

Minha memória não poderia ajudar a detalhar o momento exato em que compreendi a importância dos livros, mas lembro com precisão quando descobri que queria ter como profissão o ensino da literatura e, dessa forma, auxiliar as pessoas para que, assim como eu, compreendessem que a leitura possibilita o encontro com as múltiplas faces da linguagem, o encantamento com o mundo que nos circunda, enfim, um universo de singular beleza. A temática da literatura e da leitura foram e são essenciais na sempre presente busca por sentidos e referências para a minha formação como pesquisadora, mas sobretudo na elaboração da minha subjetividade.

Ingressei no curso de Licenciatura em Letras e Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Pelotas, entusiasmada com a possibilidade de aprofundar minhas leituras em uma área que sempre foi quista por mim. Meu trabalho como pesquisadora começou quando fui bolsista de iniciação científica no projeto de pesquisa “Regionalismo e regionalidade em João Simões Lopes Neto e Graciliano Ramos: diálogos sobre formação cultural”², financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), com a orientação do professor doutor João Luis Pereira Ourique. A investigação procurava aproximar as temáticas de diversas obras do

¹ Essas observações são baseadas na leitura de ANTUNES, António Lobo. "Retrato do artista quando jovem - II" in *As coisas da vida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

² BORGES, F. D. *Insônia, de Graciliano Ramos: uma reflexão acerca da inquietude literária*. In: Semana Acadêmica de Letras UFPel 2011: desafios da linguagem no século XXI, 2011, Pelotas/RS.; BORGES, F. D. *Angústia, de Graciliano Ramos e o drama social filtrado pelo drama do indivíduo*. In: I Seminário Interinstitucional de Pesquisa, 2011, Frederico Westphalen/RS.; BORGES, F. D. OURIQUE, J. L. P. “O Silêncio que envolve o mundo”: A temática do conto *Insônia*, de Graciliano Ramos, como reflexão para as inquietudes pós-modernas. In: XII Seminário Internacional em Letras: Língua e Literatura na Pós-Modernidade, 2012, Santa Maria/RS.; BORGES, F. D. *A inércia inquietante no conto Insônia, de Graciliano Ramos*. In: XXI Congresso de Iniciação Científica, 2012, Pelotas/RS.; BORGES, F. D. *A problemática social no conto Ciúmes, de Graciliano Ramos*. In: I Seminário de Estudos Literários - Pelotas: da formação à contemporaneidade, 2012, Pelotas/RS.; BORGES, F. D. *Considerações sobre o Velho Graça: intentando um perfil*. In: Semana Acadêmica 2012: língua, literatura, cultura e sociedade, 2012, Pelotas - RS.; BORGES, F. D. *A fragmentação das personagens no (e do) discurso nos contos de Graciliano Ramos: uma proposta de pesquisa*. In: XIII Seminário Internacional em Letras: linguagens em (inter)ação, 2013.

autor Graciliano Ramos a partir de uma reflexão de cunho interpretativo-hermenêutica de seus textos, tendo por fundamentação teórica a sociologia literária e a Teoria Crítica da Sociedade (Escola de Frankfurt).

Graciliano proporcionou que eu ziguezagueasse por seus textos minuciosamente construídos no exercício da descrição, dos diálogos, das observações de atos e costumes graças à elipse psicológica. Quando iniciei o percurso por tais livros – *Angústia* foi o primeiro, em 2011 - lembro bem do laboro que tive para construir a experiência de interiorização do outro, de redescoberta. Aquelas palavras³ auxiliaram a alargar a minha compreensão acerca do mundo e do que é literário (um irá diferir tanto do outro?), além de facilitar que eu organizasse os meus próprios desencontros.

Sabemos que a literatura, apesar de representar/reapresentar/recriar a vida, não se confunde absolutamente com esta. E, nas palavras do poeta José Paulo Paes (2006, p. 14), “trata-se, antes, de um prolongamento, de um complemento dela, mesmo porque já se disse que a arte existe porque a vida não basta”. Embora nos dias atuais o foco de pesquisa tenha mudado, a leitura dos textos do Velho Graça, como seus amigos próximos o chamavam, seguem presentes em meu cotidiano nos afetos que suscitam e, ainda, refletidos em minhas produções acadêmicas⁴. Dessa maneira, a partir dos meus estudos na graduação começou a se firmar a minha compreensão sobre a literatura ser um meio de refletir acerca das condições sócio-históricas da sua produção e do momento em que ela é lida.

Mais tarde surgiu o desejo, a partir das ações da pesquisa, de desenvolver trabalhos de extensão com a ideia de articular a teoria e a prática. Com o mesmo aporte teórico, mas com literatos diferentes, os resultados foram dois cursos de extensão, promovidos pelo Centro de Letras e Comunicação/UFPel, ministrados juntamente com a colega Patrícia Cristine Hoff. O primeiro, “Drummond

³ Destaco aqui uma das passagens prediletas dessa obra, publicada em 1936, enquanto Graciliano ainda era preso político da Ditadura Vargas: “Um crime, uma ação boa, dá tudo no mesmo. Afinal já nem sabemos o que é bom e o que é ruim, tão embotados vivemos. [...] O guarda-civil do relógio oficial veio para a cidade e arranhou emprego. É um sujeito magro como eu, civilizado como eu. Se houver barulho na rua, ele apita. Se houver greve nas fábricas e lhe mandarem atirar contra os grevistas, atira tremendo. As greves acabam. Ele voltará para a chateação do ponto, magro, triste. É pouco mais ou menos como eu. [...] Movemo-nos como peças de um relógio cansado” (RAMOS, 2008, p. 193).

⁴ BORGES, F.D.; *Notas sobre o ensino em textos de Graciliano Ramos: possibilidades de diálogo entre literatura, história e história da educação*. In: X ANPED Sul, 2014, Florianópolis.

Comparado: o poeta das sete faces & outros”⁵, pretendia abordar questões voltadas à Literatura Comparada e, além disso, primar pelas observações relativas ao tema, estilo e linguagem do escritor Carlos Drummond de Andrade. Esse projeto utilizou o espaço do Instituto João Simões Lopes Neto e objetivava identificar as convergências e as divergências ante as temáticas das quais se valeu o autor mineiro em consonância ou desacordo com outros autores literários. E, mais ainda, debruçamo-nos em seus textos a procura da compreensão dos motivos pelos quais, uns mais e outros menos, suportamos o mundo nos ombros e a vida sem mistificação⁶.

E o segundo projeto, que concentrou as atividades na Bibliotheca Pública Pelotense, intitulado “O foco narrativo in foco: estudos do narrador em textos literários comparados”⁷ objetivava, através do enfoque no narrador, discutir como no texto o cotidiano é abordado através do estilo e da linguagem. O intuito foi propiciar aos participantes a compreensão sobre as vozes na narrativa, como elas são identificadas e como podem ser absorvidas. O mais forte dos objetivos, contudo, era a familiarização dos leitores e leitoras com o texto. A partir dessas experiências revelou-se com nitidez quão profícua pode ser a relação entre os significados dados ao texto a partir de quem os lê.

Com a conclusão da graduação surgiu o interesse em prosseguir os estudos em um curso de mestrado que possibilitasse expandir as investigações com vistas às outras correntes teóricas, tais como as que aproximam a educação e a literatura. E assim ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem, no ano de 2013, como integrante do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares

⁵ BORGES, F. D.; HOFF, P. C. *Drummond Comparado*: diálogos entre pesquisa e ensino. In: II Seminário Interinstitucional de Pesquisa, 2012, Pelotas/RS.; BORGES, F. D.; HOFF, P. C. *Drummond Comparado*: relato de um projeto de extensão. In: XXI Congresso de Iniciação Científica, 2012, Pelotas/RS.

⁶ “[...] Pouco importa a velhice, que é a velhice? / Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais que a mão de uma criança. / As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios / provam apenas que a vida prossegue / e nem todos se libertaram ainda. / Alguns, achando bárbaro o espetáculo, / preferiram (os delicados) morrer. / Chegou um tempo em que não adianta morrer. / Chegou um tempo em que a vida é uma ordem / A vida, apenas, sem mistificação. (ANDRADE, 2012, p. 238).

⁷ BORGES, F. D. *Os estudos do narrador em textos literários comparados*: um relato de extensão. In: XIII Seminário Internacional em Letras: linguagens em (inter)ação, 2013, Santa Maria/RS.

(HISALES), cadastrado ao CNPq, liderado pela Professora Doutora Eliane Peres. O pré-projeto de dissertação com o qual obtive aprovação para iniciar meus estudos já previa uma pesquisa sobre leitores e leitoras, mas não havia nele um foco definido.

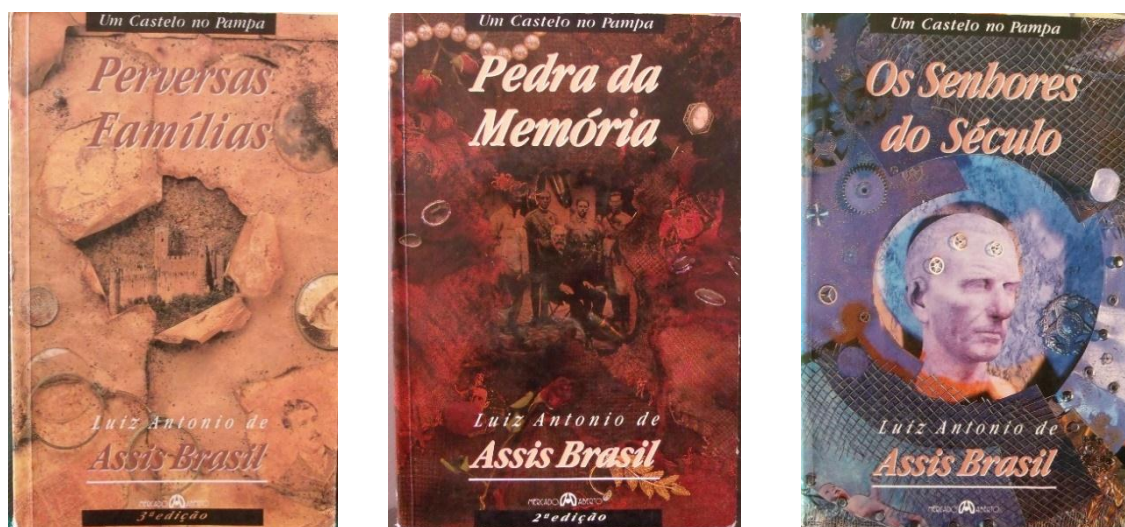
Em seguida participei da seleção de novos bolsistas do PPGE/UFPel e graças à ela meus estudos são financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Assim, logo nas primeiras reuniões de orientação foram indicadas inúmeras leituras de livros literários, livros teóricos e de pesquisas acadêmicas. Essas atividades propiciaram o início de um estudo que entendesse a literatura não só enquanto fenômeno estético, mas também como manifestação cultural permeada pelo registro humano e a compreensão da própria historicidade ali contida, dialogando, por exemplo, com a História da Leitura e a História da Educação.

Em uma das costumeiras orientações conjuntas que se realizam principalmente às segundas-feiras no espaço hisalense do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, a professora Eliane comentou ter lembrado de alguns romances com as narrativas ambientadas no Rio Grande do Sul. Perguntou se eu já tinha ouvido falar desses livros e, como a resposta foi negativa, na reunião seguinte os levou para que eu os folheasse. Da verbalização das suas reminiscências, de certa forma ao acaso, surgiram os diálogos embrionários dessa pesquisa, sobretudo porque essas leituras me atraíram, foram potentes de sentido.

Darton (1992) argumenta que para subsidiar pesquisas voltadas à História da Leitura são utilizadas inúmeras fontes, entre elas obras de ficção.⁸ Nesse sentido se encaixa a série *Um Castelo no Pampa*, do autor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil, composta por três livros publicados no início da década de 1990. O primeiro deles tem por título *Perversas Famílias*, o segundo *Pedra da Memória*, e o terceiro e último, *Senhores do Século*. Esses textos, *corpus* da pesquisa – cujas capas serão reproduzidas a seguir –, problematizam o Rio

⁸ Estudo semelhante ao aqui proposto já foi realizado no grupo de pesquisa HISALES. É uma dissertação de mestrado defendida em 2010 pela integrante Roselusia Teresa Pereira de Moraes e tem por nome *Representações da docência em romances de Erico Verissimo: a personagem Clarissa*.

Grande do Sul e o Brasil relacionando nomes e acontecimentos reais com fictícios ambientados nos séculos XIX e XX.



Projeto gráfico das capas: Flávio Wild e Felipe Helfer.

FIGURA 1. Capa da terceira edição de *Perversas Famílias*. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1994.

FIGURA 2. Capa da segunda edição de *Pedra da Memória*. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1994.

FIGURA 3. Capa da primeira edição de *Os Senhores do Século*. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1994.

Atentei que em *Um Castelo no Pampa* a atividade de leitura estava presente de forma recorrente nas representações⁹ de diversas personagens¹⁰, e que as narrativas revelam, sob essa ótica, vários aspectos sobre o ato de ler.

Para auxiliar o bojo das discussões aqui propostas, identifiquei, com base no supracitado, as principais características desses leitores e leitoras e como eles e elas leem. Vale ressaltar que estas observações, feitas pelo(a) narrador(a) e/ou pelas personagens, foram transcritas da mesma maneira como constam nos romances para que fosse possível identificar com clareza, através da

⁹ O conceito de *representações* aparece nos textos de Roger Chartier (1990, 1995, 2002, 2009, 2011) o principal estudioso ao qual recorro nessa pesquisa, ora no plural, ora no singular. Optei manter sempre a grafia da palavra no plural.

¹⁰ Quando menciono, no feminino, “as diversas personagens”, embora sejam representações de homens e de mulheres, o critério que preferi ao utilizar a palavra “personagem” foi não somente observar sua concordância gramatical, mas, sobretudo, atentar à sua etimologia latina: *persona* – máscara, indivíduo, papel, personagem, a realidade manipulada para construir a ficção (CANDIDO *et al.*, s/d, p.50).

sistematização desses dados, como se dá, nessa série de livros, as representações de leitores e leitoras. Contudo, dado o vasto número de páginas dessa coleta, optou-se pela objetividade da exemplificação. Assim, se manteve nesse trabalho a descrição mais objetiva e que resume as características dessas personagens cuja atuação no enredo julgamos mais relevantes.

A verificação do Estado da Arte teve muita importância nessa pesquisa, uma vez que através do mapeamento de trabalhos cujos objetos de investigação se assemelham foi possível alargar a visão e investir nesse estudo.

Para possibilitar a compreensão de como é feita a construção dessas personagens nos textos literários de Luiz Antonio de Assis Brasil e como é possível empregar, a partir disso, o conceito de representações, a abordagem teórico-metodológica foi amparada especialmente por análises desenvolvidas por Chartier (1990, 1995, 2002, 2009, 2011), e Fraisse, Poupnagac & Poulain (1989). Igualmente importantes são as leituras aqui feitas acerca da Estética da Recepção e dos romances históricos, baseadas principalmente nas análises de Jauss (2002), Iser (1999) e de Esteves (2008).

Torna-se imprescindível ressaltar o desejo que essa pesquisa seja relevante para o campo da História da Leitura, sobretudo no que concerne à reflexão, representada pela literatura, sobre o ato de ler. Fazendo a junção possível entre as linguagens literária e histórica, é possível encontrar um terceiro lugar, para além dessa dicotomia, e atentar sobre como essas questões permitem diversificar o entendimento sobre os processos que perpassam as representações de leitores.

Ora, para estudar leitores é necessário ser leitor. Formar-se um leitor. Para ser um leitor é preciso compreender os mecanismos da linguagem. Após compreendê-los há quem desenvolva a contínua vontade de subvertê-los. Um texto pode, se tiver gana, investir na modificação das estruturas canônicas acadêmicas já que mesmo nesses casos é possível manter a célula-lógica, e o trabalho, ainda que em outra forma, pode conservar suas características científicas relevantes. Lembro que durante a disciplina “Leituras de Walter Benjamin¹¹”, em algum momento, perguntei qual seria o motivo pelo qual os

¹¹ Os encontros dessa disciplina, ocorridos no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel, foram ministrados pela professora Denise Bussolleti no primeiro semestre do ano de 2013. É interessante atentar que tal pensador reflete, sobretudo em *A obra de arte na era de sua*

pensadores da Teoria Crítica tinham tantos trabalhos que abordavam a técnica. A resposta agora é clara: ao mudar a técnica, muda-se a estrutura, o formato, a forma de ler, a forma de pensar: é um pouco disso que tentamos aqui.

Aliás, o que é o científico se não a busca de novos caminhos, novas soluções para uma situação? Por apostar nisso – afora por contar com uma orientação que estimule continuamente a força da criação e que autorize que eu estivesse verdadeiramente em minha pesquisa–, e por achar coerente falar da literatura através e pela literatura, é que essa pesquisa tem em suas considerações finais uma configuração diferenciada: em forma de conto ou, melhor, um experimento com ares literários, se tanto. Se o poeta é um fingidor, um pesquisador, ao modo de Fernando Pessoa, ao dar seu testemunho; seu ponto de vista, sua palavra, também é. Estamos cômnicos que os textos científicos têm uma configuração diferenciada e sabemos, ainda, os riscos que corremos ao adotar o novo, afora o trabalho paciente implicado em resistir ao que já é dado. Portanto, a escolha aqui não é ingênua e busca uma potência de estudos que arranje e rearranje a ordem costumeira dos escritos acadêmicos.

A leitura é mais ou menos como uma conversa. Ainda que em geral os comentários e mesmo as respostas ao escrito não sejam registradas pelo leitor, em alguns momentos a efetivação do diálogo – silencioso ou não – em formato de anotações na margem do livro mostra-se necessária. A impressão é que foi esse hábito à glosa que fez com que eu preferisse utilizar o *narrador como protagonista* quando das considerações finais. Essa categoria narratária, de acordo com Ligia Chiappini Moraes Leite, em *O Foco Narrativo (ou a polêmica em torno da ilusão)*, é aquela em que não há onisciência. Ou seja, embora o narrador-personagem não tenha acesso ao estado mental das demais personagens, “narrando de um ponto fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 1985, p. 13), ele pode servir-se da cena e, assim, a distância entre a história e o leitor pode ser próxima, distante ou, ainda, mutável. Tal como em *Grande Sertão: Veredas*, do Guimarães Rosa, no caso das personagens Riobaldo e Diadorim¹² o mistério só

reprodutibilidade técnica (2014), justamente como a mudança no formato da obra interfere na recepção destas.

¹² *Grande Sertão: Veredas*, é uma obra – das mais importantes da literatura nacional – com vasta inovação no estilo. Entre infindas direções propiciadas pelas interpretações possíveis em tal livro brilhantemente trabalhado, também, nos aspectos linguísticos, destaca-se aquela quanto aos

existe como tal porque o narrador assim o quer. “Antes, como não há nenhum narrador onisciente que nos revele o segredo, tanto a personagem como os leitores vivem em uma ambiguidade” (LEITE, 1985, p. 13).

Tal narrador também foi muito utilizado sobretudo no século XIX, por inúmeros autores canônicos da chamada “literatura fantástica” – na qual um projeto de realidade nas obras fica sempre nebuloso. Essa tipologia narrativa parece ser adequada porque permite que haja a articulação entre a narradora-pesquisadora, a(s) personagem(ns)-leitor(as) e os aspectos teóricos necessários às exigências acadêmicas sem ferir o teor literário a que se propõe. Além disso, as considerações teóricas sobre os capítulos, assim como os seus trajetos metodológicos são feitos a todo momento nesse escrito e não separadamente, no final – como se tal proposta pudesse ser realmente efetiva. A produção de sentidos se dá todo o tempo e não apenas quando ordenam as normas: “ – agora conclua”.

Também é importante esclarecer que a voz narrativa dessa dissertação, ou a pessoa gramatical, ora é em primeira pessoa, em segunda, ora é em terceira – tal formulação não é um descuido de concordância, mas uma proposta, embora pouco usual em escritos acadêmicos mais tradicionais, com a finalidade de dialogar melhor com as situações em que os capítulos encontram-se.

Durante a qualificação do trabalho que aqui apresento foi sugerido que tivesse “mais da pesquisadora” no texto e que a dissertação se aprofundasse, principalmente, quantos aos seguintes aspectos: os diálogos entre a literatura e história; a evidência das representações aplicadas a algumas personagens elencadas, assim como a forma como acontece a recepção da obra. Atentar a essas questões foi o pretendido nos capítulos a seguir.

personagens Riobaldo (o principal) e Diadorim. O narrador-personagem ao relembrar suas lutas como ex-jagunço, suas frustrações, medos e anseios, destaca, ainda, o amor reprimido pelo homem de maneiras femininas por quem sentiu desejo. O narrador atua, ali, com inúmeras especulações, sem deixar claras suas constatações e, dessa forma, o texto parece ficar “aberto” de conclusões – incitando a dúvida no leitor.

1 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Num campo artístico que atingiu um estágio avançado de sua história, não há espaço para os que ignoram a história do campo e de tudo o que foi por ela produzido, começando por uma certa relação, completamente paradoxal, com o legado da história.

(BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 45)

Não é fácil escrever dos contemporâneos com retidão e crédito. Movem-nos ao erro preconceitos e simpatias; obscurecem-nos a vista as identidades ou antipatias de crenças e opiniões. Quando já volveram os séculos por sobre a lousa de um ilustre finado, o crítico mais calmo, menos predisposto a juízos antecipados, grava com o burel e não pinta a capricho. Mas as lições da história, que quase sempre pecam pela inutilidade, ou pela aplicação incompetente, argumentam em desmerecimento com a maior distância dos anos. Novas formas sociais trazem novas necessidades, diversa educação dos indivíduos e dos povos, ideias de justiça mais vasta, diversa interpretação dos feitos, que em uma época são grandes, e em outra bárbaros.

(R.C.M. *A saudade*: periódico literário, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1861. p. 41/42)

Um dos procedimentos de suma importância na pesquisa acadêmica é, sem dúvida, o levantamento bibliográfico para que haja uma base teórica consistente, com a finalidade de propiciar a reflexão acerca da relevância de determinados fatores da investigação. Essa atividade, auxiliada pela atenção aos escritos de estudiosos da área, permite ao mesmo tempo observar quais os outros trabalhos acadêmicos que foram e têm sido desenvolvidos com semelhante temática e fonte. Afora isso, pensar sobre os fundamentos teóricos-metodológicos desse trabalho implica em considerar as inúmeras incursões do percurso de estudo.

O contato inicial com a produção literária do autor Luiz Antônio de Assis Brasil se deu na indicação de leitura em uma das orientações, quando, embora já houvesse a sinalização sobre as preferências de temáticas a serem estudadas, ainda não havia objeto definido para a pesquisa. Devido ao hábito a outro tipo de linguagem literária no tocante às descrições sócio-histórico-geográficas, no início houve o estranhamento com o estilo, rapidamente desfeito graças à construção do autor quanto ao fluxo narrativo. A proposta da investigação da série *Um Castelo no Pampa* logo revelou-se um desafio encantador, afora encaixar-se nas áreas de interesse – educação, literatura e

história. As personagens, descritas com profusão, por revelarem complexos e variados lados da natureza humana, as suas paixões, desgostos e motivos de seus impulsos, proporcionam a identificação com os leitores e leitoras do cotidiano. Dessa forma, o romancista representa os ambientes e as personagens evidenciando os pontos em comum com as situações reais.

Luiz Antonio de Assis Brasil é romancista, cronista e ensaísta. Estudar seus escritos implica ter vistas à produção de sentidos possíveis para os leitores e leitoras, em um processo de identificação/estranhamento com as referências, os valores e a reorganização de um universo simbólico e linguístico a partir da observação de como são feitas as *representações* de alguns personagens e o que, a partir disso, é possível inferir.

Entre as produções de Luiz Antonio de Assis Brasil estão, por ordem cronológica, as listadas no quadro abaixo:

QUADRO 1. LISTA DE OBRAS DO AUTOR LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

OBRAS DE LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL		
Nº	Nome da Obra	Ano de Publicação
1	<i>Um Quarto de Léguas em Quadro</i>	1976
2	<i>A Prole do Corvo</i>	1978
3	<i>Bacia das Almas</i>	1981
4	<i>Manhã Transfigurada</i>	1982
5	<i>As Virtudes da Casa</i>	1985
6	<i>O Homem Amoroso</i>	1986
7	<i>Cães da Província</i>	1987
8	<i>Videiras de Cristal</i>	1990
9	<i>Série Um Castelo no Pampa</i>	1992

	<i>1º volume: Perversas Famílias</i>	
10	Segundo volume: <i>Pedra da Memória</i>	1993
11	Terceiro e último volume: <i>Os Senhores do Século</i>	1994
12	<i>Concerto Campestre</i>	1997
13	<i>Anais da Província-Boi</i>	1997
14	<i>Breviário das Terras do Brasil</i>	1997
15	<i>O Pintor de Retratos</i>	2001
16	<i>A Margem Imóvel do Rio</i>	2003
17	<i>Música Perdida</i>	2006
18	<i>Ensaio Íntimos e Imperfeitos</i>	2008
19	<i>Figura na Sombra</i>	2012

Fonte: Histórico da lista de livros por autor no site L&PM Editores. Quadro elaborado pela autora.

Segundo a fortuna crítica consultada para este trabalho, entre as características no modo do escrever de Luiz Antonio de Assis Brasil em suas diversas obras, algumas se mantêm, tais como ter a história como elemento essencial do alicerce da trama. Em *Um Castelo no Pampa* as personagens – às vezes históricas¹³, embora em situações fictícias - são ambientadas em períodos históricos¹⁴ que permitem problematizar outras versões dos fatos. Há, ainda, na ficção, a referência a periódicos¹⁵ que circulavam no período narrado. Dito isso, se compreende aqui que os elementos contidos nos textos de Assis Brasil permitem que a história e a literatura possam dialogar enquanto áreas de pesquisa. Dessa forma, um levantamento de dados acerca de tais aproximações (ou distanciamentos) desses campos de estudo foi feita.

¹³ Na obra, são citados nomes tais como o do político e escritor Rui Barbosa (1994, p. 113), o escritor Eça de Queiroz (1994, p. 5), os políticos Borges de Medeiros (1994, p. 122), *Júlio de Castilhos* (1994, p. 123), *Marechal Deodoro* (1994, p. 122) e *Getúlio Vargas* (1994, p.147), apenas para evidenciar alguns exemplos.

¹⁴ Ao longo dos três livros analisados algumas das situações históricas citadas na narrativa são a Primeira Guerra e Segunda Guerra mundiais, a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, o início da ditadura Vargas entre outras.

¹⁵ São citados alguns periódicos tais como o *Correio do Povo* (1994, p.193), a *Neue Illustrierte* (1994, p.32), o *Correio Paulistano* (1994, p. 27), o *Progresso Literário* (1994, p. 32) etc.

Notou-se que na sempre presente tentativa de compreender a si, captar e entender o passado, as pessoas se valem da palavra. A linguagem, ao passo que limita seus usuários quanto às regras preexistentes, também os permite flunar, propiciando a experiência através da releitura de fatos e a consequente interpretação de acordo com a visão do próprio tempo e espaço.

Aristóteles, na conhecida *Arte Poética*, definiu que “[...] não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso e prosa [...], diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder”. Fica, assim, a primeira circunscrita à verdade e a segunda à verossimilhança. O filósofo ainda completa que “a poesia é algo de mais filosófico e mais sério que a história, pois refere aquela principalmente o universal e esta o particular” (ARISTÓTELES, 2004, p. 43). Contudo, devido ao avanço do racionalismo nos tempos modernos, tal compreensão teria tido uma inversão: a ficção (a arte e a poesia) seria desqualificada como modo de conhecimento da realidade. Temos a volta do *status* de importância da ficção em forma de poesia mais tarde, no período que convencionou-se chamar de Romantismo.

Na Antiguidade, mesmo com os limites aristotélicos entre um campo e outro, já era difícil separá-los. Um exemplo dessa afirmação é o fato que maior parte da história grega foi construída a partir das epopeias homéricas¹⁶, e muito da história dos povos romanos por Virgílio, em *Eneida*. Na Idade Média também há exemplos, o caso de *La Chanson de Roland*, pertencente à literatura francesa daquele período, considerado texto literário e documento histórico ao mesmo tempo. É interessante ressaltar que nessa época primava-se pelo fantástico e imaginoso quando dos relatos dos reis e seus feitos heróicos, afora a vida dos santos e seus milagres, dificultando encontrar o que havia de histórico nessas páginas. Os textos referentes à conquista da América também caminham nesse sentido e temos o famoso exemplo brasileiro de *A Carta de Pero Vaz de Caminha* que embora seja um documento histórico, é afeita à literatura devido à importância que tal crônica de viagem configura aos estudos culturais. Inúmeros são os casos em que o registro da ficção literária dá voz às personagens colocando-as em cenários e situações que foram reais ou representados como se assim o fossem.

¹⁶ É importante ressaltar que a literatura é fonte para a história desde que submetida a determinadas regras nas questões formuladas.

Com o surgimento da Teoria Literária, constituída institucionalmente no século XX, há a busca por assegurar a singularidade estética do literário, em oposição às outras linguagens, tal como a história. No entanto, a separação desses campos ignorou muitas produções ficcionais e históricas desse período, o que gerou, mais tarde, inúmeros questionamentos sobre essa conceituação, o papel do literato e do historiador, e o estatuto de ambas as áreas. A partir dessas questões e pensando na subjetividade do relato do sujeito historiador observa-se a fragilidade do conceito de realidade histórica.

Assim, passou-se a compreender que a história e a literatura têm em comum a organização subjetiva do real feita por cada sujeito, produzindo um sem fim de discursos. O historiador, ao elencar e organizar a narrativa dos fatos, também a cria. Saramago afirma que:

(...) parece legítimo dizer que a História se apresenta como parente próxima da ficção, dado que, ao rarefazer o referencial, procede a omissões, portanto a modificações, estabelecendo assim com os acontecimentos relações que são novas na medida em que incompletas se estabeleceram. É interessante verificar que certas escolas históricas recentes sentiram como que uma espécie de inquietação sobre a legitimidade da História tal qual vinha sendo feita, introduzindo nela, como forma de esconjuro, se me é permitida a palavra, não apenas alguns processos expressivos da ficção, mas da própria poesia. Lendo esses historiadores, temos a impressão de estar perante um romancista da História, não no incorreto sentido da História romanceada, mas como o resultado duma insatisfação tão profunda que, para resolver-se, tivesse de abrir-se à imaginação (SARAMAGO, 1990, p. 7).

É a ideia de alguns que o historiador é um “contador de histórias” e que a sensibilidade histórica se manifesta na capacidade de criar uma narrativa plausível a partir de uma série de “fatos” que em sua forma mais rústica carecem de sentido, dependendo da decisão do historiador em configurá-los de acordo com determinadas estruturas de enredo. A maioria das sequências históricas podem ser contadas de maneiras diferentes, fornecendo interpretações diversas dos mesmos eventos e dotando-os de sentidos vários, múltiplos.

A compreensão da história como a narrativa de um acontecimento passado está ligado às representações sociais que procuram dar algum significado ao lugar em que se vive. História e literatura entrariam, dessa forma, como áreas discursivas que têm como referência o “real” – independentemente de registrá-lo “tal e qual” o contado, ou recriá-lo, ou ainda inventá-lo.

A ficção na história é regulada por estratégias de argumentação, afora comparações e cruzamentos. O historiador precisa submeter a sua versão à

testagem, através das fontes, com a finalidade de suscitar no leitor como teria sido o percurso de pesquisa. Chartier, em sua obra intitulada *História ou leitura do tempo*, problematiza acerca de a história se assemelhar à literatura por também ser “uma escritura desdobrada” e “mostrar as competências do historiador, dono das fontes” na tentativa de “convencer o leitor” (2009, p. 15).

Ora, ou a história, como ficção, com seu discurso narrativamente organizado através do ponto de vista do historiador também é uma invenção; ou então é possível chegar aos indícios do passado através da literatura – texto tido como criação de um escritor situado historicamente em um determinado tempo e espaço do qual ele enuncia. Dito isso, surgem questões que podem ser difíceis de delimitar: o que é histórico e o que não é? Segundo Pesavento (2006, p. 3):

Para enfrentar esta aproximação entre estas formas de conhecimento ou discursos sobre o mundo, é preciso assumir, em uma primeira instância, posturas epistemológicas que diluam fronteiras e que, em parte, relativizem a dualidade verdade/ficção, ou a suposta oposição real/não-real, ciência ou arte. Nesta primeira abordagem reflexiva, é o caráter das duas formas de apreensão do mundo que se coloca em jogo, face a face, em relações de aproximação e distanciamento. Assim, literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirma-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo.

Esteves (2010), em *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975 – 2000)*, problematiza que as complexas relações entre história e literatura estão, ainda, presentes na discussão em que a verdade pode também ser dita por mentiras – ou seja, a ficção. Os romances, ao mentirem, “expressam uma curiosa verdade que só poderá aparecer assim velada, dissimulada, encoberta, disfarçada” (ESTEVES, 2010, p. 20). A literatura, portanto, trabalha no reino da ambiguidade.

Ambas as formas narrativas, históricas ou literárias, se configuram em um tempo, ora que realmente passou, ora que ocupa o lugar do passado com uma temporalidade que não é exatamente definida. A literatura trabalha com o tempo presente com a finalidade de, entre outras coisas, explicar-se através da criação do passado e do futuro. Dito isso, para a literatura, o momento em que o texto é feito facilita a compreensão da obra. Contudo, não há dúvidas sobre a “verdade histórica” ser uma e a “verdade literária” ser outra.

Para a ficção, as concepções de verdadeiro ou falso são muito amplas. Para esta, o que há é a construção social da realidade, obras que visam representar o real a partir de uma gama de significados compartilhados. Nesse

aspecto, a história e a literatura seriam discursos que comportam o imaginário. O historiador utiliza estratégias narrativas (restritas à escolha e à rejeição de materiais, o desvendamento do implícito, a escolha da teoria que poderá fazer com que a narrativa se incline mais à economia, ou à política etc.), mas é essencial que o assunto verse sobre o que tenha acontecido. A literatura, por sua vez, também se utiliza de uma narrativa aproximativa com a realidade, com a diferença que não precisa de “comprovações”, embora precise ter coerência de sentido. Com essas questões, verifica-se que os exageros literários autorizam que apareça uma outra verdade, talvez mais inquietante.

Uma das grandes contribuições da literatura é evidenciar as questões humanas relacionadas aos sentimentos e às emoções, o que permite a identificação com o leitor. Os textos ficcionais são geralmente prazerosos – não por serem rasos quanto à complexidade – por se relacionarem com os leitores. Essa relação, por sua vez, permite que os textos possam ser discutidos por um outro viés. É importante, contudo, relativizar o estético, já que obras consagradas pelo cânone podem ser símbolos de um período, mas a leitura em voga na época ser “vulgar”, denunciando também os gostos daqueles leitores. Dessa maneira, as observações que podem ser suscitadas através de boas obras literárias não ficariam estancadas à época em que foram produzidas, trazendo significados vários ao leitor de diversos períodos históricos.

Um texto adquire múltiplos significados, como sabemos, independente da intenção de quem o escreve – seja um historiador ou um literato. Para o leitor, o texto poderá apontar para além do que é está escrito, seja através da linguagem alegórica da literatura ou da interpretação do passado - quem o lê poderá ter reinterpretções, inclusive intertextuais¹⁷. Tendo em mente o terreno da prosa, o leitor de romances, contos ou novelas lê de forma mais ou menos consciente, ou seja, orienta seu horizonte de expectativas – conforme preconizou Jauss - pela não-verdade. Há o caso dos romances históricos, nos quais o autor procurará, através de estratégias de convencimento, fazer com que a narrativa possua uma temporalidade transcorrida - geralmente circunscrita a um espaço geográfico

¹⁷ A noção de intertextualidade surge do fato de os textos nascerem uns dos outros e influenciarem-se mutuamente. Não há, contudo, reprodução pura e simples e nem adoção plena. A retomada de um texto existente pode ser aleatória ou consentida, vaga lembrança, homenagem explícita ou ainda submissão a um modelo, subversão do cânone ou inspiração voluntária (SAMOYALT, 2008, p. 10).

bem delimitado - fazendo uma profícua relação com um possível saber histórico previamente adquirido. Já no texto histórico os elementos narrativos conduzem o leitor a uma realidade extratextual, diretamente ligada à imaginação. Cabe ao historiador, com o compromisso de trazer as versões autorizadas do passado, valer-se de recursos de linguagem - tal como a retórica, e de evidências para convencer o leitor.

Atenta-se, dessa forma, que a literatura não poderá ser fonte para uma história tradicional, compreendida também como uma listagem de nomes e datas, mas poderá ser útil, por exemplo, se o objetivo for a compreensão de valores de uma época, assim como as razões, as angústias, os sonhos e os desejos, e, ainda, na verificação de como os seres humanos procuravam *representar* aos outros e a si em diversas épocas. O romance ficcional é uma das possibilidades de apreensão de inúmeros aspectos sobre os leitores e leitoras, uma vez que pode facilitar a compreensão de imagens socialmente aceitas com a finalidade de mediar ficção e “realidade” a partir das construções, no caso da presente pesquisa, de Luiz Antonio de Assis Brasil na série *Um Castelo no Pampa*.

Diante de tais elementos, com a finalidade de observar estudos que se aproximem do objeto de investigação aqui proposto, foi observado o estado da arte¹⁸. Assim, houve a realização de um mapeamento sobre os trabalhos publicados em artigos em periódicos, anais de eventos acadêmicos, dissertações e teses referentes à temática da pesquisa. É importante frisar, também, que a leitura desses trabalhos colabora para o alargamento da visão dos assuntos que podem ser abordados - e da forma como isso é feito - na academia. O critério da busca teve como descritores: representação/representações de leitores; representação/representações de leitura; leitores em Luiz Antonio de Assis Brasil; história e literatura.

¹⁸ A busca pelos descritores foi realizada em 2014 e 2015. O detalhamento da produção dos artigos localizados no SciELO e textos publicados nos anais da ANPEd que se sobressaíram na pesquisa devido à afinidade com este estudo encontram-se nas tabelas a seguir. No período em que este trabalho foi qualificado o Portal Eletrônico de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) se encontrava com falhas que não permitiam acesso integral e nem mesmo ao resumo dos trabalhos. Após a qualificação, durante o mês de julho de 2014, houve nova pesquisa com a finalidade de identificar referências de trabalhos relacionados aos descritores supracitados.

Antes disso, contudo, foi imprescindível observar a pesquisa de Ana Maria de Oliveira Galvão, em sua dissertação de mestrado, defendida em 1994, intitulada “Escola e cotidiano: uma história da educação a partir da obra de José Lins do Rego (1890 – 1920)”. Ali ela analisa as obras do escritor paraibano, principalmente a obra *Doidinho*, publicada em 1933, e assim torna-se umas das pioneiras no estudo em que é feita a associação entre documentos não oficiais, o caso da literatura, e documentos oficiais, como legislação, relatórios etc. no país no campo da História da Educação.

Outro trabalho essencial para a compreensão da aproximação entre ficção e não-ficção é o da pesquisadora Regina Zilberman, cujo título é *Literatura e história da educação: representações do professor na ficção brasileira*, estudo no qual a autora atenta ao fato que os filmes “Central do Brasil” e “A vida é bela” têm como protagonistas professoras e observa que essa é uma recorrência também em textos de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, José de Alencar, Adolfo Caminha, Mário de Andrade, Cyro dos Anjos, Graciliano Ramos e Monteiro Lobato. Com esses estudos Galvão (1994) e Zilberman (2003) observam que as representações, tanto do espaço escolar quanto dos sujeitos que o circundam, compreendem o modo como a sociedade os entende e os idealiza, partilhando, portanto, da ideia que as representações no texto ficcional apreendem as práticas, ritos e linguagens do mundo social.

Enquanto isso, na pesquisa na biblioteca eletrônica SciELO, houve a indicação de mais de noventa artigos considerando os descritores anteriormente mencionados. Desse número geral, onze foram trabalhos que se assemelhavam com a temática do estudo aqui proposto, voltados sobretudo à ligação entre literatura e história. Estes foram publicados entre os anos de 1997 e 2010, conforme o quadro a seguir:

QUADRO 2. ARTIGOS LOCALIZADOS NO SCIELO COM AS TEMÁTICAS SEMELHANTES À PROPOSTA NESTA DISSERTAÇÃO

AUTOR	TÍTULO	PERIÓDICO	ANO
COSTA, Cléria Botelho da.	Uma História Sonhada	<i>Revista Brasileira de História.</i> vol. 17; n. 34. São Paulo.	1997
MORAIS, Maria Arisnete Câmara de.	A leitura de romances no século XIX	<i>Caderno CEDES.</i> vol. 19; n. 45. Campinas.	1998
DELCASTAGNÈ, Regina.	Da senzala ao cortiço: história e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro	<i>Revista Brasileira de História.</i> vol. 21; n. 42. São Paulo.	2001
MORAES, Dislane Zerbinatti.	A "tagarelice" de Macedo e o ensino de história do Brasil	<i>História.</i> vol. 23; n. 1. Franca.	2004
BOSI, Alfredo.	Caminhos entre a literatura e a história	<i>Estudos Avançados.</i> vol. 19; n. 55. São Paulo.	2005
BORGES, Valdeci Rezende.	Cultura, natureza e história na invenção alencariana de uma identidade da nação brasileira	<i>Revista Brasileira de História.</i> vol. 26; n. 51. São Paulo.	2006
LIMA, Luiz Costa.	Perguntar-se pela escrita da história	<i>Varia História.</i> vol. 22; n. 36. Belo Horizonte.	2006
SOUZA, Valmir de.	História e literatura: uma relação de amor e ode em <i>História do Brasil</i> de Murilo Mendes	<i>Estudos Históricos.</i> vol. 21; n. 41. Rio de Janeiro.	2008

MELO, Ricardo Marques de.	Da utilidade e desvantagem da história para Hayden White	<i>Varia História.</i> vol.25; n. 42. Belo Horizonte.	2009
GRUNER, Clóvis.	As letras da cidade ou quando a literatura inventa o urbano – leitura e sensibilidade moderna na Curitiba da Primeira República	<i>Estudos Históricos.</i> vol.23; n. 45. Rio de Janeiro.	2010
SCHMITT, Vanessa Costa e Silva; PONGE, Robert.	Literatura, história e medicina: a formação e o cotidiano profissionais de Zênnon, médico do século XVI, em <i>A Obra em Negro</i> de Marguerite Yourcenar	<i>Alea.</i> vol.12; n. 2. Rio de Janeiro.	2010

Fonte: Biblioteca Eletrônica SciELO. Quadro elaborado pela autora.

Destes, seis foram particularmente pertinentes. Os estudos focalizam pontos em comum com essa pesquisa, sobretudo no que se refere às convergências entre literatura e história e, ainda, o texto literário como possibilidade de refletir acerca dos aspectos socioculturais. Foi observada também a repetição de alguns dos mesmos referenciais bibliográficos entre os estudos analisados e o aqui proposto.

A pesquisa de Moraes (1998) é importante por evidenciar o que se sabe sobre as leituras femininas da segunda metade do século XIX relacionadas à comunidade de leitores e leitoras, os editores e os escritores, tendo como referência jornais e textos literários. Entre as constatações, evidencia-se que as representações do livro como companheiro da mulher são uma constante nas obras pela pesquisadora analisados; as indicações de leitura que preconizam “a moral e os bons costumes” e, em contrapartida, as leituras de romances considerados proibidos que revelam não só as práticas de leituras femininas, como também as táticas a que essas mulheres recorriam em busca de um espaço de leituras.

Em seu texto, Dionísio (2006) atenta, por exemplo, no tocante às representações de leitores e leitoras, que a inserção dos sujeitos numa

comunidade de leitores passa, entre outras coisas, pela criação de conjunturas onde a leitura desempenhe funções sociais diversas e valorizadas pelos sujeitos que nela se envolvem. Portanto, os textos são vistos como construções ideológicas que funcionam como um dos dispositivos que participam no processo mais vasto de socialização dos sujeitos e das comunidades em que eles se organizam.

Lima (2006), por outro lado, produz uma profícua discussão entre a literatura e a história convergirem ou divergirem entre si além dos motivos pelos quais se observa usualmente, o caso do aspecto do trato verbal, apontando para uma insuficiência epistemológica no acompanhamento das práticas de pesquisa dessas duas áreas de estudo no Ocidente. Além disso, na observação sobre como ocorre a diferença entre a história, a historicidade e a escrita da história, o autor analisa alguns textos literários para auxiliar na discussão.

Enquanto isso, Souza (2008) frisa que através do texto satírico é possível, pela literatura, dessacralizar as versões da historiografia oficial, o que permite que haja diálogo entre eventos históricos e interpretações do passado com a utilização da linguagem literária. A relação entre a literatura e a história é a equação mais adequada para pensar o estudo no cenário ali proposto, no qual se sobressai a constatação da importância do texto literário uma vez que este não está subordinado às necessidades factuais do discurso histórico e por extrapolar os aspectos comunicativos ao manifestar-se quanto à dimensão utópica da linguagem.

Já Gruner (2010) discorre acerca da forma como a palavra escrita, através de romances e folhetins, tem a dizer sobre o sujeito do século XIX e a maneira como ele significava a si e o espaço em torno dele. Atento às sociabilidades e às sensibilidades urbanas no município de Curitiba/PR, o texto discorre sobre as diferentes maneiras de ler a modernização e a modernidade e suas representações pela produção dos discursos, em especial os literários.

Sobre a história como ponto de partida para a feitura de uma obra literária, tem-se o trabalho de Schmitt e Ponge (2010), que discutem o romance histórico pautado pela reconstituição (em algum grau) de épocas passadas. Eles observam também que o autor é devedor da quantidade e qualidade do conhecimento acumulado e construído pelo historiador e não tem permissão de recorrer às experiências dos integrantes dos círculos que frequenta e de outros

coetâneos, nem mesmo pelas circunstâncias testemunhadas por ele próprio. Esse panorama permite, ainda, refletir sobre a escrita da história e através desta.

Com esses dados e com a curiosidade aflorada pelos outros que poderiam ser descobertos, foi feita, ainda, uma pesquisa de estado da arte com foco nos anais da ANPEd. Para sistematizá-la foram consultados os anais dos GTs dos encontros ocorridos nos últimos dez anos da Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). O recorte a partir dos descritores representação/representações de leitores; representação/representações de leitura; leitores em Luiz Antonio de Assis Brasil; história e literatura obteve pouco resultado. Os principais encontram-se na seguinte tabela:

QUADRO 3. TRABALHOS LOCALIZADOS NA ANPED COM AS TEMÁTICAS SEMELHANTES À PROPOSTA NESTA DISSERTAÇÃO

AUTOR	TÍTULO DO TRABALHO	TÍTULO DOS ANAIS	ANO	GT
CARDOSO, Silmara de Fatima.	“Viajar é inventar o futuro”: narrativas e representações de um ideário educacional na escrita de viagem de Anísio Teixeira (1925-1927)	Educação, cultura, pesquisa e projetos de desenvolvimento: o Brasil do século XXI	2012	GT02 - História da Educação
RICHTER, Sandra Regina Simonis;	Entre Mia Couto e Michel Vandenbroeck: outra educação	Sistema Nacional de Educação e Participação Popular:	2013	GT07 -Educação de Crianças de 0 a 6 Anos

BARBOSA, Maria Carmen Silveira.	da infância por inventar	desafios para as políticas educacionais		
--	-----------------------------	---	--	--

Fonte: Sítio eletrônico da ANPEd. Quadro elaborado pela autora.

No trabalho de Cardoso (2012), há a análise das narrativas e representações do modelo educacional idealizado na escrita de viagem de Anísio Teixeira. A escolha da temática se justifica, segundo a autora, uma vez que os estudos historiográficos têm voltado seus interesses nas pesquisas acerca dos escritos produzidos por viajantes, seus discursos e representações da sociedade, cultura, educação etc. É possível observar, dessa forma, a interlocução com os objetivos desta pesquisa por haver aproximações entre a ideia sobre as implicações do conceito de representações. Enquanto isso, é interessante atentar ao trabalho de Richter e Silveira (2013) por evidenciar o texto literário como um *corpus* de análise para refletir acerca de questões voltadas à educação.

Da mesma forma, com os olhos às dissertações e teses, o primeiro trabalho analisado nessa categoria foi a dissertação de mestrado defendida em 2010, por Roselusia Teresa Pereira de Moraes, também integrante do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALEs), que tem por título “Representações da docência em romances de Erico Verissimo: a personagem Clarissa”. O trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas possui aporte teórico semelhante ao aqui utilizado e a conclusão da autora aponta para a possibilidade de, pela literatura, olhar a história da escola e da docência com uma lente que amplie a atenção e a sensibilidade para esse universo. Assim, ela observa que Verissimo, através da personagem Clarissa e seus traços poéticos e adjetivações, procurava representar um modo de conceber o mundo. Essa personagem, portanto, potencializa questões envoltas pela situação social de uma professora, as representações de suas práticas e suas formas de ser e estar no mundo.

Em seguida, houve a leitura da tese apresentada em 1996 na Faculdade de Educação da Unicamp, de Maria Arisnete Câmara de Moraes – que, aliás, foi mais tarde publicado em livro e cujo título é *Leituras de mulheres no século XIX*. O objetivo ali é atentar para as vertentes: o gênero, a leitura e a cultura letrada no Brasil no século XIX. Além da ampla pesquisa nesse sentido, aquela obra é complementada por imagens de periódicos da época e que ilustram as páginas escritas desse brilhante trabalho. A leitura dessa pesquisa foi bastante motivadora, esclarecedora e auxiliou muito em minha investigação, sobretudo para a feitura do trabalho, parte das primeiras partes desta dissertação, cujo título é “A representação de mulheres leitoras na série *Um Castelo no Pampa*, de Luiz Antonio de Assis Brasil¹⁹”, apresentado no XV ENPOS, no ano de 2013, promovido pela Universidade Federal de Pelotas. E colaborou, ainda, para a participação como palestrante com o trabalho “Práticas de leitura e escritura de mulheres no século XIX²⁰”, também baseado na série sobredita, apresentado no IX Tempos de Repressão: a cultura da violência na literatura, realizado na Universidade Federal de Pelotas, promovido pelos grupos de pesquisa ÍCARO (CLC/UFPel - CNPq) e Literatura e Autoritarismo (UFSM-CNPq).

Outra tese de doutorado lida e relida, e é mister ressaltar que é exemplarmente estruturada, é a da pesquisadora Renata Braz Gonçalves, defendida em 2010 no programa de pós-graduação em Educação da UFPel, contando também com a orientação da professora Eliane Peres e feita também atrelada ao grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES), cujo título é “Livros e leitura na cidade de Pelotas-RS no final do século XIX: um estudo através dos jornais pelotenses (1875-1900)”. A leitura desse estudo foi bastante pertinente, sobretudo ao que concerne ao “capítulo 1 História da leitura: multiplicidade de fontes e de abordagem”. Ali foram encontradas exemplificações e citações importantíssimas para a compreensão e análise do conceito de representações.

A pesquisa realizada no Portal Eletrônico de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) indicou dezenas de

¹⁹ BORGES, F. D. . *A representação de mulheres leitoras na série Um Castelo no Pampa, de Luiz Antonio de Assis Brasil*. In: XV ENPOS 2013, 2013, Pelotas - RS. A representação de mulheres leitoras na série *Um Castelo no Pampa*, de Luiz Antonio de Assis Brasil.

²⁰ BORGES, F. D. . *Práticas de leitura e escritura de mulheres no século XIX*. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

dissertações e teses a partir dos descritores aqui utilizados, contudo, foram encontrados em número reduzido os estudos cujas leituras colaboraram para esse trabalho e que são os seguinte:

QUADRO 4. DISSERTAÇÕES LOCALIZADAS NO SÍTIO DA CAPES COM AS TEMÁTICAS SEMELHANTES À PROPOSTA NESTA DISSERTAÇÃO

AUTOR	TÍTULO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO E INSTITUIÇÃO	ANO DA DEFESA
LANG, Cintia da Silva.	De moças (1926-1960) a Ex-moças (1983-1987): representações e práticas de leitura instituídas na Coleção Biblioteca de Moças. Programa de pós-graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	2008
BEZERRA, Valéria Cristina.	A recepção crítica de José de Alencar: a avaliação de seus romances e a representação de seus leitores. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas.	2012
AMPARO, Patrícia Aparecida do.	Sonhando acordada: um estudo sobre as práticas de leitura da coleção de romances clássicos históricos. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo	2012

Fonte: Sítio eletrônico da CAPES. Quadro elaborado pela autora.

O trabalho de Lang (2008) é sobre a organização e composição da coleção Biblioteca das Moças e das apropriações relativas à formação, cultura e identidade de um conjunto de leitoras desses livros. Foram analisados ali a dinâmica de produção e, ainda, as correspondências das leitoras com a editora e averiguados os indícios e apropriações relativas à leitura implícita que as leitoras faziam desses romances, assim como as representações que a editora fazia dos seus leitores para lhes proporcionar, estrategicamente, estes romances.

Enquanto que as investigações de Bezerra (2012) se propõem a analisar a avaliação que os romances de José de Alencar receberam da crítica durante os séculos XIX e XX. Portanto, atentam à recepção crítica, sobretudo àquela publicada na imprensa periódica do século XIX (mais precisamente a partir de 1857 até o final daquele século). Foi constatado ali que eram atribuídos valor aos textos a partir da caracterização de quem os lia, ou seja, se procuravam prestigiar a obra do autor, lisonjeavam o leitor, e se queriam atacar as obras, os caracterizavam pejorativamente.

Já os estudos de Amparo (2012) objetivam compreender as práticas de leitura mantidas por leitoras de romances tidos como sentimentais, particularmente, a coleção de romances Clássicos Históricos – que era comercializada em bancas de jornal e destinadas ao público popular. Para analisar as fontes são utilizados os conceitos de práticas de leitura, apropriação e circulação propostos por Chartier, além dos conceitos de tática e estratégia, por Certeau; habitus e campo, por Bordieu e socialização primária, por Berger & Luckmann.

Quanto às teses, as pesquisas resultaram em:

QUADRO 5. TESES LOCALIZADAS NO SÍTIO DA CAPES COM AS TEMÁTICAS SEMELHANTES À PROPOSTA NESTA DISSERTAÇÃO

AUTOR	TÍTULO DE TESE DE DOUTORADO E INSTITUIÇÃO	ANO DA DEFESA
ARIAS, Maria Helena de Moura.	O homem que enganou a província ou as peripécias de Qorpo-Santo: uma leitura de <i>Cães da Província</i> , de Luiz Antonio de Assis Brasil. Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Estadual Paulista.	2008
SILVA, Débora T. Mütter da.	Imagens do século XIX na ficção de Luiz Antonio de Assis Brasil. Programa de pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	2008

NASCIMENTO, Danilo de Oliveira.	Representações da infância, da adolescência e da juventude nas crônicas e na prosa ficcional de Raul Pompeia. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas.	2011
SATURNINO, Edison Luiz.	Representações do corpo leitor na pintura artística brasileira do século XIX e início do século XX: contribuições para a história das práticas de leitura. Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	2011

Fonte: Sítio eletrônico da CAPES. Quadro elaborado pela autora.

A primeira pesquisa, de Arias (2008), é um dos únicos textos encontrados que trabalha especificamente com uma obra do autor Luiz Antonio de Assis Brasil, nesse caso, *Cães da Província* (1987). A autora observa o que determina o estético no tocante ao romance histórico – em sua generalidade e especificamente no caso da obra supracitada.

Enquanto isso, na segunda pesquisa lida, de Silva (2008), um dos textos estudados é o *Perversas Famílias* (1994), de Assis Brasil, juntamente com outros três livros do autor, a saber: *Concerto Campestre* (1997), *O Pintor de Retratos* (2002), *A margem imóvel do rio* (2003). A abordagem verifica quais são os pontos de contato entre essas obras a partir da afirmação da autora que tais conexões oferecem novas imagens, eventos e personagens da história sulina e nacional. Interessante destacar que foram localizados apenas esses dois estudos acerca da obra de Luiz Antonio de Assis Brasil.

Já o trabalho de Nascimento (2011) também observa as representações em textos literários – mas nesse caso, os de Raul Pompeia. Entre os textos analisados há os tidos também como não-ficcionais, as crônicas. Estas foram encontradas nos jornais *Gazeta de Notícias*, *Diário de Minas*, do *Jornal do Comércio* do período de 1888 a 1895. Algumas das constatações desse estudo vão na direção de observar a manifestação do discurso do autor em prol da formação educacional, política e artística da juventude e o deslumbre com respeito à participação dessas faixas-etárias em festas populares brasileiras. Foi

possível identificar ali, ainda, os três mitos da infância e da adolescência retratados na prosa ficcional de Raul Pompeia: o da ingenuidade infantil, o da felicidade infantil e o da moça gentil ou moça anjo.

E, por fim, a pesquisa de Saturnino (2011), que observa as representações a partir de uma outra linguagem: a da pintura. Esta investigação, inscrita em âmbito da História da Educação, na perspectiva da história cultural, observa a historicidade dos corpos inscritos nos processos de leitura. Segundo o autor, a partir dessas observações é possível discorrer sobre a corporalidade relacionada à leitura, considerando que o exercício de ler exige uma postura corporal que se modifica de acordo com os suportes, com os lugares e com as expectativas de leitura. Expressam, ainda, diferentes espaços constituídos para a leitura, suas distintas modalidades, a diversidade de suportes para esse fim etc.

Mesmo com o amplo leque de estudos com temáticas em certo sentido afins, é sabido que são sempre bem-vindas pesquisas que buscam contemplar educação e literatura. Afinal, os textos literários são gigantescas fontes para compreender inúmeros aspectos sobre a formação de leitores e as práticas de leitura presentes nos ideários de cada período histórico. Tudo isso auxilia na justificativa do desenvolvimento de uma pesquisa específica acerca das representações de leitores e leitoras na série *Um Castelo no Pampa*.

Para organizar e fazer o cruzamento entre os dados dessas personagens, após a leitura e releituras dos romances, houve a preocupação em organizar uma lista com o nome e características de todas as personagens leitoras que eram narradas na série. Segundo Alvez-Mazotti e Gewandsznajder (1998), este é um processo complexo, não-linear, que implica um trabalho de organização e interpretação dos dados que se inicia já na fase exploratória e acompanha toda a investigação. Para a melhor compreensão desses dados foi feita uma primeira redução de acordo a menor recorrência dessas personagens, preferindo manter apenas aquelas que foram consideradas melhores exploradas nos textos. A seguir, o quadro descritivo²¹ destas, já em seu formato bastante resumido:

²¹ É importante evidenciar que o objetivo de tal resumo está distante de “enquadrar” as personagens em estereótipos ou formas que lembrem caixotes, mas tão somente destacar o percursos – sempre com erros e acertos – dos trabalhos científicos. Tal quadro foi nada mais que um processo de redução de dados, diante do vasto número destes. Naturalmente, para a análise

QUADRO 3. DESCRIÇÃO DOS(AS) PERSONAGENS

Romance em que o(a) personagem aparece com recorrência	Personagem	Características observadas
Perversas Famílias (1994) Pedra da Memória (1994) Os Senhores do Século (1994)	Doutor Olímpio	O personagem é chamado de “doutor” por sua titulação em Direito. “Aos cinquenta anos era um homem belo, bela cabeça, belos cabelos grisalhos e vastos, bigode meio viking” (1994, p. 15). Lê os livros clássicos da literatura e da filosofia, sobretudo os que são dados à política. Homem de vasta cultura, exímio leitor, também escreve e publica poesia, além de prosa. É um dos personagens principais e tem a presença perpassada por toda a narrativa, que é construída em tempo psicológico. Afora isso, é dono da biblioteca com 25.000 volumes do castelo em que vive com sua família no meio do pampa gaúcho - e esse é, como o nome da série já indica, o cenário da maioria das passagens das obras de Luiz Antonio de Assis Brasil. Olímpio também interage com pessoas, percorre ruas, cidades, países e lê periódicos que estão circunscritos a períodos históricos. Morre no exato momento em que sua biografia, escrita pelo personagem Cância Barbosa, é concluída. É velado na biblioteca.
Perversas Famílias (1994) Pedra da Memória (1994)	Páris	Páris é neto de Olímpio. Nos capítulos das obras em que este personagem é o foco o tempo psicológico é o predominante no tocante ao relato de sua infância e juventude. O personagem lê desde muito pequeno e sua narrativa, em primeira pessoa, é carregada de literariedade – em inúmeros momentos há intertextualidade com obras consagradas como <i>Hamlet</i> , de

mais apurada que consta no capítulo sobre as representações das personagens, eles foram revistos, recortados em alguns aspectos e ampliados em outros.

Os Senhores do Século (1994)		Shakespeare, <i>Candide</i> , de Voltaire e <i>O Capital</i> , de Marx, apenas para citar algumas das que se encontram no texto. Em várias passagens dos romances há menção a periódicos e pessoas que realmente existiram, além de espaços geográficos e períodos históricos. Narra seu cotidiano entre livros – em viagens, no quarto, em bibliotecas fictícias e factuais etc. Confessa ter se tornado “excessivamente literário” (1994, p. 262) e habitualmente recorre aos livros para compreender e explicar as situações que vive.
Perversas Famílias (1994) Pedra da Memória (1994)	Condessa Charlotte	É a esposa de Olímpio, avó de Páris. Austríaca, revela-se na narrativa com aspecto comedido, polido e distante exigido de uma mulher pertencente à aristocracia. Lê sobretudo revistas, principalmente a <i>Neue Illustrierte</i> , que de fato circulava no período histórico no qual as narrativas da personagem se inserem. Nas viagens de Olímpio, frequentemente encomenda inúmeros volumes e solicita que ele adquira-os junto aos livreiros. É velada na biblioteca.
Perversas Famílias (1994)	Dona Plácida	Mãe de Olímpio. É literata amadora e tem como interesse as obras de Byron, Lamartine, Musset etc. Um padre, na narrativa, quando descobre que ela está grávida comenta que esta “não será boa mãe, dadas as extravagâncias poéticas” (1994, p.265). Faz comparações da vida com romances, alfabetiza o filho e lê literatura com frequência para ele.
Perversas Famílias (1994)	Félix Del Arroyo	É o único professor da narrativa que não é padre (estes aparecem nas obras de maneira bastante superficial). Utiliza <i>L'Ilustración</i> para dar aulas e discorre lindamente sobre os “tipos de poetas” (1994, p. 109).
Perversas Famílias (1994) Pedra da Memória (1994)	Selene	Filha de Olímpio e Charlotte, mãe de Páris. Associa o próprio nome ao do escritor Mark Twain e faz várias comparações entre si e personagens literários. Lê livros de astronomia e tem predileção pela obra <i>Astronomie Populaire</i> , de Flammarion. É tida como rebelde e é deserdada por Olímpio. Perde a lucidez e tem seu fim solitário em um hospital no exterior.

Os Senhores do Século (1994)		
Perversas Famílias (1994) Pedra da Memória (1994)	Proteu	Filho de Olímpio e Charlotte. Suicida-se, na narrativa, por ser incompreendido e triste - entre vários motivos, principalmente devido a sua homossexualidade. Esse personagem carregado de literariedade é, ainda, leitor e escritor de poemas. Associa seus amores a livros e à poesia.
Pedra da Memória (1994) Os Senhores do Século (1994)	Beatriz	Tia de Páris é leitora assídua de periódicos de caráter histórico (tal como <i>O Globo</i>) romances, poesia e filosofia. Participa de um grupo de leitura nas dependências da biblioteca do castelo juntamente com Páris e Astor. Discorre longamente sobre como é possível comparar a vida com os relatos dos livros.
Perversas Famílias (1994) Pedra da Memória (1994) Os Senhores do Século (1994)	Astor	É o irmão “bastardo” de Olímpio, fruto de um romance proibido entre Plácida e o professor Félix. É descrito como personagem de aparência e hábitos decadentes, sempre embriagado e ouvinte do mesmo disco de vinil ano após ano e, mais precisamente, da mesma música, “The man I love”. Fala com desprezo de Fernando Pessoa e diz que “os livros não me ajudam em nada, minha cultura é outra” (1994, p.39), embora participe de sessões de leitura com Páris e Beatriz, e enquanto lê <i>A Educação Sentimental</i> , de Flaubert, acaba por associar as passagens às suas experiências amorosas (1994, p. 74)
Pedra da Memória (1994)	Antônia Guedes	Essa personagem de triste sorte é filha de empregada de charqueador, nascida às margens do São Gonçalo. Quando jovem passa a ser a copeira do castelo e aparece em um único capítulo da narrativa. Contudo, torna-se interessante atentar que ela somente aprende a ler e escrever para que pudesse fazer o rol das coisas necessárias ao jantar, em especial, para que pudesse cumprir o <i>menu</i> . Antônia evidencia a falta de

		oportunidade de quem não era de família abastada no início do século XX e “nunca seria ninguém, pois nascera fêmea” (1994, p.51). Morreu servindo os jantares dos moradores do Castelo.
Pedra da Memória (1994) Os Senhores do Século (1994)	Urânia ou Nini	Caso extraconjugal de Olímpio, essa personagem “lia quando ficava melancólica” (1994, p. 306). É avistada lendo horas a fio, e entre os textos estão as obras de Comte, Vitor Hugo, Homero etc. Um dos primeiros assuntos sobre o qual conversa com Olímpio é sobre livros e ele passa a admirá-la por seu vasto conhecimento.

Diante desses dados, quando da sua sistematização e a consequente dinâmica de elaboração de hipóteses, houve a tentativa de identificar relações que geraram novos questionamentos além de aperfeiçoarem os anteriores. Dessa maneira, foi necessária uma nova redução. Quando dessa etapa, ocorrida durante o segundo semestre de 2013 e primeiro semestre de 2014, inicialmente, procurou-se atentar às personagens mulheres²². Dentre essas, é possível notar que a maioria pertence, na narrativa, a famílias abastadas e ocupam importante *status* social no Rio Grande do Sul da ficção, assim como a maioria dos demais personagens leitores. Elas e eles chamam atenção por lerem assiduamente e suas leituras não raro corresponderem às suas personalidades ou às situações do momento vivido. Este é o caso da iniciação como leitora da personagem Nini, ou Urânia, como também é chamada:

Dentre o rol de coisas móveis deixadas pelo pai, Nini também herdara os livros, que pediu a D. Cândida. De início não lhes deu muita importância, mas num dia de muito calor tomou ao acaso um daqueles volumes das lendas antigas, pesado, de capa vermelha. Abriu-o pelo meio, leu um pouco e, voltando ao início, embrenhou-se com tanta voracidade nas histórias que consumiu o livro em duas semanas, uma proeza, naquele mundo imóvel. [...] Depois desse pegou outro, pouco menor, que prometeu ler página a página, e não mais de uma por dia. [...] Um padre que ali cruzou aconselhou-a a dedicar-se a coisas mais decentes. Ela fingiu obedecer, mas quando o padre foi embora ela voltou às lendas (ASSIS BRASIL, 1994, p. 145/146).

²² BORGES, F. D. *A representação de mulheres leitoras na série Um Castelo no Pampa, de Luiz Antonio de Assis Brasil*. In: XV ENPOS 2013, Pelotas/RS.

Também é interessante atentar às representações da forma como a sociedade reagia, naquele período, ao ato de ler. O excerto supracitado serviu de base para atentar, nessa etapa, que essas personagens caracterizam socialmente a apropriação da leitura no período histórico retratado no texto.

É importante frisar que os autores, quando se trata de História da Leitura, como por exemplo Chartier (1990, 1995, 2002, 2009, 2011) cujos estudos auxiliam a sustentar esta pesquisa, não se limitam a investigar apenas os usos da leitura, mas também quais são as obras mais lidas; se a leitura é silenciosa ou em voz alta; as ocasiões em que ela se dá, ou seja, se é solitária ou para um público; os efeitos provocados nas emoções e no sentimento dos leitores e ouvintes o significado que ela tem para o leitor (meditação, descanso, reflexão) e, ainda, os lugares nos quais elas se desenvolvem, tais como o jardim, sala, quarto, biblioteca etc.

Enquanto a análise transcorria, não raro é possível sentir-se tocado pelas conquistas e agruras das personagens ambientadas naqueles anos idos, que interessavam-se por romances em prosa e poesia tidos como clássicos e aqueles produzidos na época em que transcorre a narrativa, afora discutirem as notícias correntes através de gazetas. Assim, com a reflexão sobre a literatura ser uma modalidade discursiva com referências atentas ao real, considero pertinente para este trabalho a observação do historiador Roger Chartier (2002) sobre “a apropriação tal como a entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações”, uma vez constatada que as inferências enquanto observador e o que se considera relevante em uma narrativa, acontece graças às vivências do leitor e a consequente compreensão a partir delas.

No processo exploratório, quando supracitada frase, ao identificar e sistematizar esses leitores e leitoras dos romances, foi necessária a classificação dos elementos para resultarem explicações plausíveis e coerentes. Nesse estudo, a pretensão não era trabalhar as definições refletindo sobre as personagens somente de maneira isolada, mas também visando o conjunto de dados que torna possível aproximações e generalizações sobre as representações em torno destas. Para a observação dos dados recorrentes foi feita uma análise que procurasse introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na aparente desordem. Portanto, essa análise permitiu ao mesmo tempo observar a totalidade e classificar a frequência, no texto, dos itens de sentido.

Sabe-se que os comentários e reações das personagens a respeito das relações com a leitura, supostamente feitos de forma despretensiosa, não apenas revelam os aspectos da recepção das obras como também se configuram como testemunhos preciosos dos modos de ler na sua época. Reconstruir essas práticas não é fácil, e como adverte Chartier (2011), não é simples separar aí o que é de uso comum e hábito pessoal, exemplaridade social e especificidade individual. Ainda assim, certas recorrências no texto permitem traçar algumas linhas comuns.

É importante dizer que após a qualificação desse trabalho, com nova reflexão que procurou-se atentar às personagens que pareciam ter suas descrições narrativas mais profícuas para a análise aqui proposta e, portanto, reduzir o número de personagens analisadas para três, a saber: Olímpio (quando criança e adulto), Páris (quando criança e adulto), Beatriz (afora algumas reminiscências psicológicas na personagem, sua passagem mais expressiva na obra acontece durante os anos de sua maturidade). Dessa maneira, amparadas pelo conceito de representações (CHARTIER, 2009), foram articuladas categorias de análise que privilegiassem as modalidades e procedimentos de leitura, os repertórios de leitura de Olímpio, Páris e Beatriz. Observar esses repertórios que foram coletados na análise exploratória oferece rico material para a reflexão sobre a escolha de livros e os papéis sociais que configuram na construção das personagens e são esses questionamentos que surgem nos próximos capítulos - tudo isso aconteceu concomitantemente à análise dos aspectos teóricos sobre as representações.

É importante ressaltar que a leitura se constitui como prática cultural com características bastante próprias. As práticas de leitura realizadas em diferentes espaços geográficos dificilmente serão idênticas. Esses espaços também serão diferentemente constituídos, dependendo dos períodos da história. A série literária é ambientada, na maior parte das narrativas, em algumas cidades gaúchas, principalmente Pelotas e Porto Alegre. Essa constatação é relevante uma vez que no final do século XIX e começo do século XX ambas as cidades eram polos culturais do Rio Grande do Sul, sobretudo no concernente à literatura e às artes, de modo geral. Afora o apogeu econômico-urbano dessas localidades em relação às cidades vizinhas, a proliferação dos discursos que incentivavam o desenvolvimento literário para contribuir com a formação intelectual e moral

são típicas desse período – ostentado orgulhosamente, caso fosse bem sucedido.

Com algumas pesquisas feitas em periódicos - ainda que bastante superficiais - para compreender as referências atribuídas às personagens, observou-se que era enfatizado por inúmeros periódicos que circulavam naquele período como as livrarias, jornais, associações literárias e bibliotecas eram um sinal de civilidade e boas condições sócio-culturais. É o caso frisado pelo *Correio Mercantil*:

[...] Quanto às artes, aos costumes, às riquezas e aos melhoramentos locais, pôde-se asseverar que marchamos na vanguarda do progresso. Temos quatro jornais diários de regular formato e três semanais, telegraphos terrestres para todo o imperio com comunicação com a Europa e republicas do Prata, officinas bem montadas que fabricam diferentes artigos de primeira necessidade, uma Bibliotheca Publica com 2.200 volumes e edificio proprio em construção, encanamento de gaz e agoas correntes, companhia de Bondes, as ruas quasi todas empedradas e uma infinidade de outros melhoramentos que parece ocioso mencionar (*Correio Mercantil*, 05 dez. 1878, p.4).

Tal excerto, por exemplo, auxiliou a entender o motivo pelo qual as personagens, letradas e cultas, eram representadas constantemente passeando nesses espaços. Embora nos jornais fossem ressaltados esses aspectos quanto às melhorias urbanas e em alguns momentos quanto ao povo “civilizado”, é importante argumentar, conforme Peres (1995), que eles são contraditórios, afinal, em Pelotas, por exemplo, conviviam homens e mulheres das elites, mas também um contingente de escravos, negros livres e libertos, trabalhadores nacionais e imigrantes, e ainda, desempregados, além de uma emergente classe média composta por indivíduos de serviços públicos e privados, como se sabe, ofuscados por praticamente toda a historiografia oficial. Portanto esses espaços não eram constituídos somente pelas pessoas pertencentes ao *status* social brasileiro mais elevado - contudo, as personagens principais da série pertencem a essa conjuntura.

De todo modo, é inegável que nesse contexto era possível estabelecer contato com a cultura europeia em voga. Ainda de acordo com a autora, graças ao intermédio das operações portuárias, os navios carregados de charque voltavam das viagens com livros e magazines, entre outros objetos, dos centros econômicos mundiais. Talvez por esse motivo Porto Alegre e Pelotas eram

consideradas as maiores cidades da província no tocante ao avanço do comércio de livros e por esse motivo é em tal universo que são representadas as personagens leitoras.

Nessas obras em que história e literatura dialogam a tal ponto de se confundirem, fica a critério da pesquisadora o que contemplar como as representações a estudar mais detidamente, sem que haja uma ordem estacada. Essa diversidade de discursos nos livros analisados se inscreve como uma série de usos sociais reforçados no texto literário. Por exemplo, em muitos casos as representações da leitura colocam o narrador como posição de *voyeur* em plena invasão da intimidade, outras vezes elas acontecem no exterior do espaço doméstico, em outras situações, ainda, elas aparecem inseridas na narrativa como se estivessem prontas para serem fotografadas, pousando no texto em forma de mulheres sorridentes e comportadas com seus melhores vestidos e livros na mão em espaço público. Evidenciar como é feita as representações das personagens leitoras em *Um Castelo no Pampa*, principalmente Olímpio, Páris e Beatriz, será o objetivo das páginas que seguem.

2 AS REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS LEITORAS

Uma das tarefas fundamentais de todo trabalho intelectual consiste, ao que me parece, em fazer justiça, através de uma leitura atenta, às obras que ajudam a aperfeiçoar os parâmetros intelectuais necessários para compreender de outra maneira as velhas questões.

(CHARTIER, Roger. *A força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011, p. 58.)

A leitura tem uma história.

(DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p.18)

Um livro muda pelo fato de que não muda quando o mundo muda.

(A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: Chartier, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 250).

As representações dos leitores e leitoras é, na narrativa, algo como um quebra-cabeças. Para continuar a juntar tais peças, nessa parte do trabalho são feitas análises sobre três das personagens principais do *corpus* analisado, são estes: Doutor Olímpio, Páris e Beatriz.

Tendo em mente que emerge a importância, para os educadores, que configuram-se entre os principais incentivadores da leitura, de compreender a forma como estes sujeitos são representados e comportam-se através dos anos no Brasil – mesmo para questionar certos juízos -, antes de tudo, é importante esclarecer que “para entender como algumas obras literárias configuram as representações coletivas do passado, pode-se fazer o uso do conceito de ‘energia social’ que desempenha um papel essencial na perspectiva analítica do New Historicism” (Chartier, 2011, p. 96). A noção de “energia social” atua como uma noção-chave tanto para o processo de criação estética quanto para a capacidade das obras de transformar as percepções e experiências de seus leitores. Por tanto, a escrita literária apreende a poderosa energia das linguagens, das práticas do mundo social, dos ritos, tal como acontece nas três obras analisadas.

A série *Um Castelo no Pampa*, que evidencia a saga de uma família que se confunde com a do próprio Rio Grande do Sul, foi escrita por Luiz Antonio de Assis Brasil²³ em um vaivém – em Porto Alegre, em Berlim, na estância

²³ Nascido em Porto Alegre no ano de 1945, Luiz Antonio de Assis Brasil é um dos mais importantes autores brasileiros de sua geração. Formado em Direito e Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o escritor possui uma vigorosa

Camboatá em Pedras Altas -, assim como o estilo narrativo é construído. Em alguns momentos quem fala são as personagens principais, em outro, o narrador onisciente, ora no passado, ora no presente. Quanto às personagens, todas estão irrevogavelmente encadeadas à tradição local quanto ao chão que pisam ou às águas que cruzam.

O autor deixa claro, nas últimas páginas de *Pedra da Memória*, que os romances podem ser lidos separadamente, e por esse motivo ele não considera os três livros, *Perversas Famílias* (1994), *Pedra da Memória* (1994) e *Os Senhores do Século* (1994), como uma trilogia, e sim como um romance em sequência.

Em *Perversas Famílias*²⁴, primeiro livro publicado, o centro da atenção parece ser a construção de um Castelo²⁵ medieval em pleno pampa gaúcho. Ali são exploradas as situações conflitadas das famílias abastadas do Rio Grande do Sul, afora as cavilações políticas que se desenrolaram no tempo narrativo situado nos séculos XIX e XX. O Castelo²⁶ abriga, nas três obras, em seu luxo e

carreira acadêmica, tendo lecionado disciplinas nas universidades de Sorbonne, Toronto, Leipzig e Açores. Na PUCRS, criou e coordena até hoje a Oficina de Criação Literária, que já conta com mais de vinte e cinco anos. Suas obras têm em comum, em graus variáveis, temas históricos como a imigração açoriana (*Um quarto de légua em quadro*) e os mitos do tradicionalismo gaúcho (*A prole do corvo*), além de carregarem um forte teor de discussão sobre estética e importância da arte na sociedade. (Disponível em <http://www.pucrs.br/delfos/?p=assisbrasil>, acesso em 1º de dezembro de 2014).

²⁴ No ano de 1994 o livro foi o ganhador do Prêmio Pégaso de Literatura, da Colômbia.

²⁵ Nas três obras estudadas a palavra Castelo aparece com a letra inicial maiúscula, o que seria considerado um desvio da norma culta da Língua Portuguesa, mas por compreender-se que o autor preferiu utilizá-la para dar maior significado à essa arquitetura, preferiu-se manter tal grafia nessa pesquisa. Torna-se interessante atentar que tal substantivo próprio atua, por vezes, como personagem – não em um âmbito central e com protagonismo (como acontece em *O Cortiço*, de Aloísio de Azevedo, por exemplo), mas ao direcionar o pensamento das demais, por possuir um vínculo afetivo (além de cultural) e funcionar com um tipo de referência que se costuma ter com a ideia de terra natal, e, ainda, para redimensionar os problemas históricos das principais personagens.

²⁶ Torna-se interessante atentar que, de fato, existe um Castelo no pampa. Ele foi construído no município de Pedras Altas, no interior gaúcho, por Joaquim Francisco de Assis Brasil (São Gabriel, 29 de julho de 1857 – 24 de dezembro de 1938). Joaquim foi advogado, escritor e estadista brasileiro, afora propagandista da República. Foi, ainda, fundador do Partido Libertador, deputado e membro da junta governativa gaúcha de 1891. Juntamente com o Barão do Rio Branco, assinou o tratado de Petrópolis, que assegurou ao Brasil o estado do Acre. No Rio Grande do Sul há uma cidade com o nome em sua homenagem, Assis Brasil. Existem, no Castelo, 12 lareiras e 44 cômodos, entre eles uma biblioteca que abriga 15 mil livros que incluem clássicos de francês, latim e inglês. Há ali, por exemplo, 22 volumes da Enciclopédia, de Diderot e D'Alambert, de 1751. A maioria dos móveis foi trazida dos Estados Unidos e a primeira pedra da imponente construção foi colocada ali em 1893, no período em que contrapunham-se as forças políticas dos aliados de Borges de Medeiros e de Assis Brasil – essas são passagens que, inclusive, constam na literatura aqui estudada. Uma das janelas preserva, ainda hoje, os vidros quebrados pela invasão dos chimangos. Assis Brasil não permitiu que fosse concertada pois

requinte aristocráticos, a propaganda republicana, saraus literários e musicais – tem-se a narrativa de leituras em voz alta, portanto -, afora casamentos, loucura, embriaguez, estupro, adultério, importantes reuniões políticas, velórios. Na primeira obra são tematizadas, também, a nobreza pelotense, a belle-époque carioca, a Exposição Universal de Paris de 1889.

Em *Pedra da Memória*, livro que dá continuidade à série, é desenvolvida a trama anteriormente iniciada. Esse segundo livro dá a impressão de ser mais atento às questões políticas. Por exemplo, Doutor Olímpio, uma das personagens principais e mais detidamente abordadas nesse estudo, como será visto a seguir, dá materialidade à ideia do Castelo e tem seu percurso vertiginoso em foco desde a proclamação da República até o final da Revolução de 1923²⁷. Nesse volume são assistidas, também, as paixões homossexuais conflituadas e altamente reprimidas que culminam com o suicídio de Proteu, filho de Olímpio; as patéticas aventuras do triste Astor, irmão bastado de Olímpio, fadado pela natureza das circunstâncias sociais e históricas ao anonimato; o crescimento e tentativa de desvelar a própria história envolta de profundo mistério de Páris, neto de Olímpio. São narradas, igualmente, as personagens serviçais em seu cotidiano e na totalidade de suas pequenas-grandes vidas. Os cenários desse segundo volume são Lisboa, Viena, Buenos Aires, Pelotas, Porto Alegre – e as batalhas gaúchas são alternadas com momentos pungentes e episódios burlescos.

Já em *Os Senhores do Século*, a trajetória de Olímpio, num misto de patriarca e político, é mais detidamente acompanhada. Os inúmeros conflitos

“toda casa deve ter suas cicatrizes” (Disponível em <http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp>, acesso em 15 de dezembro de 2014).

²⁷ Um dos levantes mais importantes da história do Rio Grande do Sul foi a Revolução de 1923, conhecido como um movimento armado. No ano de 1893, assumiu o cargo de governador do Rio Grande, Júlio de Castilhos, que conta com a Revolução Federalista que desenvolveu-se durante o seu mandato. Em 1898, é eleito então Borges de Medeiros, que ocupou o poder por quase 20 anos, sendo que foi reeleito em 1903 e ficou até 1908, quando decidiu não mais se candidatar. Escolheu então uma pessoa de sua confiança, Carlos Barbosa, que contava com a influência por trás de Borges que praticamente continuava a governar. Este foi reeleito em 1913 e ocupou o cargo até 1923, sendo reeleito mais uma vez (...). Nesse movimento armado lutaram, de um lado os partidários do presidente do estado, Borges de Medeiros, e do outro, os aliados de Joaquim Francisco de Assis Brasil (DELPHINO, 2015, s/p).

peçoais dos quais manteve-se distante toda a vida agora bombardeiam por todos os lados e a sua personalidade contraditória – inclusive em política – é brutalmente atingida. A salvação para o desgosto e desencanto com a vida e os seus projetos passados vem na forma de uma biografia sua escrita pelo amigo Cândio Barbosa. São narradas, ainda, as descobertas acerca da própria vida, história e amores de Páris, juntamente com o tio Astor e a tia Beatriz. A Páris, único integrante da nova geração, restará o legado familiar e do Castelo.

Para e nesses cenários sobreditos são contadas inúmeras histórias que em vários momentos confundem ficção e história. Muitas são as semelhanças entre acontecimentos e literatura nessas três obras, tanto de personalidades que hoje dão nomes às ruas gaúchas, como referência às situações políticas, a periódicos que circularam no período supracitado e assim por diante – o autor, desta feita, enfatiza que são apenas semelhanças e que assim deve-se considerá-las. Naturalmente, o implícito nessa afirmação é que a literatura não tem nenhum compromisso com a realidade e que o intuito ali não era fazer um relato documental, contudo, não se crê que sejam apenas semelhanças. Elas estão ali por algum motivo, seja com a finalidade de subverter a história ou por ter o caráter metafórico de “colocar a mão em vespeiro”, dito popular que se refere aos perigos de assumir determinadas posições. Nesse sentido que caminha a passagem a seguir:

Getúlio Vargas, como se sabe, morreu picado por um enxame de abelhas que cultivava nos jardins do Plácio do Catete, no exato momento em que, provido de um véu de gaze, ia retirar-lhes o mel. Ensinamento: governantes brasileiros não devem dedicar-se à apicultura (ASSIS BRASIL, 1994, p. 183)²⁸.

Getúlio Vargas²⁹, nesse excerto, que figura em inúmeras reuniões políticas ao lado do destacado Doutor Olímpio, tem a história de sua morte

²⁸ Outra interpretação pode caminhar no sentido que ao invés de dizer que Getúlio suicidou-se, tal passagem dá a entender que, na verdade, por ter “colocado a mão em vespeiro”, tal decisão foi tomada porque ele ficou sem saída – uma tentativa de defesa da personagem histórica, um tipo de justificativa para a “aura” popular que permaneceu sobre ela naquele período.

²⁹ Advogado, nascido na cidade de São Borja, estado do Rio Grande do Sul, em 19 de abril de 1883. Iniciou sua vida política como deputado estadual (1909-1912; 1917-1921) pelo Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), e na mesma legenda foi eleito, em outubro de 1922 à Câmara dos Deputados e, em 1924, reeleito deputado federal (1923-1926). Com a posse do presidente Washington Luís, em 15 de novembro de 1926, assumiu a pasta da Fazenda, permanecendo no cargo até dezembro de 1927. Eleito presidente do Rio Grande do Sul, tomou posse em 25 de janeiro de 1928. Em agosto de 1929, formou-se a Aliança Liberal, coligação oposicionista de âmbito nacional que lançou as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa

contada de outra maneira. Sabe-se, através da imprensa da época, que o ex-presidente brasileiro não morreu pela picadura de abelhas, mas suicidou-se com um tiro no peito em 24 de agosto de 1954. Contudo, esse excerto talvez possa fazer referência, de maneira irônica, às circunstâncias de isolamento e descrédito político através das quais sua morte se deu. É dessa maneira que transcorrem a maior parte das passagens históricas na série, já que salvo raras exceções, a história não é contada tal qual é mostrada nos livros que atentam aos fatos do passado.

Para Chartier (2011, p. 12), no compilado *A força das representações: história e ficção*, “enquanto as hipóteses devem ser empiricamente confirmadas, a fim de serem validadas, ficções são formas de articulação de ideias que dispensam ulterior confirmação”. Em tal contexto, destaca-se a estratégia da “história contrafactual”, cuja operação supõe a incorporação do “como se”, definidor da ficcionalidade, ao trabalho de reconstrução do passado.

Parte-se do pressuposto que a história é constituída a partir de representações do tempo transcorrido. Para a História Cultural, corrente de estudos que recebe grande atenção no momento atual, uma quantidade enorme de textos podem pensar a escrita, leitura e linguagem da história. Assim, esta estuda, inserida em um determinado recorte contextual, os mecanismos de produção dos objetos culturais entendidas amplamente – e aí se encaixa a literatura. Se a História Cultural contempla esses mecanismos de produção, a saber, sua intencionalidade, a questão intertextual, a dimensão estética e sua recepção como uma forma de elaboração de sentidos, encaixa-se perfeitamente nesse estudo que procura observar quem fala e de qual lugar, para quem fala e como acontece a recepção do leitor. A literatura, dessa maneira, atua como

à presidência e vice-presidência da República, respectivamente. Derrotado nas urnas pelo candidato paulista Júlio Prestes, Vargas reassumiu o governo do Rio Grande do Sul, e articulou o movimento de deposição do presidente Washington Luís que culminaria com a Revolução de 1930. Após o exercício da junta governativa, Getúlio Vargas tomou posse como chefe do governo provisório em 3 de novembro de 1930. Com a promulgação da Constituição de 1934, foi eleito presidente da República pela Assembléia Constituinte. Em 10 de novembro de 1937 anunciou a dissolução do Congresso e outorgou a nova Carta, dando início ao Estado Novo. Governou o país até ser deposto, em 29 de outubro de 1945. Elegeu-se senador (1946-1949) na legenda do Partido Social Democrático (PSD) e concorreu às eleições presidenciais de 1950 pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), agremiação que fundara em 1945. Vargas recebeu 48,7% dos votos, vencendo por larga maioria seus opositores, e tomou posse em 31 de janeiro de 1951 (Disponível em <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/getulio-vargas/biografia-periodo-presidencial>. Acesso em 14 de dezembro de 2014).

intermediária entre o produtor e o receptor, articuladora como chave das representações e, portanto, como um tipo de documento para análise. Le Goff (1996) vai adiante nesse pensamento ao afirmar que é necessário refletir sobre as condições sócio-históricas dessa produção e o lugar social onde ela foi construída, com atenção às relações de poder que cercam e atravessam o produto.

Dessa maneira, embora a intenção não seja deixar as questões estéticas em segundo plano e nem fazer a análise a partir da biografia de Luiz Antonio de Assis Brasil, contextualizar o texto escrito é importante para elucidar seu estilo, sua linguagem e a sociedade que embasa o escritor, seu texto e possivelmente seu leitor ideal³⁰.

Para dar continuidade aos questionamentos sobre a relação entre as representações, as narrativas e a recepção, é imprescindível atentar, primeiramente, à maneira como aparecem e o poder dos papéis das personagens nas obras. Isso quer dizer que de acordo com a compreensão dessa pesquisa dos textos referenciados a partir do conceito de representações de Chartier (2011), estas não funcionam como meras descrições, tipologias neutras, retratos ou reflexos - mas inúmeras vezes servem para reforçar e mesmo impor representações da “boa leitura”, para desqualificar certos hábitos e sugerir modelos de conduta. Essas representações atuam como personagens autorizadas da experiência comum dos leitores.

Contudo, se é possível afirmar que as representações evidenciam algo do social, e que também por esse motivo ela foi escolhida como fonte de investigação, não se pode pretender que ela dê conta, fielmente, desse social. Ou seja, “o autor já traz em si certos implícitos da representação, certos ‘representados’ da representação” (FRAISSE, POUPOUGNAC & POULAIN,

³⁰ O leitor ideal (que leva em consideração sobretudo três níveis de leitura, o entendimento da obra, a relação com o seu contexto e as suas contradições), ao tratar da história da leitura, para Chartier (2001, p. 20), é aquele sob o qual autores e editores têm sempre inúmeras representações. Estas versam como as competências que supõem que o leitor tenha, são os pensamentos e condutas que desejam nesse leitor e que fundam seus esforços e efeitos de persuasão. Chartier parece avançar nesse sentido, em relação à Estética da Recepção, que também preconiza acerca do leitor ideal, porque também elabora qual seria o leitor “real” – por exemplo, alguns leitores não conhecem os dados históricos que perpassam a narrativa, mas conseguem relacioná-los com o contexto; outros compreendem a história, mas não entendem como ela se relaciona com o texto; há ainda aqueles que evidenciam uma contradição, embora não consigam precisar de onde ela vem.

1989, p. 60). A obra é também um espaço de criação do artista³¹. Este, afinal, dirige-se a um público cambiante e esse fator condiciona, em parte, as representações – toda constituição de um repertório traz consigo o caráter arbitrário da seleção. Afora isso, com as diversas publicações muda a difusão, o próprio suporte tem modificações e tudo diferencia – quando não opõe os públicos leitores potenciais.

No âmbito dos estudos literários, as representações atuam como modelações estéticas capazes de dialogar com a compreensão corrente do que seja a realidade, materializando as ficções através da língua. Embora preferencialmente o conceito de representações explica-se por si, para tratar de literatura parece que ele caminha melhor ao lado de outro termo bastante caro: verossimilhança.

Verossimilhança seria uma possibilidade da verdade³², uma mentira não-grosseira, que não escandaliza uma verdade provável. Tal conceito é essencial no fazer literário porque abre espaço para todas as possibilidades simbólicas no tocante à história, à sociedade, aos seres humanos. Algo que se pretende verossímil está inevitavelmente atrelado ao entendimento das referências que norteiam a sua constituição. Segundo Luiz Costa Lima:

verossimilhança (...) sempre resulta de um cálculo sobre a possibilidade real contida no texto e sua afirmação depende menos da obra do que do juízo exercido pelo destinatário. A obra por si não se descobre verossímil ou não. Este caráter lhe é concedido de acordo com o grau de redundância que contém (LIMA, 1973, p. 33).

Portanto, a verossimilhança teria a necessidade de ser coesa e ter unidade entre as partes narrativas, mas não necessidade possuir “verdade

³¹ Quanto à essa afirmativa, Assis Brasil, no texto “Escrever, todos escrevem”, presente na obra organizada por Clara Pechansky, cujo título é *A face escondida da criação*, evidencia que “toda narrativa é um jogo entre aquilo que se diz e aquilo que não se diz. Uma história, como vimos, é fruto de episódios concretos, articulados segundo uma relação de causa e efeito, isto é: um episódio dá origem a outro, que por sua vez originará outro e assim forma-se o tecido narrativo. (...) Para mim, a personagem é um produto da minha sensibilidade e possível inteligência, e é o resultado de um processo: parto do princípio que as personagens têm função instrumental, dentro de uma narrativa: não sou dos escritores que gostam de escrever histórias das personagens; prefiro contar histórias em que as personagens são adequadas à história. (...) É a maneira também dessas personagens viverem por mim as experiências que meu pudor não me permite viver; é o momento, também, de viverem por mim o momento de épocas pregressas – que não vivi (ASSIS BRASIL, 2005, p. 66/68/71).

³² Verossimilhança, enquanto conceito, apresentaria, à época em que foi cunhada, uma alternativa à noção de verdade. Paul Ricoeur, em *Tempo e narrativa*, problematiza que a realidade é o caos e narrativa é a tentativa de uma ordem.

histórica”. Contudo, para que ela seja eficaz, é necessário que coexistam a verossimilhança interna e a externa. Essa primeira emerge da própria estrutura da obra para que não pareça um corpo estranho na narrativa e é concebida como objeto de representação simbólica e linguística – ela apoia-se intrinsecamente na necessidade morfológica da organização narrativa. Já a segunda forma de verossimilhança, de fácil verificação, ocupa-se dos discursos cultural e socialmente disponíveis onde a obra terá seu modo de recepção através da publicação³³. Isso quer dizer que quaisquer critérios de verossimilhança estabelecidos são relativos na medida em que dependem dos discursos que os cercam e que o autorizam a ser um princípio de referencialidade e de realidade. Essa forma de proceder quando ao verossímil utiliza o conhecimento já sedimentado nos receptores da obra – o que auxiliará na aceitação e na leitura do texto.

Tal conceito sobredito parece auxiliar na compreensão representacional, historicamente – sem que redunde. Pelo contrário, parece adequar-se à situação que lhe cabe e, por esse motivo, é pilar na compreensão das personagens aqui analisadas³⁴.

Quanto a estas, procurou-se deter o trabalho atentando aos acontecimentos e hábitos perpassados por Doutor Olímpio, Páris e Beatriz. Primeiramente, porque diante da totalidade das personagens, Olímpio e Páris são aqueles narradores ou personagens narradas mais demoradamente trabalhados pelo autor, a saber: suas características físicas e de personalidade, afora leituras e modos de ler e a visão de mundo suscitada através, também, da atividade leitora. Beatriz é configurada como mais uma leitora assídua, que possui inclusive pequena biblioteca própria; contudo, ela aparece de forma secundária, no início somente como a tia e mais tarde como desejo amoroso de Páris. Sobre as personagens e as passagens que atestam que estas sejam representações de leitores e leitoras com muito a dizer sobre o período e modos de ler é que esse capítulo irá se deter a partir de agora.

³³ Quanto às publicações, Chartier (2011, p. 46) alerta que “a história da literatura deu o primeiro papel ao autor, esquecendo às vezes que seu texto só chega a seus leitores depois de ter sido copiado e composto por tipógrafos que o interpretam de acordo com seus hábitos e suas preferências”.

³⁴

2.1 Olímpio, o Doutor: proeminente e contraditório senhor do século

Caracterizado fisicamente como “homem belo, bel cabeça, belos cabelos grisalhos e vastos, bigode meio-viking” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 15) já em sua maturidade, é sobre Olímpio que recai a maior preocupação narrativa. Representado, ainda, como Doutor que cheirava a tabaco, livros velhos e goma de camisa (ASSIS BRASIL, 1994, p. 365), é o perfil completo de um homem opulento e notável político, diferente da maioria dos tipos introspectivos retratados, não raro toscos, imersos no ambiente áspero que condiciona e modela, ainda assim é um arquétipo comum do que se julga um “homem bem sucedido” há décadas.

Mesmo que em alguns momentos tal personagem apareça menos, ainda assim, certamente é possível dizer que essa é a principal. O que o distingue nos três volumes é que ali são acompanhados seu nascimento e morte, juntamente com todas as fases do crescimento físico e também ideológico, detalhes negligenciados a outras personagens.

Nas representações dessa personagem têm-se leituras inscritas no espaço doméstico e outras que no mais das vezes aparecem em áreas externas, como as leituras de jornais em cafés. Há, também, as representações de leitura em sua dimensão ajustada à história pessoal, algo de auto-biográfico³⁵: tais relatos evocam a infância e a sua repercussão na maturidade.

A ambientação em terras rio grandenses, quase sempre bravias, saturadas por intensas disputas políticas, tem por objetivo precípua realçar quem eram e como agiam os homens poderosos, abastados, nesse círculo exclusivamente masculino. O cenário, inúmeras vezes, é subordinado à personagem de Olímpio, sobretudo o da Biblioteca. Quando da sua construção, embora houvesse pouco que Olímpio pudesse fazer, estava sempre com olhos nas modificações, maravilhado. Enquanto esbarrava nos operários que entulhavam a obra, dirigia-se ao amplo salão e já previa como ficariam dispostas

³⁵ É conveniente ressaltar que há vasta diferença, conceitualmente, entre auto-biografia e observações de terceiros. Auto-biografia é o “relato retrospectivo em prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, ao pôr em destaque sua vida individual, em particular, a história de sua personalidade” (FRAISSE, POMPOUGNAC & POULAIN, 1989, p. 13). São, portanto, relatos de aprendizados feitos por aprendizes já na maturidade. Afirmar que há auto-biografia nesses capítulos específicos em que dá-se voz a Olímpio seria um contrassenso. Mesmo aqui há a representação: nesse caso, de como seria uma auto-biografia da personagem Olímpio.

as duas ordens de prateleiras. “Aqui respirará o espírito da Humanidade... Liber, inter vos est dulce vivere / dulce mori³⁶...” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 117), dizia. As próprias frases intercaladas pelo Latim, já em desuso, porém corrente para os letrados - na transição do século XIX para o século XX - que tinham contato com alguns textos da literatura clássicas (inúmeros deles ainda não haviam sido traduzidos para o francês, de acordo com a historiografia literária), afora os livros eclesiásticos, deixam evidente o grau de conhecimento elevado da personagem.

Este passou a esperar que estivessem concluídas as modificações dedicando-se a catalogar a Biblioteca que já ostentava quase 1.000 volumes. Mas cansou-se das obras já no terceiro dia, preferindo lançar-se à escritura do sempre adiado livro sobre a vida rural³⁷. Sobre esse espaço reservado aos livros, ornado com tapetes persas e afegãos, é assim descrito logo nas páginas iniciais do primeiro volume:

submergiam a Biblioteca – de dois andares, com uma passadeira de ferro a dividi-los – em uma obscuridade sufocante, mais propícia às elucubrações do Doutor do que à leitura atenta dos 25.000 volumes encadernados em marroquim verdolengo e lombadas com letras em ouro doze quilates (ASSIS BRASIL, 1994, p. 10).

O excerto firma um recurso espacial amplamente utilizado ao longo dos romances: tal atmosfera, a da Biblioteca, é utilizada para preparar o leitor para os acontecimentos-chaves na ligação dos textos, não são meras passagens verossímeis às atividades leitoras de Olímpio. Esse espaço, diferente da representação mais habitual de local para estudos, é marcada, principalmente, para simbolizar, através das inúmeras cerimônias ali realizadas, a erudição e lugar social e afetivo da personagem. Sobre esse último, ele é ressaltado por várias passagens nas obras: seus filhos, seu neto, sua esposa, todos associam a Biblioteca como uma extensão de Olímpio e, portanto, têm uma relação afetiva com essa parte arquitetônica do Castelo. Essa ligação é reforçada, por exemplo, nos capítulos em que a personagem Selene, a filha de Olímpio e mãe de Páris, tem suas memórias acerca do pai fortemente ligadas ao espaço que abriga os livros:

³⁶ Tradução livre: Livro, entre vós é doce viver, doce morrer.

³⁷ O tema mais específico de tal obra não é suficientemente explicado na narrativa.

Ah, são longas as noites quando o Castelo fica despovoado e apenas a luz da Biblioteca mantém-se acesa. Quantas vezes espreitei e vi, como agora: o Doutor em robe e chinelas, vagando entre seus livros, trazendo a escada portátil para um determinado lugar, não acha o que procura, depois sobe à galeria, caminha de um ponto a outro, vejo-o desde esta posição inferior, o pisar lento sobre a passadeira de ferro (ASSIS BRASIL, 1994, p. 306).

É conveniente ressaltar que essas lembranças – em todas as personagens que as mencionam- são ligadas por profundo sentimento de admiração pelo hábitos leitores de Olímpio, naturalmente associados à sua educação, bom senso e justiça, sobretudo no primeiro volume, o *Perversas Famílias*, e também, mas em menor quantidade, em *Pedra da Memória*. Mais tarde, contudo, em *Os Senhores do Século*, a linha que conduz os romances, ao destacar a passagem do tempo e as relações conturbadas do Doutor com a sua família, mostra que esses sentimentos anteriores das demais personagens ligadas a ele passam por intensa transformação e dão lugar às sensações de ciúme pelo espaço, de abandono e descrédito do pai/marido pelas necessidades afetivas familiares. Não raro trocava quaisquer momentos em família para ficar no remanso da Biblioteca, “ouvindo o balir das ovelhas de Virgílio” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 173). É como se os livros, somado às atividades políticas, tivessem roubado o patricarca.

Nas passagens dos capítulos que atentam à constituição da Biblioteca tem-se um ziguezaguear narrativo. Por exemplo, em no mínimo duas circunstâncias é abordada a sua construção, a ordenação dos livros, a quantidade de exemplares, os títulos em línguas estrangeiras que o espaço contempla, pormenores das capas e demais páginas, as coleções, enfim, detalhes diversos:

Se vê, alinhado em duas ordens de prateleiras com uma passadeira de ferro a dividi-las, os seus futuros 25.000 volumes. Destes, já possui 2.100, espalhados pela casa, pela estância, pelo Solar dos Leões e pelo seu quarto no Hotel Central em Porto Alegre; aqui todos os livros serão reunidos – aqui será o templo da cultura e do progresso, para onde acorrerão todos os sedentos de saber (ASSIS BRASIL, 1994, p. 388).

É compreensível que o projeto engajado de Olímpio - dado sua vertente política e o que ela buscava representar em seu período de ascensão -, nesse trecho da linha condutora dos romances, contemple os livros e um espaço adequado para abrigá-los, afora servir de local para estudos ou mesmo leituras

informativas e corriqueiras para os “sedentos do saber”. No entanto, no decorrer das páginas, o que tem-se é antes um espaço que serve como um refletor social ideal de pessoa culta que Olímpio esforça-se em manter do que, de fato, um espaço útil à população ou mesmo às pessoas mais íntimas a ele. Para colaborar com a afirmação que tal imagem erudita da personagem é importante e faz-se, nos romances, de tudo mantê-la (talvez uma das mais fieis representações do desespero na permanência de status dos políticos de origem nobre do país à época, com fortes resquícios na atualidade, inclusive), tem-se a ocasião em que para pintar um quadro do chefe da família que ficaria ostentada na parede do Castelo – hábito bastante comum à época – a imagem que pretende-se perpetuar, aquela que parece mais adequada, seria a de Olímpio culto e leitor. Chamam o pintor Frederico Trebbi³⁸ para tal feito, que sugere o que todos acatam e julgam conveniente: que a pintura tenha, como fundo, “as prateleiras da Biblioteca, um livro aberto junto ao bureau, um ar sábio...” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 319).

Ora, outra questão importante de assinalar é que as representações da personagem leitora na Biblioteca como modelo não são apenas diversas, como podem pressupor seus contrários. Se é vantajoso por ser bem visto ter vasta quantidade de livros e permanecer em espécies de templos rodeador por eles, ainda que o principal objetivo de abrigá-los não seja sempre e exclusivamente para lê-los, a existência de modelos valorizados significa imagens desvalorizadas, as leituras legítimas, distintas, cultas, indicam que existem seus opostos – quanto a esses últimos, ocupam nos romances o mesmo lugar que ocupavam e ainda ocupam socialmente, o de subalternos. Não parece haver

³⁸ Frederico Alberto Crispin Arnoldi Trebbi (Roma, 1837 – Pelotas, 1928) foi um importante pintor radicado em Pelotas-RS. Durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, Frederico Trebbi atuou na cidade de Pelotas como retratista e professor de desenho e de pintura. Instalou um ateliê de pintura que funcionou por mais de quatro décadas. Fez parte da Academia de Comércio de Pelotas e foi professor de desenho do Ginásio Pelotense por longos anos. Como pintor, especializou-se em retratos que hoje pertencem a diversas Instituições Públicas de Pelotas. Nesses retratos pode-se constatar o virtuosismo do desenho, a minúcia do detalhe e a delicadeza do colorido. Entre os alunos que frequentaram seus cursos estavam Leopoldo Gotuzzo e Marina Pires que, apaixonada por pintura, viria a ser uma das fundadoras da Escola de Belas Artes de Pelotas. Notícias da época, bastante frequentes, testemunham a assiduidade de sua presença e dos proveitosos resultados de sua ação voltada invariavelmente para os interesses culturais da cidade. Foram localizadas obras do artista em acervos de diferentes instituições pelotenses, como Santa Casa de Misericórdia, Instituto São Benedito e Instituto Nossa Senhora da Conceição, totalizando trinta e três obras. Jornais e revistas da época também ressaltam a expressiva contribuição do artista na esfera cultural de todo o Rio Grande do Sul. (SOUZA; BOHNS, 2015, s/p).

esforço em romper com as representações, levando em conta suas exceções, desse estigma social.

Nesse cômodo estavam contidas obras das mais variadas áreas do saber, não somente em português. Quanto às línguas estrangeiras, a Biblioteca era recheada por 63 volumes “escolhidos a dedo; todos em francês, a língua oficial da democracia³⁹” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 152), e também porque ele a julgava uma das mais fáceis depois do espanhol. Inglês era praticamente irrelevante já que pouquíssimos doutos a compreendiam e utilizavam à época. A biblioteca era reconhecida por todas as outras personagens da série como um local que quase confundia-se com próprio Olímpio, já que ele poderia, sempre que estivesse no Castelo, ser encontrado ali.

Afora isso, verificou-se que no século XIX, sobretudo no tocante à corrente republicana, orientada pelas ideias positivistas⁴⁰, as bibliotecas eram tidas como verdadeiras “salvadoras da pátria” – a instrução do povo, para tal concepção, era o principal meio para o progresso tão sonhado. Uma vasta biblioteca configurava-se, também, como um símbolo da valorização da ciência e do conhecimento. A erudição frisada com o louvor ao que era tido como cultura e bom senso.

A preferência política da personagem é evidenciada aos poucos, passa por descobertas, desilusões, contradições. Na juventude da personagem, por exemplo, embebido nas fontes liberais, ridicularizava Augusto Comte em público e em privado, o que lhe gerava inimizades viscerais. Tem-se na página 27 de *Perversas Famílias* um excerto que afirma que o futuro Doutor pregava por uma república civilizada, onde todos os cidadãos tivessem acesso ao poder, e não

³⁹ Essa frase atua como a representação da admiração pela França que constitui o traço marcante das elites brasileiras em geral e da pelotense em especial desde os primórdios da independência.

⁴⁰ O positivismo tornou-se uma filosofia fundamental no debate político no Brasil do século XIX, uma vez que o regime republicano foi instalado sob sua égide teórica. O 15 de novembro pode ser considerado o ápice do positivismo no Brasil, em razão da grande quantidade de adeptos de Auguste Comte que assumiram cargos de relevo no novo regime. Foram numerosas as influências do positivismo na organização formal da república brasileira, entre elas o dístico Ordem e Progresso da bandeira; a separação da Igreja e do Estado; o decreto dos feriados; o estabelecimento do casamento civil e o exercício das liberdades religiosas e profissionais; o fim do anonimato na imprensa; a revogação das medidas anticlericais e a reforma educacional proposta por Benjamin Constant. O farol do positivismo no Brasil seria transferido para o Rio Grande do Sul, onde a instalação do regime republicano foi *sui generis*, pois desde o início o novo governo foi dominado pelos positivistas, liderados por Júlio Prates de Castilhos (1860-1903) (SÊGA, 2004, s/p).

apenas aqueles mais iluminados, “leitores de prefácios” e que mal sabiam escrever um bilhete em francês. “Este se enjoava de tantas vulgaridades, alegando que política não se fazia assim, mas com sabedoria e cultura” (p. 14). Mais à frente a personagem revê sua postura e é interessante ressaltar que em inúmeras passagens dos romances chega a contracenar com Júlio de Castilhos⁴¹, importante figura histórica para o país, um dos verdadeiros representantes brasileiros do positivismo. Abaixo, uma das principais interações entre personagens:

Olímpio passa a noite em claro, na Biblioteca. Ele já sabia que Júlio estava incumbido de escrever uma Constituição para o Estado. ‘Quer-me para isso’. Sem muito ânimo, vai à estante e de lá retira a Constituição dos Estados Unidos e traz para o bureau (ASSIS BRASIL, 1994, p. 119).

Em um dos diálogos com Júlio de Castilhos, Olímpio é convocado para auxiliá-lo politicamente por ser um homem “ilibado”. “Seus livros mudaram a face do Rio Grande” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 123), afirma Castilhos. Aqui fica salientada, além do sucesso no empreendimento de Olímpio em ter reconhecida a sua vasta cultura e a leitura abundante ligada à sua posição social, a importância que a política vê em ter como aliada a imagem do homem culto. No entanto, frisa-se, como aliada e não como representante principal, uma vez que seria pouco popular: todos consideravam Olímpio como chefe, mas o deixavam fora das decisões: “O Doutor é lá com os livros, a guerra é conosco” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 374). Tal réplica apenas confirma que os livros, sozinhos, não trazem créditos para muito além das aparências. Sobre isso, Chartier (2011)

⁴¹ Em 1890, Júlio de Castilhos elegeu-se deputado no Congresso que iria elaborar a primeira Constituição da República, e logo identificou-se com a ala ultrafederalista, passando a defender o projeto político de inspiração positivista. Em 1891, eleito presidente do Estado pela Assembléia Legislativa, Júlio de Castilhos redigiu - e fez aprovar quase que integralmente - a nova Constituição estadual. Era uma Carta extremamente autoritária, atribuindo ao presidente do Estado poderes extraordinários, tais como: nomear o vice-presidente, reeleger-se, atribuir papel meramente deliberativo ao Legislativo estadual e o voto descoberto. Castilhos pretendia criar no Rio Grande do Sul uma ditadura republicana comteana, e seus adeptos foram chamados de republicanos. Do ponto de vista doutrinário, o positivismo não compartilha os princípios da representação eleitoral preconizados pela democracia liberal burguesa, e seu princípio de delegação política por meio da eleição à representação de cargos. Para os positivistas, o direito ao voto é um dogma metafísico e, dessa forma, Júlio de Castilhos acreditava na legitimidade do regime republicano em razão de razões históricas e científicas, e não por motivos metafísicos ou populares. Com base nesse princípio, os castilhistas ficaram no poder no Rio Grande do Sul por quase 40 anos, primeiro com Castilhos, depois com Antônio Borges de Medeiros (1863-1961), que se elegeu sucessivamente quatro vezes para a presidência daquele Estado, e, finalmente, em 1928, com Getúlio Vargas (1883-1954) (SÊGA, 2004, s/p).

problematiza que talvez não se possa conferir extremo poder aos textos literários, como se estes fosse os supremos salvadores de tudo o que existe, uma vez que eles podem ser compreendidos de diversas maneiras – muitos são os distanciamentos silenciosos operados no imediatismo dos comportamentos. A personagem Doutor deixa clara como essa observação é acertada graças ao descrédito que recebe por suas ações não condizerem, tantas vezes, com o que se espera a partir da sua vasta carga intelectual.

O efeito principal desse sistema de representações como formas de exibição de identidade social é reconhecer como era o cotidiano dessa personagem de forma coesa, além de compreender que ela não deixa de ter um significado dentro de uma gama de símbolos sociais compartilhados. Olímpio coloca a questão da compreensão possível das práticas de representação a partir da própria elaboração como personagem, na medida em que simultaneamente revela-se.

Parece interessante observar que a leitura entrou na vida de Olímpio ainda na sua infância, já que era uma hábito familiar. Quando este era ainda bem pequeno, sua mãe, exímia leitora – cujo narrador da série lhe reserva alguns capítulos no primeiro volume-, lia para ele trechos selecionados de romances:

Tradiziu-lhe de viva voz *Le Génie du Christianisme*, explicando-lhe as passagens obscuras. Durante a leitura, por vezes, Olímpio vinha aninhar-se aos pés do pai e ali ficava, a cabeça inclinada, atento ao rumor das palavras: também adormecia, e a mãe e o pai olhavam-no com afeto e a leitura era suspensa por instantes para ser retomada em tom mais baixo. Depois de Chateaubriand, D. Plácida quis ler poemas, mas João Felício recusou: não os entendia em absoluto e, de mais a mais, considerava-os perda de tempo – ele que possuía todo o tempo do mundo. (ASSIS BRASIL, 1994, p. 213).

A passagem sobredita certamente não é gratuita. Costumeiramente, as representações acerca das leituras para crianças observam, nas lembranças reconstituídas destas, que os livros são objetos que lhes trazem memórias afetivas da companhia dos seus pais – e que, de maneira geral, as mães leem para os filhos enquanto os pais aparecem como leitores solitários ou coadjuvantes e pouco participativos de leituras conjuntas. Os livros, a princípio, configuram-se como peças do mobiliário de um interior burguês com os quais os adultos, de maneira geral, mantinham uma relação ritualizada. Para Fraisse,

Poupougnac & Poulain (1989), antes de ser o vetor do texto, portanto, o livro se apresenta como objeto de culto, instrumento de uma estranha liturgia. Esse processo de exemplificação para o leitor da série parece querer reforçar a principal dimensão do livro: objeto litúrgico do ofício intelectual.

A leitura materna habitualmente conduz os filhos aos horizontes dos livros. Essa representação da mãe também serve ao narrador como forma de revelar o meio cultural em que nasceu a personagem e, com base nisso, do que se sente próximo e separado no decorrer da vida. Ora, se o repertório textual é marcado pela forma como se dá a instrução, sobretudo a primária (como indicam os estudos da Educação que fazem correr muita tinta), o modo de apropriação dos primeiros textos e a repercussão na trajetória pessoal deriva também das características de como foi a introdução do hábito leitor.

Geralmente, quando aparecem uma mãe com seu filho na atividade leitora, no longo percurso literário, a cena é narrada como espécie de relatório pedagógico, geralmente cada um possuindo seu próprio livro. Seus universos costumam ser representados próximos ao mesmo passo que separados. Para Olímpio e Dona Plácida, no entanto, há ruptura com tal tradição: as representações ali são da leitura de deleite, da leitura em voz alta para um ouvinte.

Contudo, o desenrolar da narrativa reforça que não se passa da condição de ouvinte literário a de leitor sem uma ruptura. Mais tarde Olímpio e a mãe, Dona Plácida, diferem do gosto leitor e tal distanciamento contribui para desfazer o universo mental de referência e possibilitar o acesso a novas leituras da personagem jovem. Olímpio tem sua facilidade em aprender frisada nas páginas que se dedicam a observar seus primeiros passos. Na qualidade de evidência sobre as representações das práticas culturais localizadas social e historicamente, é evidente que a conquista da personagem da decifração dos materiais impressos é facilitada por uma espécie de herança, um sistema de referências possibilitado pela leitura no espaço familiar e pelo contato com o objeto livro.

Sua iniciação aos estudos acontece através de um professor, a personagem Félix Del Arroyo. Tais ensinamentos abriram em Olímpio o desejo de compreender, contudo, isso não quer dizer que esteja na origem da necessidade de leitura. “A razão primeira dessa necessidade reside inicialmente nela mesma”

(FRAISSE, POUPOUGNAC & POULAIN, 1989, p. 38). De todo modo, ler costumeiramente é uma atitude que provoca a reação contra o meio, um desejo de autonomia, de evasão, que questiona a imagem social, que é capaz de pensá-la. Tal afirmativa é possível graças à observação do trecho a seguir:

Olímpio, esse mal imaginava o grau de sabedoria a que chegara, considerando-a uma previsível extensão de sua estatura social. E jogava adivinhas com o Bispo, aplastando-o com títulos de livros, datas, nomes e números. Estabelecia relações entre as mais diversas áreas do saber, transitando livre pela História e pelas ciências físicas e naturais: entendia a circulação sanguínea dos vertebrados e não se deixava levar pelo domínio da sensibilidade, que poderia degenerar em poesia – embora viesse a praticar alguns versos heróicos em latim, logo dedicados a seu tutor por este aceitos com gratidão paternal. Num domingo em que almoçava com D. Plácida, recitou quase todo o primeiro canto d’*Os Lusíadas*, fazendo esfriar a sopa; a mãe ouviu-o, a colher suspensa sobre o prato. Finda a récita, ele fez soar a campainha e mandou que as criadas substituíssem a sopeira por outra, quente. Findo o almoço, já com Arquelau nos braços, ela perguntou a Olímpio qual a atitude de decorar tantos versos. D. Felício pousou a Chávena casca-de-ovo no pires de bordas douradas e ia falar algo, mas Olímpio tomou a palavra:

- Porque *Os Lusíadas* é uma epopeia.
- As epopeias não têm sentimentos – a Genebrina enovelava os brandos fios de cabelo de Arquelau. – As personagens são frias, com uma pedra no peito. Vivem apenas para dizerem frases mitológicas. Detesto *Os Lusíadas*. Ainda se fossem os sonetos de amor mesmo de Camões, não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste... Epopeias têm sabor de morte e mármore.
- As epopeias são precisas para a vida de qualquer povo.
- Que povo, meu filho? O português?

Mais tarde, no palácio, Olímpio caminhava excitado pela sala, cansando-se de lastimar as perguntas insidiosas da mãe, mas reconhecendo-lhe a inteligência, a cultura literária, a força esmagadora dos argumentos. E nisso d’*Os Lusíadas* ela não deixava de ter sua razão. *Os Lusíadas* não pertencem mesmo ao povo gaúcho, é uma epopeia emprestada dos portugueses, e que repetimos há séculos, feito basbaques. De repente exclamou:

- Precisamos de uma epopeia para nós, gaúchos!

A afirmativa acordou a sonolência de D. Felício.

- Uma epopeia...

- Algo como uma guerra. Uma guerra de um povo, o povo gaúcho, contra o Império brasileiro.

O Bispo riu, irônico:

- A Revolução dos Farrapos?
- E por que não? – Olímpio estava sério, seríssimo como um tribuno.
- Não leve adiante essa ideia, filho, eu sei bem o que foi a Revolução.
- O que foi não interessa mais. Importa aquilo que se fala da Revolução.

(ASSIS BRASIL, 1994, p. 271).

O jovem Olímpio manifesta alguns pontos cruciais da atividade leitora: tem desenvolvida sua habilidade de compreender um texto, de compará-lo com

outros escritos e também as representações sociais ali contidas. Por fim, subverte a ideia textual inicial a ponto de imaginar como seria a criação de outra, mais acertada para a finalidade desejada.

A potencialidade de criação textual de um sujeito leitor é ampliada. Quer dizer, nem todo aquele que lê escreve bem, mas todo aquele que escreve bem, certamente lê. Essa liberdade, na maioria das vezes, é acompanhada de uma estratégia para driblar a leitura imposta – ou solicitada por ser nobre-, no caso de Olímpio. Ele tem suas leituras guiadas cuidadosamente. A regulamentação assume a forma de uma escolha imposta, de um sistema de permissões e proibições em forma de “estímulo” – ele inicialmente tolera essa imposição velada que mais tarde fazem eco a uma inquietação maior.

Por exemplo, os versos que este escreve e mostra à mãe, baseados naqueles que lê autonomamente, sempre são vistos sem interesse por ela ou classificados como de má qualidade. Essa espécie de afronta faz crescer e multiplicidade e diversidade de objetos lidos, aumentando o capital cultural⁴² do rapaz. Também, de forma mais profunda, ele muda sua relação com os próprios escritos, construindo um novo horizonte de expectativas e passando à prosa. A leitura da mãe de um gênero mais romanesco, voltado sobretudo às temáticas estéticas de evasão ou idealização, em quase nada se comparam com as preferências de Olímpio em que são problematizadas as relações sociais.

Olímpio jovem é narrado como aquele que sempre está empunhando algum livro. Nesse período, sobretudo, tamanha era sua impossibilidade de deixar de ler que tal objeto era compreendido como necessidade básica, carregado juntamente com o chapéu de sol, fiambres, latrina portátil e um garrafão de água. Nas viagens também era leitor, tanto ou mais do que nos outros espaços em que era narrado seu cotidiano. Essa afirmativa pode ser evidenciada na passagem que marca o seu embarque em um trajeto ininterrupto de uma semana com destino à cidade de Rio Grande, a bordo daquele que descreveu como o fedorento navio Lloyd. Ali leu todo o *Principles of Political Economy*, de Stuart Mill, e o *Cours de Philosophie Positive*, de Augusto Comte – livros símbolos do seu período de início de engajamento na vida política.

⁴² Capital cultural, na acepção de Bourdieu, seria o conjunto de conhecimentos apreendidos nas atividades humanas, desde no espaço familiar como no escolar e assim por diante.

Mais uma passagem que costurada às outras auxilia na construção da afirmativa que Olímpio é personagem com muitos aspectos a considerar acerca da maneira como são compostas as representações de leitores, levando em conta um contexto semelhante ao ali narrado, é que ele também chega a escrever dois livros. Um em versos e outro em prosa. Na realidade, não são poucos os livros que giram na espécie de órbita criada para Olímpio: além daqueles que ele escreve e publica, também há a narrativa que atenta à feitura de sua biografia, escrita pelo amigo Cândio Barbosa. Ambos os livros escritos pelo Doutor, embora dentro de suas especificidades, têm em comum um viés político. Para que houvesse a publicação do seu livro de poemas românticos intitulado *Alucinações*, que havia escrito em 1880, o primeiro deles portanto, a personagem mandou imprimir às próprias custas na editora de São Paulo. Este era um compilado recheado do que o nome sugere, composto em versos elegantes que lamentava a sorte dos escravos e previa o fim do Império. “*Alucinações* era uma brochura *in-8* em excelente papel holandês, com o título sob forma manuscrita, produto de preguiça de um colega, desenhista amador. Dos quinhentos originais, foram vendidos apenas 62 volumes (ASSIS BRASIL, 1994, p. 27)”.

É interessante que as relações com a própria obra mudam com o passar do tempo. Já na velhice os volumes restantes foram recolhidos pelo autor envergonhado pelos erros tipográficos e, ainda, porque haviam sido descobertos inúmeros versos “pé-quebrados”, “devidamente denunciados em um artigo arrasador publicado no *Correio Paulistano* (p. 27)”. Olímpio torna-se, com o passar dos anos e do número de páginas, um leitor qualificado, e a partir disso, o maior crítico das próprias produções. Esse é um dos principais estágios da apropriação do leitor: reconhecer as qualidades e superficialidades dos textos com os quais está familiarizado. Necessariamente, no entanto, a apreciação dos pontos que julga positivos ou negativos nos escritos são melhor percebidos a partir de um distanciamento temporal – exatamente como acontece com a personagem. Somado a isso temos o tempo e os acontecimentos que lhe pertencem, estes cindiram algumas apreciações políticas do doutor versadas em sua primeira obra, principalmente.

Um excerto que assinala essa questão é aquele na qual é narrada a descoberta de um dos exemplares de *Alucinações* em *Senhores do Século* - o

narrador retoma tal livro do Doutor apenas no último volume de *Um Castelo no Pampa*. Tal passagem é ambientada em um dos costumeiros passeios por livrarias (outra vez é evidenciada as representações de outro dos hábitos dos leitores: passear por livreiros como quem vai ao parque ou a cafés) que Olímpio faz juntamente com o seu empregado Raymond:

- Vamos percorrer as livrarias, Raymond?

O propósito: recolher os últimos exemplares de *Alucinações* – tivera notícia da existência de alguns deles, aquela ‘minha insensatez de juventude’. Saem a pé, para ‘aproveitarem o dia’. Logo ao entrarem na Casa Garraux, Olímpio vê na vitrine o seu livrinho. Seu nem tanto, porque algo é diferente: embora o feérico nome *Alucinações* no dorso e o nome do autor coincidam, a capa é desbotada, um aspecto sujo e abjeto; ao precipitar-se ao balcão e abrindo um volume, sente ‘gelear-se-me o sangue nas veias’. Ali está, na página 22, um pasticho do poema da edição original. Termina assim:

E mais não tendo o que fazer, enfadado,
Achei melhor foder com o criado (ASSIS BRASIL, 1994, p. 242).

O livrinho, exposto na livraria entre as obras de expressivo reconhecimento de Dante e Petrarca, é uma sátira, armada por seus inimigos políticos, como se deduz, e objetiva fazer chacota com os versos juvenis de Olímpio. Tal situação, além de evergonhá-lo, reforça a sua convicção da péssima qualidade dos seus escritos. *Alucinações* rende, ainda, juntamente com o *História da Grande Revolução*, outro trecho da obra. Anos mais tarde, já idoso, enquanto passeia pelas livrarias com o amigo Cância – que encarregou-se de escrever suas memórias – encontra com ambos os volumes. A opinião arraigada que seus feitos literários não prestam caminha de mãos dadas com a crescente falta de entusiasmo pela vida, característica da velhice da personagem.

- Então, Cância, vamos olhar as livrarias?

- Aceito o convite.

Olímpio, apóia-se no braço do amigo.

- Ando meio afastado dos livros.

Na primeira em que entraram, o Doutor percorre os volumes expostos, nada que não tenha na Biblioteca.

- É o que dá possuir tantos livros, Cância, nada é verdadeiramente novo, só mudam os títulos, mas a matéria é a mesma.

- Mesmo esse? – Cância mostrou-lhe um exemplar da *História da Grande Revolução*.

- Valeu a pena escrever isso?

- Foi o início da sua carreira, Olímpio.

- Carreira... não gosto dessa linguagem de hipódromo.

Cância repõe o volume na estante.

- É como se diz hoje.
 - Tempos cavalares? Vamos embora. Talvez encontremos algo que preste em algum sebo.
- Cruzaram a rua e entraram numa loja acanhada, com cheiro a papel velho, cujo proprietário, também velho, reconhece o Ministro e desfaz-se em atenções.
- Fiquem à vontade, tenho de tudo, olhem sem pressa – e manda vir cafezinho.
 - Tem de tudo, mesmo? – Olímpio pergunta, sentando-se, enquanto Cândia vai revirar um caixote empoeirado no chão, que regurgita de livros de capas amarelas, meio comidas pelas traças e pelo manuseio.
 - Quase – e o livreiro oferece-lhe açúcar. Inesperadamente, faz uma expressão de lembrança e corre ao caixote, e, pedindo licença a Cândia, revolve os livros, procura, desanima, procura mais, e – ó milagre ignaro – retira dali um volume meio podre – ‘achei!’ – que limpa com um pano encardido e vem trazer a Olímpio:
 - Olhe, Ministro.
- As páginas ainda estão coladas. Olímpio pega o livro, e mal o sustenta entre os dedos.
- Pensei que não existisse mais.
 - É seu. Um brinde da casa.
- Alucinações* – quem imaginaria ver ali, trazido por aquelas mãos mercenárias e sujas, de unhas negras, o primeiro livro, aqueles poemas desatinados? Alguém o comprou para bajulá-lo e nem teve a honradez de abri-lo. Olímpio quer resistir à tentação, mas não consegue: na folha de rosto ali está a sua dedicatória a um dos colegas republicanos da Academia, escrita em letra pernóstica e vazia. ‘ O Augusto. Nunca poderia pensar. Falou tão bem dos meus versos...’
- Então? Gostou do presente?
- O livreiro chega-se perto, e seu guarda-pó tresanda um odor de cachorro.
- Muito. Ei, Cândia, vamos embora.
 - Já?
 - Mas foi o suficiente.
- Olímpio levanta-se, agradece o livro e o cafezinho mal-bebido e despede-se. Quando estão a uma quadra de distância, ele procura uma lata de lixo e joga ali o volume, entre as latas de sardinha e as cascas de bananas.
- Triste ideia, essa, de olhar as livrarias (ASSIS BRASIL, 1994, p. 217).

Quanto ao outro escrito de Olímpio, intitulado *História da Grande Revolução*, obra em que objetivava disseminar seus ideais políticos republicanos, é feito com bastante entusiasmo e crença em melhores tempos. Afinal, o projeto pretendido ali, mais especificamente, é colaborar para a criação e manutenção da “pátria gaúcha”. Para o Doutor, na feitura do livro, esta será sua bandeira, a bandeira da sua luta, com a qual colocará abaixo a Monarquia e seus sequazes. Sempre atento às informações nos livros, em um excerto aparece comprando um exemplar antiquíssimo dos *Essais* de Montaigne, “preciso ler isso, fala muito da Liberdade” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 398).

Se “a leitura se desenvolve em várias direções” (JOUVE, 2002, p. 17) e os empreendimentos suscitados por ela, inúmeras vezes, colocam o sujeito leitor em verdadeiro estado obsessivo, é verdadeiro que todos os caminhos do leitor inebriado por um texto – ou por vários - levam para as associações feitas com a compreensão do texto e a partir daí não há hora ou lugar inadequados para a leitura, sublinhados, anotações. Uma afirmação dessa hipótese é o exemplo de Olímpio em uma das viagens por Buenos Aires, em que na calma, em meio às distrações da capital argentina, sua maior preocupação é ir à Biblioteca Nacional coletar citações que dão extraordinário impulso ao seu livro *História da Grande Revolução* (ASSIS BRASIL, 1994, p. 326).

Sobre tal obra de Olímpio, quando do seu lançamento, dá-se grande festa. Ali as páginas aludem às vantagens da visão do governo que o Doutor apoia, além dos benefícios do sistema parlamentarista. É uma das personagens leitoras mais importantes do romance e escreve uma obra de puro cunho social, que, *ipsis litteris*, “foi concebido para marcar o início da ofensiva contra o governo” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 333).

Suas opiniões públicas que lhe geram muita admiração ao mesmo tempo inúmeras inimizades forçam que, graças ao período de instabilidade do país, a personagem se exile na Áustria, representando algo que aconteceu com inúmeros políticos à época⁴³. Contudo, seus hábitos de leitura, graças à essa conjuntura, não só não perderam o ritmo como também pode-se dizer que se intensificaram. Não raro ele e sua esposa, a Condessa Charlotte, entretêm-se em longos passeios por livrarias. Inclusive, é por essas e outras atividades que propiciam a informação e a reflexão que nesses anos no exterior Olímpio não perdeu totalmente a ligação com os passos a que andava o governo no Brasil. Também motivado por suas novas leituras, somadas à desilusão com a vida dos negócios públicos, o Doutor resolve voltar para o país para tentar reverter aquilo que julgava ser o centralismo positivista responsável pela ditadura de Júlio de Castilhos – aquele que, anteriormente, era seu aliado político e que via na dupla com Olímpio a construção de uma face erudita do próprio governo. Nota-se que

⁴³ É interessante ressaltar que o “exílio” foi compreendido, no excerto literário retratado, mais como uma ida ao exterior legalmente do que propriamente uma atitude forçada – o que costumeiramente dá sentido à palavra. Embora a saída do país da personagem e sua família tenha se dado graças à situação política, não configurou-se como perseguição.

aqui, semelhante ao que acontece na vida real, o contato com novos ares – sobretudo em situações adversas – e com novos livros, novas compreensões, faz com que se desfaça atigas ideias e olhares ideológicos.

Olímpio volta ao Brasil renovado, tanto pelo avançado da idade quanto pela vivência durante bastante tempo em terras totalmente diferentes a que ele estava habituado. A mudança de hábitos começa já no Castelo – logo que retorna já solicita que, além do francês, se fale inglês. “Até a roupa inglesa é melhor” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 240), diz, mostrando seus ternos⁴⁴. Tais modificações acontecem não somente devido aos seus últimos anos e ao modo como os viveu, mas também acompanhando a tendência dos costumes aristocráticos da época.

Outra trágica atitude simbolizando a sua mudança de perspectiva frente à vida é o fato de percorrer a Biblioteca procurando os livros que julga inúteis com a finalidade de descartá-los. Já há muito o diálogo da personagem frente às leituras em conjunto com a Condessa evidenciam o seu descontentamento literário – a impressão que se tem é que a falta de entusiasmo com os livros está diretamente ligada à nova fase da personalidade de Olímpio. Há um excerto de *Os Senhores do Século* que evidenciam tal momento, no qual, diante da leitura de um poema, ele comenta tal fase:

- Então, Olímpio, não há sentimento?
 - Só há choradeira. Charlotte, por favor, mande trazer um lençol para as lágrimas, não suporto – e o Doutor explica que a poesia, só de 1800 para baixo. O resto é frescura. – E, de mais a mais, vamos acabar com isso. As discussões teóricas agora me dão imenso tédio. Literatura... quantas besteiras se dizem em teu nome? (ASSIS BRASIL, 1994, p. 312)

Quanto ao descarte de livros, nessa busca incinera 132 volumes de poesia, dos quais reserva os clássicos ao estilo de Camões e Dante. Com o rosto

⁴⁴ O crescimento da língua inglesa, em dimensão mundial, tem se tornado importante tema de estudo. Sua formação possui grande semelhança com as línguas latinas, inclusive a língua portuguesa. Por diversos fatores, a História elegeu o inglês como a língua franca das nações. Sua ascensão deve-se, principalmente, à Batalha de Hastings, de 1066, ao grande poder econômico da Inglaterra no século XIX, alavancado pela Revolução Industrial, à soberania político-militar dos EUA, após a II Guerra Mundial, além da grande influência econômica e cultural que esses países exerceram em relação ao mundo atual em que vivemos – um mundo globalizado que elegeu a língua inglesa como uma língua capaz de estabelecer comunicação em praticamente todos os campos conhecidos pela humanidade (FIGUEIREDO, 2012, s/p).

em brasa pelas labaredas da pilha literária ele diz: “Cheguei a uma conclusão inesperada: poesia, pra mim, é de 1800 para baixo” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 114). Inúmeras poderão ser as especulações sobre o motivo de tal atitude, haja visto que a personagem, amante dos livros e do status que eles afirmam pelo simples acúmulo, jamais, em outras circunstâncias, os queimaria – quaisquer que fossem. No entanto, tal passagem pode fazer referência à vergonha que Olímpio sente pela sua mal sucedida carreira de poeta, no caso do livro que publicou no auge da juventude, *Alucinações*. Pode, ainda, fazer juz ao até hoje corrente saudosismo que acompanha inúmeros leitores literários. É inegável a influência e qualidade dos clássicos – todo o mérito é merecido -, no entanto, negar que haja qualidade nos escritos poéticos dos dois últimos séculos é um contrassenso em todos os sentidos.

Olímpio, no tempo narrativo que antecede a própria morte, encontra-se em momentos profundamente melancólicos diante da perspectiva do fracasso da união familiar, conforme o explicitado, por exemplo, no seguinte excerto, quando na hora de recolher-se vai à Biblioteca escolher algum livro para ler e, pulando as obras políticas, debruça-se em um dos mais caros romances da literatura russa:

Stuart Mill, Spencer, Comte... besteiras, mas seu dedo vai correndo e para na edição em francês de *Ana Karênina*. Toma-a, põe os óculos, abre o primeiro capítulo: Todas as famílias felizes se parecem entre si; as infelizes são infelizes cada uma a seu modo. Senta-se na cama, fascinado. Nunca lera aquela passagem, por inútil, sempre preferindo engolfar-se na história. É curioso como o tempo nos torna atentos às minúcias dos livros, às pequenas observações dos autores, jogadas como por acaso à inteligência do leitor: tornam-se mais importantes que as próprias tramas. E sua família? Como seria classificada por Tolstoi, esse animal russo? Larga *Ana Karênina*, põe robe de veludo e desde à Biblioteca. Buscará algo melhor. Lá, pega a edição ilustrada do *Kama Sutra* com a sobrecapa da *Histoire naturelle*, de Buffon, ‘isto sim é a essência de tudo’ (ASSIS BRASIL, 1994, p. 268).

Outra vez tem-se os livros aliados à explicitação dos sentimentos e impressões das personagens da série. A narrativa, ainda, faz inúmeras referências à Urânia, sobretudo em *Os Senhores do Século*. Tal personagem configura-se, na obra, como a amante erudita e apaixonada de Olímpio. Ela surge, nos escritos aqui estudados, ainda bem jovem, chamando-se Nini, antes mesmo de conhecer a personagem sobredita, ao lado de sua família no campo.

Tendo problemas sérios de convivência com a mãe extremamente religiosa e rude, aconchega-se nos braços do pai – de quem herda uma boa quantidade de livros. É interessante observar que em uma das passagens, suspeitando de algumas das atitudes e distanciamentos do pai quando ainda vivo, além de embasar-se nos comentários da mãe, Urânia conhece o antigo caso extra-conjugal do progenitor. Urânia descobre a casa onde aconteciam os encontros furtivos do pai e rumo para lá por curiosidade. Nesse excerto ambas as mulheres, Urânia e a amante de seu pai, conversam em tom de resignação – a moça, sem saber, movida também pela profunda empatia que sente por aquela que tanto conviveu com a sua referência paterna, absorve o modo de pensar de uma pessoa alheia do status conjugal, chegando a achá-lo de certa forma poético. Ela julga, ainda, que tal mulher sempre esteve em uma situação muito melhor que a própria mãe, Dona Cândida, constatemente amargurada, desgostosa com a vida e o descaso do companheiro que convivia com ela por aparência.

A referida personagem, Urânia, ainda é leitora absorta e vive um tipo de romanismo contemplativo frente à natureza. Quando conhece Olímpio por acaso, no mesmo período narrativo da construção do Castelo e ainda com a alcunha Nini, é embebida pelo sentimento imediato que aquele será “o homem da sua vida”. Nessa ocasião, também, o Doutor elogia a sua coleção de livros e o fato de, mesmo sendo uma mulher, que seja afeita aos hábitos literários. Embora sigam outros caminhos por anos, em determinado momento se reencontram na ocasião de um jantar no Castelo dado à sociedade abastada gaúcha. Urânia adentra tal espaço atenta aos detalhes que Olímpio vê todos os dias, mergulhada em um estado que julga quase espiritual, “vendo o fulgor da famosa Biblioteca e seus milhares de livros e julgando sentir um vago e másculo aroma de tabaco impregnando as cortinas” (ASSIS BRASIL, 1994c, p. 250). Durante o jantar propriamente dito a Condessa Charlotte, companheira de Olímpio, atenta aos olhares que a convidada reserva ao anfitrião, estimula o diálogo entre ambos. Ela ainda preocupa-se em elogiar a beleza da moça diante do marido e solicita imperiosamente que este a acompanhe até a sua casa, em uma espécie de previsão da consumação da traição. Nessa altura os leitores já sabem que a vida amorosa de Charlotte e Olímpio é insossa e podem suspeitar que a Condessa esteja facilitando o cotidiano de concessões sexuais – inclusive, o primeiro contato entre ambos se dá em forma de estupro – que é obrigada a

acatar. A traição é o que realmente acontece naquelas páginas. Além disso, ambos se apaixonam e vivem inúmeros anos juntos. Salienta-se, também, que a crença de ambos que a sociedade desconhece tal convívio, embora ele seja discreto, é errônea.

Ambos têm o hábito de compartilhar longas leituras por muitas noites, principalmente aquelas em que Olímpio confessa seus medos, problemas no casamento e na política. Urânia ainda é a responsável pelos nomes dos filhos do Doutor com a Condessa já que não pode ter os próprios. No solar que habita, ela tem um quadro cuja modelo é Charlotte – diz que a beleza e a nobreza da mulher de Olímpio enaltecem-na. Quanto às leituras que os amantes compartilham, abaixo está um dos excertos de *Senhores do Século* que refere-se a elas:

- E teremos leitura hoje?
- Qual você prefere?
- Qualquer passagem dos gregos. Preciso dos gregos, dos seus ideais, da sua força ingênua e primitiva. A política, hoje, não tem mais grandeza. É preciso conciliar, fazer alianças. Sim, conciliar. Esse verbo que tão poucos conjugam aqui no Rio Grande (ASSIS BRASIL, 1994, p. 17).

Observa-se que mesmo as falas da personagem são restritas nos diálogos de Olímpio – e mais: restritas às vontades dele. Urânia é a representação de uma amante satisfeita e feliz com a condição social de isolamento e o tempo curto que lhe são reservados. Em vários dos momentos compartilhados com Olímpio a sua postura é de serenidade, fidelidade e submissão. Como outras mulheres da série, ela, ainda que não seja ignorante graças às suas leituras, é feliz em sua sujeição. Mesmo quando Olímpio a pergunta se tal modo de viver não lhe é prejudicial – sabendo, naturalmente, que a resposta será negativa – e ela dá a entender que algumas mulheres sabem, desde sempre, que esse será o seu destino.

É possível observar que essa dinâmica é elucidativa quanto ao modo de tratamento das mulheres ao longo dos dois últimos séculos. Os homens ali narrados veem com naturalidade que os contratos das relações monogâmicas sejam rompidos – somente pelo seu lado, o masculino. As mulheres também, ali, inúmeras vezes parecem não se importar com tal unilateralidade de direitos, quando não são ignorantes quanto a esses ou vivem contínua tristeza por não

concordar com tal modo de funcionamento social. Atos de rebeldia não são evidenciados ou insinuados na narrativa. A forma de subordinação feminina, além disso, tem reforçada a sua suposta naturalidade, salvo engano interpretativo. Sem o risco de anacronismo, é sensato acrescentar que as personagens leitoras de inúmeros textos sobre o referido período histórico e localização geográficas não têm o mesmo semblante representacional na literatura brasileira publicada nos anos 1990. A personagem Urânia, mesmo depois de algumas leituras, continua com sua contradição latente aos olhos da pesquisadora dessa investigação.

Outras passagens textuais que merecem destaque são as que se referem à personagem Câncio Barbosa. Amigo de Olímpio, este o acompanha por parte da sua trajetória política e pessoal, sobretudo após o seu retorno ao Brasil. Torna-se praticamente integrante da família, participando, inclusive, das leituras compartilhadas no Castelo:

Segue-se o serão na Biblioteca. Câncio declara seu amor à literatura entre goles de licor, e a Condessa faz seu bordado, enquanto o Doutor apenas ouve as digressões do outro: o que pensar dos futuristas, senão que se constituem num bando de celerados, uns anarquistas? Por sorte o *Correio do Povo* se mantém firme, publicando só bons sonetos. Tem vários decorados, eles querem ouvir?

.....O pranto
 Jorrou-me em ondas... Resistir quem há-de?
 Uma ilusão gemia em cada canto,
 Chorava em cada canto uma saudade! (ASSIS BRASIL, 1994, p. 112)

Após esses momentos compartilhados, nos quais muito da personalidade de Olímpio é evidenciado, Câncio diz estar disposto a escrever uma biografia do Doutor, anotando frequentemente as falas, gestos, hábitos e providências públicas do político. Câncio tornou-se, mais que tudo, confidente de Olímpio. Ele opina, por exemplo, sobre a aposentadoria do Doutor, dizendo que o amigo já fez sua parte e doou-se bastante ao Brasil, e que já deveria, como Voltaire, dedicar-se ao seu jardim. A perspectiva da velhice, no entanto, deixa Olímpio descontente, e enquanto a personagem encaminha-se para o bureau, onde estão as suas canetas, “seus manuscritos, os livros ainda com os marcadores assinalando as páginas”, pergunta-se “o que lhe restará, agora, com todo o

tempo do mundo, condenado a esta imensidão de livros” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 266).

Outro questionamento interessante da interação entre os dois é que tem-se desmarcadas as formas do fazer literário dos autores e a maneira como procedem quanto às modificações ditas factuais. Além disso, as coisas ali parecem ser ditas para que sejam anotadas de modo hesitante, o que é um velho truque ficcional já que a verossilhança é melhor obtida mediante uma fingida falta de certeza. Por exemplo, em inúmeros momentos, durante a escritura da obra, Cândia discute com Olímpio sobre qual seria a melhor forma de colocar textualmente as situações, as frases, a sua postura, os comentários aleatórios que venham à calhar. Em determinados momentos suas atitudes junto ao autor até criam certo desconforto haja vista que ele sente-se vigiado. Incerto sobre os rumos da obra, proíbe Cândia de escrevê-la – o entusiasmo do amigo desarma qualquer atitude nesse sentido –, ideia da qual não só volta atrás em seguida como ainda a desfaz completamente ao ler passagens de Shakespeare para citar em momentos oportunos. No entanto, o Doutor nem sempre sente-se plenamente à vontade por julgar “impossível viver com alguém anotando todas as ações, solenizando-as em episódios no tempo pretérito, como num romance” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 270).

Graças ao livro também mantinha bastante cuidado com as correspondências que guardava, afinal, poderiam mais tarde vir a se constituir como um volume enaltecedor da sua memória. Concluía algo melancólico que, afinal, escrevia-se para o futuro. Por esse motivo, passa a receber Cândia constantemente na Biblioteca:

A obra progride, e a *Volta às origens* dá-se de modo calmo, ‘como um rio que deliza mansamente para o mar’. A cada vez, discutem toda a obra, parágrafo por parágrafo, entre goles de chá. O Doutor sempre conclui que há detalhes de estilo que podem ser alterados, como por exemplo aquela passagem em Santa Maria, quando ele, em campanha eleitoral, amparou os estertores de um moribundo na praça.

- Seu ato de humanidade, Olímpio. Você disse palavras inesquecíveis.
– Lê: Enquanto eu existir, ninguém morre como um perro à minha frente.

O Doutor pensa, olha para as próprias mãos e, erguendo a cabeça, dita:

- ‘Enquanto a vida me sustentar os passos, ninguém morrerá ao desamparo’.

- Não é a mesma coisa?

- Não, é mais belo.

Seguem refazendo, em geral por duas ou três tardes. No fim de um desses períodos, Cândia larga a caneta sobre o bureau, tira os óculos de aros prateados, massageia os olhos:

- Sabe o que eu penso? Que nós retocaremos tanto que vamos esquecer do que era verdade.
- Mas teremos a verdade da História (ASSIS BRASIL, 1994, p. 287).

Assim, essas passagens também deixam antever ou mesmo especular o conteúdo das biografias – e como podem ser mais ficcionais do que seus autores e/ou personagens principais admitem. Pierre Bourdieu (1996) assinalou vastamente em seus estudos os perigos que ameaçam a ilusão biográfica, sobretudo quando é sabido que as escolhas na escrita são enormemente resultadas de atos inconscientes, de encontros imprevistos, enfim, do acaso.

Embora o escritor conviva diariamente com as observações ditas por Olímpio, naturalmente nem todas iriam para o livro de Cândia em andamento na época, vide as ressalvas de um diante das afirmações do outro. Caso da passagem a seguir:

O Doutor se mete na tarimba do camarote, e à luz de uma lâmpada de acetileno relê *Os sertões*, enquanto Cândia tenta escrever na pequena mesa de ferro onde se equilibra uma moringa com água fresca.

- Diga-me, Cândia, como é que sobrevive a gente do Nordeste, sem campos nem água, com o calor torrando os miolos?

- Vive como pode, da mão para a boca.

- Pitoresco – e o Doutor dá um bocejo. – Nossa país é curioso, tão rico e tão miserável ao mesmo tempo. – E apaga a luz, certo de que navega em direção ao inferno.

Indormidos e com os estômagos queimados pela peçonhenta comida do navio, atracam em Aracaju – o comandante, um baiano de cabelos pintados e ar profundamente infeliz, insistia em homenagear os seus passageiros. [...]

- Por incrível que pareça, Cândia, me sinto mais em casa em Buenos Aires do que aqui. Recuso-me a acreditar que isto também seja o meu país. Mesmo a riqueza, aqui, é uma riqueza miserável. Até os ricos vivem mal, nesses casarões despidos.

- Quantas queixas... no Rio Grande é a mesma coisa.

- Mas enfim lá temos uma tradição rústica, de guerras e revoluções. Nós consolidamos as fronteiras do Sul. É natural que sejamos ascéticos. Mas aqui...

- Aqui o Brasil começou.

- Cronologicamente, sim, mas nós é que demos vida à nação – Olímpio arreda dos lençóis, como a afastar os argumentos de Cândia Barbosa.

– Como é que se pode viver, aqui nesse lugar ambíguo, nem Sul, nem Norte? E o gado? Viu o gado? De raça indefinida, só couro e osso, mal se sustenta nas pernas, e no entanto os daqui acham de primeira... E as festas, então? (ASSIS BRASIL, 1994C, p. 166/167)

Com a visão alarmantemente preconceituosa, para dizer o mínimo, esse configurou-se como outro dos diálogos que chamam atenção nas obras analisadas. Mesmo tendo em mente a personagem inserida em um determinado espaço abastado já no século XX, no caso desse momento da obra, a finalidade de tal observação no plano temático não fica clara e nem é desmentida. Enquanto que por um lado pode configurar-se como simples comentário da personagem, refletindo a partir de um ponto de vista bastante específico e recorrente que quer ser retratado, por outro fica nebulosa a intenção de tal momento narrativo uma vez que não constitui base para o que será narrado a seguir e nem explicita/induz uma compreensão do que foi dito anteriormente. Parece ser tão somente um comentário fora de propósito na narrativa e no entanto carregado de um peso difícil de compreender ou ignorar.

Sobre tal passagem, é imprescindível considerar que os procedimentos e condições de produção afetam permanentemente a elaboração e a recepção das obras “segundo um movimento dialético de avanços e recuos na história, ao longo do qual se agregam novos conhecimentos e ampliam-se as interpretações” (CHARTIER, 2011), e que as edições, embora sejam transitórias e volúveis, dizem muito acerca do período de produção. Por exemplo, na página que antecede a obra, conhecida como “orelha”, em *Perversas Famílias*, quando da apresentação desse livro, o primeiro da série, lê-se:

(...) Eis alguns dos ingredientes que destinam *Perversas Famílias* a ser mais um espetacular sucesso: hoje, mais do que nunca, o público culturalmente bem-formado deseja conhecer melhor o país em que vive, talvez à busca de uma identidade um pouco massacrada pelas generalizações do mundo pós-queda do Muro de Berlim (ASSIS BRASIL, 1994, s/p).

Quanto a essa passagem pergunta-se: quem seria o “público culturalmente bem-formado”? Deduz-se que essa seja uma referência ao leitor que julgam e julga-se erudito, possivelmente pertencente à classe média/alta brasileira do final do século XX do sul do país. Diante disso talvez seja possível compreender quais são as expectativas de leitura em tais obras e, assim, as motivações de algumas observações ficam mais evidentes.

Ainda quanto à personagem Cância e à escritura do livro que contará a vida de Olímpio, assim que a última palavra da obra é colocada em papel, quinze

anos após o início da sua feitura, o Doutor morre de mal súbito. Tal passagem, com um toque wildeano⁴⁵, dá ênfase a uma possível compreensão de Olímpio ser relacionado aos livros ao ponto de um fim de um ser o de ambos.

Junto ao corpo do Doutor são encontrados inúmeros papéis com excertos de grandes obras anotadas, para o espanto de sua esposa e governanta. Por fim, Cância lamenta-se que o livro termine “de forma aguada”:

(...) esse retorno às origens de repente parece banal, pastoril demais para uma vida com tantos capítulos empolgantes. Mas sempre há a solenidade da velhice que pode ser aproveitada literariamente, esse andar compassado pela saleta, esse ar de senador romano, que com o tempo foi se acentuando. ‘Saberei transpor isso para o papel?’. Ele, Cância, também está às voltas com a distância entre o real e o ideal, e não pode deixar de ansiar-se ao pensar na impotência da literatura perante a vida (ASSIS BRASIL, 1994, p. 365).

Velado entre seus livros na Biblioteca, Olímpio é a personagem que liga e, em certo sentido, dá vida às demais – caso de Páris, seu neto, do qual será falado a seguir.

⁴⁵ Oscar Wilde (1854 - 1900), exímio escritor, é reconhecido na literatura por inúmeros textos, mas consagrou-se diante da crítica, em todo o mundo, pela obra conhecidíssima *O Retrato de Dorian Gray*. No livro a personagem principal, Dorian Gray, de beleza fascinante, é pintado por Lord Henry Wotton. Dorian, enaltecido pelos extensos elogios que lhe são direcionados constantemente, inveja a obra que permanecerá jovem para sempre – aí então, no final do texto, o leitor descobre que a personagem tem atendido o desejo que o quadro envelheça em seu lugar. A pintura, ao ser destruída, faz com que o modelo morra.

2.2 Páris e as múltiplas intervenções do ato de ler

Páris integra toda a série *Um Castelo no Pampa* e tem sua história contada no tocante à sua infância e juventude, sendo, ali, personagem e narrador. Filho de Selene, a única filha mulher e caçula de Olímpio com Charlotte, cresce em uma escola religiosa, longe da família e do Castelo, sem nada saber acerca da mãe ou do pai, recebendo visitas apenas do tio Arquelau e sua esposa, a tia Beatriz.

Alguns detalhes da origem da personagem – que vai descobrindo aos poucos - são bem alusivos quanto à forma em que a sociedade era constituída no período histórico retratado. Deve ser dito que a maneira do escritor/narrador manter alguns segredos com o leitor, ou seja, detalhes que quem lê compreende e que Páris jamais saberá, é um recurso bastante eficaz para prender a atenção nos escritos, além de manter um tipo de diálogo em tom confidencial bastante simpático na leitura.

Quanto aos seus pais, talvez seja interessante esclarecer que a união de ambos não era bem vista pelos olhos de Olímpio que corta relações com a filha – Charlotte permanece praticamente nula em tal decisão. Ainda assim, estes mantêm-se juntos, temporariamente, graças à gravidez de Selene. Por fim, ela acaba perdendo a sanidade e, longe do convívio familiar e em extrema degradação financeira, é internada em um hospital psiquiátrico fora do país. Olímpio, não admitindo um futuro herdeiro “bastardo” e também com o intuito de evitar o falatório, tem o neto criado bem longe da aristocracia gaúcha, e recebe notícias dele, eventualmente, através do filho Arquelau e da nora Beatriz. Sobre estes, é justo reconhecer que Arquelau é um bruto em todos os sentidos aos olhos de praticamente todas as personagens, enquanto Beatriz é doce, inteligente, sensata – e leitora.

Páris tem sua história contada sem a linearidade habitual do nascimento indo ao crescimento e assim por diante – tal formato narrativo parece o mais acertado à busca da personagem por suas raízes, que surgem sempre mais ou menos fragmentadas. O neto da aristocracia em decadência é narrado como uma criança curiosa e atenta, como adolescente inteligente e engajado, e como jovem engajado politicamente e sóbrio, pelo menos na maior parte das vezes.

Afora isso, é leitor costumaz. Os textos dos quais é munido denunciam não somente a literatura em voga, principalmente aquela dos anos 1900, mas também e principalmente o seu largo hábito de leitura.

Nas descobertas acerca da sua origem, sobretudo quanto à mãe e ao avô, pode-se evidenciar que geralmente são associadas ao que é possível deduzir sobre suas personalidades a partir de seus gostos literários, uma vez que suas respostas quase sempre estão ligadas às personagens que nessa altura já estão mortas. O reconhecimento se dá como que por peças que ele junta aos poucos. É interessante também que a sua inteligência e desconfiança são melhor percebidas graças à maturidade propiciada pelo fato de seus tios o presentear com livros desde pequeno. Uma das passagens que referencia tal constatação é quando, na página 332 de *Perversas Famílias*, Páris ganha *A volta ao mundo em oitenta dias*⁴⁶ e o considera “dispensável” por já o ter lido.

Quando da chegada no Castelo, Páris, ainda criança, descobre uma Biblioteca imensa, um legado do avô. Nessa cerimônia de apropriação, tal herança dá dupla dimensão ao objeto livro e produziu nele um bem compreensível de identificação familiar – é a partilha de uma companhia que a morte tornou impossível. A leitura, enfim, fornece a chave de toda uma existência.

Nessa expedição pelo local sagrado do pai de sua mãe, Páris descobriu inúmeras coisas do passado que o antecedeu – como foi o caso de alguns versos de Olímpio que julgou desconcertantes por não terem métrica ou rima. Nesse excerto o leitor da série é envolvido por uma espécie de confissão literária: embora Olímpio tivesse protagonizado o episódio da queima de livros poéticos e, ainda, a perseguição dos volumes de poemas de autoria própria, desprezando-os, ainda assim vivia entre versos. Ainda sobre a relação entre o avô e a Biblioteca, Páris imagina que o tenha visto em aparição – esse relato acontece logo que a personagem é apresentada na série, em *Perversas Famílias*. Nessa visão Olímpio surge folheando um “dos grossos incunábulos”

⁴⁶ *Volta ao mundo em 80 dias*, de Júlio Verne (1828-1905), é livro considerado entre os melhores da literatura e já inspirou diversas peças de teatro e obras fílmicas. Lançado em 1873, ali as personagens principais narram suas aventuras em tal jornada.

(ASSIS BRASIL, 1994, p. 148) e, em determinado momento, observando as páginas de *História de Roma*⁴⁷.

Eventualmente, para sentir-se próximo ao avô e à própria história, no turbulento cotidiano do Castelo examinava a peça arquitetônica que lhe trazia as melhores possibilidades de compreensão:

Na Biblioteca, senti-me melhor. Ali estavam, intactos nas estantes, os livros do meu avô-Doutor. Acabei atraído por um exemplar da *Histoire naturelle*, de Buffon, porque, curiosamente, estava ao lado de outro exemplar idêntico: mesma lombada, mesmas letras, tudo igual. Num deles a capa correspondia ao conteúdo, com desenhos de aves e plantas em policromia, mas a outra abrigava uma edição igualmente ilustrada do *Kama-Sutra*, com anotações e acréscimos aos desenhos, feito de próprio punho por meu avô. Foi este que peguei, e aprendi coisas fantásticas (ASSIS BRASIL, 1994, p. 309).

Ali é evidenciada outra das artimanhas do leitor frente à impossibilidade de declarar abertamente o que lê: as duplicatas. Todas as formas possíveis de mascarar as leituras tidas como imorais parecem já ter sido pensadas e representadas – utilizar uma capa falsa é, até hoje, uma das mais habituais. Páris, atento às possibilidades veladas de leitura da Biblioteca, é narrado, em outro momento, absorvido mais naquilo que a leitura esconde do que nas burocracias cotidianas – nesse caso, a ocasião da partilha da herança com o tio Arquelaus. A discussão sobre a divisão de terras, bens e do Castelo desenrolava-se tediosamente e a personagem, enquanto isso, interessava-se em verificar quais eram os livros do avô cujos títulos se repetiam: “contei uns quinze, prometedores” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 310).

Outra situação que merece destaque, embora seja bastante breve na narrativa, é a relação que Páris tem com o tio Proteu. O irmão de sua mãe, munido de uma incrível sensibilidade, é quem melhor o acolhe logo que chega no Castelo. Fala-lhe de Senele e seus hábitos – embora sempre causando a

⁴⁷ Em alguns momentos é possível associar as passagens e contexto das personagens com as obras que são lidas por elas naqueles excertos, em outras, como essa sobredita, é difícil tomar parte sobre o motivo de o narrador referir-se especificamente sobre um texto, *História de Roma*, nesse caso. Não crê-se que a escolha seja aleatória, no entanto, somente uma leitura apurada de cada uma das obras citadas poderia fazer com que tal análise comparativa fosse feita – um estudo de grande fôlego, reservado para um provável projeto de doutoramento. Chartier (2011) já atenta que os textos tem tal poder que sempre podem ser compreendidos de diversas maneiras – dentro das possibilidades previstas -, dependendo do imediatismo dos comportamentos ou dos distanciamentos silenciosos.

impressão de esconder algo, possivelmente a loucura da caçula -, da vida no Castelo, das suas impressões melancólicas do mundo. Proteu tem sua história contada rapidamente na obra – ali sabemos que escolher a profissão de médico, sobretudo ginecologista, que não é bem vista pela família sob os argumentos que ele não precisa trabalhar por dinheiro, que deveria ter uma profissão mais digna e menos feminina, é muito mais uma confissão de si, uma atitude de protesto, do que propriamente um afazer que lhe dê prazer ou minimamente lhe ocupe o tempo, já que a quantidade de pacientes que o procuram é quase nula. O leitor descobre aos poucos, na narrativa, que Proteu é homossexual e jamais se concilia com a sua sexualidade. Diante de uma perspectiva sombria quanto ao futuro de apagamento, desamores e solidão, suicida-se com um tiro. Sem compreender os motivos do tio, Páris, naquela noite de recém chegado, sente-se desamparado como nunca.

Deve-se destacar que a personagem a quem detém-se a análise aqui é envolta, por todas as cidades que passa e as pessoas que conhece, por um tipo de ligação com os livros – as impressões de leitura estão impregnadas em inúmeros locais e falas. Naturalmente, nem sempre consegue-se manter coesas as representações de práticas culturais eminentemente polimorfos como a leitura, visto que se propõe nelas escrever o que se constitui a unidade de uma personalidade, a história de uma vida. Páris transita entre um erudito e um jovem comum de sua idade, sem que, contudo, considere-se tais características distintas de personalidade como contraditórias. Quer dizer, compreende-se, claro, que as formas de leitura não são apenas diversas como o peso das prescrições exclui certas práticas (se existem modelos valorizados, significa que existem aqueles que são desvalorizados), no entanto, ali parecem estar representadas as rupturas, reinvestimentos e desligamentos naturais que constituem a vida qualquer leitor – ainda que tal sujeito hipotético tenha começado, por exemplo, por Camões e depois ter lido um romance policial qualquer. Acredita-se que “representações contrastantes ou até contraditórias podem combinar-se, desde que sejam acolhidas num quadro de conjunto que possa constituir um sistema de crenças e de adesões relativamente estável” (FRAISSE, POUPOUGNAC & POULAIN, 1989, p. 49), como é o caso da personagem Páris. Os hábitos leitores também são evidenciados nos excertos narrativos em que a personagem tem o hábito de passear com a primeira

namorada, Fanny, pela livraria O Globo, observando e lendo alguns títulos aleatoriamente.

Outra das passagens que merece destaque é quando o sobredito jovem, ao observar o acaloramento das discussões acerca das classes sociais suscitadas pela ditadura getulista no Brasil, reúne-se, com frequência, com colegas, com a finalidade de estudar *O Capital*, de Marx, tornando-se um “obcecado pelas causas das minorias” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 191). Sabe-se que essas reuniões aconteciam largamente entre os jovens e adultos insatisfeitos e contrários às medidas políticas adotadas no país naqueles anos idos, contudo, dado o caráter ilegal desses agrupamentos tidos como subversivos, muitos registros que atestam mais detalhes sobre essas organizações acabaram extravidados – o que não é de se surpreender, haja vista que mesmo inúmeras pessoas que integravam tais organizações continuam desaparecidas até hoje. Sobre as representações da repressão à leitura, segue o excerto de *Pedra da Memória*:

Entrei na Livraria do Globo e pedi *O Capital*. [...] O livreiro disse que não tinha, mas quis saber para quem eu queria comprar, e respondi que era pra mim. Fui levado à alta administração, mas salvou-me um jovem escritor, de largas sobancelhas, que intercedeu junto ao dono, dizendo que era um absurdo estarem interrogando um adolescente sobre questões políticas. Soltaram-me, eu, em retribuição, disse ao escritor que ele ainda seria muito famoso (ASSIS BRASIL, 1994, p. 193).

Ora, é sabido que através dos séculos a leitura sempre foi considerada uma prática perigosa e que um dos desdobramentos desse pressuposto foi a constante advertência acerca do que poderia ou não poderia ser lido. Quanto aos regimes ditatoriais, não só no Brasil como em inúmeros países, poucas eram as chances de uma vida tranquila caso os leitores não se cautelassem frente ao texto escrito. Era preciso ação, mas também coragem: a censura sempre busca determinados lugares como motivos do mal a atingir a humanidade – majoritariamente os livros. A leitura, nesses casos, atua como uma forma de liberdade das mais radicais – a liberdade do sonhador-leitor em contato com o texto proibido; a liberdade que consiste em abrir o livro; a liberdade possibilitada pela decisão livre do leitor de prosseguir sua leitura – uma vez que o leitor, estando comovido por algo que passa a compreender, faz de sua passividade, a da recepção, um ato. Tal passagem há pouco citada da série é importante para

refletir acerca da face questionadora dos leitores. Daí vem o caráter libertador e fundador da leitura, definidos por Sartre:

Escrita e leitura não são mais do que as duas faces de um mesmo fato histórico, e a liberdade para a qual o escritor nos convida, não é uma pura consciência abstrata do ser livre (...) cada livro pressupõe uma libertação concreta a partir de uma alienação particular (SARTRE, 1948, p. 90).

Adiante nessa perspectiva, por sua vez, para Blanchot a liberdade do leitor é de outra natureza: é definida por seu papel e sua posição perante a obra que ela elucida e realiza. Essencialmente, essa seria uma liberdade de acolhida:

Ela (a leitura) é liberdade, não liberdade que dá ao ser ou o apreende, mas liberdade que o acolhe, consente, diz sim, só pode dizer sim, e no espaço aberto por este sim deixa afirmar-se a decisão surpreendente da obra, a afirmação de que ela é – e nada mais (BLANCHOT, 1953, p. 258).

Ainda é possível encontrar, aliada a tudo isso, a noção de generosidade. A leitura é, sobretudo, um ato feliz:

A leitura torna-se aproximação, grata acolhida da generosidade da obra, acolhida que eleva o livro à obra e faz da acolhida o enlevo em que se pronuncia a obra. A leitura é esta pousada, e ela tem a simplicidade do Sim leve que é esta pousada (BLANCHOT, 1953, p. 261).

Depois de experimentar tais sensações, o próximo passo do leitor geralmente é perceber-se como tal. Contemplativo frente à condição propiciada pela leitura, não raro as comparações entre as observações literárias e as do cotidiano ficam cada vez mais tênues. Páris encaixa-se nesse perfil, como é evidenciado a seguir, em *Pedra da Memória*, segundo volume da série:

Aquela solidão nos campos... os poetas nas coxilhas, aquele silêncio apenas rompido pelos quero-queros, o arrastar dos chinelos das empregadas, o ruído do gerador de eletricidade à noite... – preciso cuidar-me: tornei-me excessivamente literário nos últimos tempos, procurando descrições sérias, primores de estilo, furtos aqui e ali; isso é coisa de quem pretende fazer carreira na literatura (ASSIS BRASIL, 1994, p. 262).

Tornar-se “excessivamente literário” talvez sirva para designar os sentimentos e reflexões que afloram com cada leitura e são compartilhadas, bem próprias à comunidade leitora. Chartier (2002) esclarece que o terror, a tristeza e a compaixão são também resposta das pessoas aos sofrimentos das personagens, expressas num vocabulário por vezes estranho, é o índice do surgimento de uma nova estrutura de sentimento. Também excessivamente literário, com a “licença poética” da utilização do termo, é o excerto a seguir. Altamente carregado de intertextualidade, a narrativa de Páris ganha ares shakespearianos – em alguns momentos a leitura parece ser, *ipsis litteris* no que diz respeito à sua estrutura, a de *Hamlet*:

PÁRIS

Para onde me levas? Fala, que não irei adiante.

ESPECTRO

Ouve.

PÁRIS

Estou ouvindo.

ESPECTRO

É tempo de eu voltar às malditas chamadas.

PÁRIS

Ah, desventurado espectro!

ESPECTRO

Não tenhas pena de mim, mas ouve o que tenho para te dizer.

(Eu estava em pânico, naturalmente, mas preparei-me para escutar. E falando sempre, lamentando por tudo que deixara de fazer, contando partes da sua vida, foi-me dizendo coisas absolutamente novas, que Beatriz me sonegara por todo aquele tempo. Ainda ouço as palavras finais.)

ESPECTRO

Mas não manches tua alma, nem trame espírito

coisa nenhuma contra tua mãe; entrega-a

ao céu, como os espinhos que ela traz no peito

para feri-la e aguilhoá-la. Adeus, agora:

já o vaga-lume, com sua fria luz que empalidece, indica que a manhã vem logo.

Adeus, adeus, lembra-te de mim.

Espectros não têm condescendência: desapareceu justo quando eu quis saber mais detalhes sobre tudo o que ele me contara. Chamei-o uma, duas vezes, e tinha como resposta apenas o tlec-tlec-tlec das rodas do trem sobre as emendas dos trilhos. Fiquei acordado um tempo enorme, abraçando-me a Beatriz, e ainda sentindo o perfume suave de água-de-colônia de meu avô misturada ao odor forte de charuto (ASSIS BRASIL, 1994, p. 137).

Aqui Páris vivencia a experiência literária de encontrar-se com o avô. Na ânsia de saber a respeito de sua gênese, insatisfeito com as informações

esparsas de Beatriz, o pensamento em forma de sonho confunde-se com a literatura.

Voltando ao supracitado excerto de Assis Brasil quando do episódio em que a leitura de Páris o deixa em maus lençóis, é a segunda vez que trata-se, nesse estudo, acerca de obras cujas leituras são condenadas – tanto por serem perigosas, nesse último caso, quanto por serem descartáveis, no caso da queima de livros de Olímpio, observado há pouco. Sobre a queima, no entanto, é interessante retomar nessa análise da dissertação porque tal hábito é bastante comum para os censores – o que justifica a utilização de tais representações. Por que não doar os livros, no caso de já não terem utilização para o atual dono? Por que a iniciativa logo da queima, será ela simbólica?

Historicamente, alguns episódios de metros de labaredas serem alimentadas por livros podem até parecer verossímeis – mas é difícil que se acredite que sejam reais. Por exemplo, é sabido que Paul Joseph Goebbels, ministro da propaganda da Alemanha nazista, discursava enquanto jogava mais de vinte mil livros de autores como Marx, Hemingway, Einstein, Émile Zola, Bertold Brecht, Proust, Freud e tantos outros à fogueira em 10 de maio de 1933. A multidão entusiasmada de aproximadamente 100 mil pessoas ouvia as seguintes palavras:

Esta noite vocês fazem bem em jogar no fogo essas obscenidades do passado. Este é um ato poderoso, imenso e simbólico, que dirá ao mundo inteiro que o espírito velho está morto. Destas cinzas irá se erguer a fênix do espírito novo (MANGUEL, 1997, p. 316).

Isso apenas para citar um dos casos que, na historiografia, tem-se notícias. Parece que ao atear fogo nos livros há a falsa ilusão do rompimento da veia questionadora do leitor ou dos supostos males que a leitura poderá trazer. Ora, mais até que a força da palavra dita em alto e bom tom em plenárias e em protestos, alardeada por megafones ou gritos repassados por fileiras nas multidões, os livros têm sido a verdadeira maldição para os que buscam repreender ou condenar certos textos ao esquecimento e essa problemática é exaustivamente abordada em literatura – Assis Brasil valeu-se dessa representação.

É interessante atentar que as tensões entre o confisco do poder sobre o escrito pelas autoridades e a conquista dos poderes da leitura por aqueles e aquelas que deviam permanecer distantes sempre foram permeadas pela noção que um “saber ler” bem-fiscalizado poderia assegurar a submissão à ordem, mas que poderia também ser instrumento de indisciplina e independência perigosa face à política conjuntural do país.

Outra das interpretações possíveis para a passagem supracitada da série é que - além das importantes representações acerca do tratamento e cerceamento que os leitores sofrem, historicamente, século após século - dada a comparatividade entre a juventude de Olímpio e a juventude de Páris, ambos têm sua ânsia revolucionária, embora historicamente bem delimitada e distinta, nascida e criada a partir da leitura de consagrados textos políticos.

Ainda sobre a influência política ligada a Páris e atrelada ao momento histórico representado na série, outro momento é evidenciado no dia em que a personagem recebe, no Castelo, soldados contrários à ditadura instaurada no país na segunda metade do século XX. Cabe ressaltar que nessa altura da narrativa a Condessa Charlotte também já havia morrido, os laços com Arquelaú estavam rompidos e, portanto, ele era o único herdeiro da referida arquitetura. Aqui a história e a literatura se encontram, no entanto, no enclave em que ambos os campos se associam e direcionam para a questão da narratividade como ponto de tensão entre eles, aflorando suas dissidências. Como poderia existir um exército contrário à ditadura instaurada - violentíssima - que declaradamente mal sabia pegar em armas? Este era composto, nas representações, principalmente por intelectuais brasileiros e uruguaios. O interessante é que as ações dessa tropa eram de esclarecimento: formavam grupo de camponeses nas redondezas, ensinavam os peões a ler e a escrever, davam instruções básicas de higiene e alertavam-nos para sua dignidade de mulheres e homens livres. Essa constatação remete ao fato de que a leitura, embora tenha desempenhado um papel decisivo na construção da hegemonia burguesa, por outro lado, a partir da democratização do acesso aos livros propiciada por esses grupos cujos relatos são vastos na história, “em geral ampliou consideravelmente o universo dos que poderiam usufruir os benefícios da leitura” (Chartier, 2011, p. 89). Quanto à passagem, assim é narrada por Páris:

O Castelo tornara-se uma fortaleza democrática, e os quartos, as salas, os salões e até a Biblioteca enchiam-se de toda aquela juventude multinacional, extasiada com os 20.000 livros do meu avô, destinando-os a uma futura biblioteca pública para os filhos dos miseráveis. Numa rápida olhada de cima vi também que meus dez metros haviam se transformado num campo de instrução, onde um intelectual dava comandos da ordem-unida (ASSIS BRASIL, 1994, p. 331).

É interessante que, quase um século depois, o Castelo no pampa, projetado para esse fim, finalmente havia tornado-se um símbolo da cultura – embora possivelmente jamais o tivesse sido, sobretudo nessas circunstâncias, caso Olímpio, seu idealizador, estivesse vivo.

Outro importante excerto da narrativa é quando, à noite, os intelectuais-soldados, perseguidos, retiraram-se para a Biblioteca onde discutiram, em voz baixa, algumas passagens da *Divina Comédia*, concordando que “o Inferno é muito mais saboroso que o Paraíso” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 334). Outra vez evidencia-se representacionalmente o caráter questionador do leitor frente às conhecidas verdades universais do senso comum, e, além disso, que a leitura não é um ato simples, mas sim problemático, que exige um sujeito atento e confrontador a quem cabe as reformulações de sentido.

Uma personagem que possivelmente tenha contribuído para o engajamento político de Páris na narrativa foi Antonello Corsi. Este era pai de um dos amigos do jovem ainda nos tempos da escola e foi responsável, em grande medida, na iniciação de ambos os adolescentes aos textos e ideologia de esquerda. Páris, movido por profunda empatia, sentiu-se acolhido naquela casa onde passou algum tempo já que não era aceito no Castelo. Abertamente, Olímpio não o queria lá por motivos pessoais, a saber, os rastros do passado com o qual jamais fez as pazes, no caso, o rompimento com a filha Selene.

Páris, no lar de Antonello Corsi, além de ter suas primeiras experiências com alguma rotina familiar, já que sempre havia morado em um internato até então, deslumbrava-se com o afeto e educação que nutriam um pelo outro. Mais tarde, já adulto, Páris retribui tal acolhimento: nesse momento do contexto narrativo o Brasil da primeira metade do século XX vivia plena perseguição dos sujeitos com os posicionamentos políticos libertários, a favor dos direitos civis, assumidamente de esquerda. Fugido, Antonello solicita hospedagem na casa de Páris até que consiga exilar-se do país. Mais tranquilo, examina o Castelo:

Então é assim que vive a nobreza pecuária do Rio Grande...’ Quis conhecer a famosa Biblioteca e levei-o. ‘... e tudo isso para nada... os liberais são assim: possuem imensas bibliotecas, mas preferem a erudição à sabedoria...” Ficou bem instalado por uma semana e, durante o dia, trancava-se na Biblioteca, inspecionando os volumes. Dava uma grande alegria vê-lo ali, dando nova existência àqueles livros mortos (ASSIS BRASIL, 1994, p. 367).

Finda a estadia do amigo e, animado pela visita, Páris redescobre, por assim dizer, o espaço da Biblioteca. Juntamente com o tio Astor, personagem permanentemente bêbada, e a tia Beatriz, começa a frequentar com assiduidade esse cômodo. Em momentos é em tom festivo, com a vitrola animando o ambiente e leituras em voz alta, em outros é para estudo e descobertas várias, acerca do mundo que o rodeia e acerca de si:

[...] eu precisava de divertimentos que afastassem as más ideias, e porque o rádio era precário, e porque, como vadios, gostávamos de ler, a grande atração do meu Castelo, depois dos entardeceres, continuava sendo a Biblioteca, e eu, Beatriz e meu tio Astor passamos a frequentar diariamente aquele tempo de conhecimento e vagabundagem, onde meu avô viveu os momentos mais célebres de sua vida (ASSIS BRASIL, 1994, p. 27).

Aqui é explorada outra face do espaço da Biblioteca e da personalidade atribuída aos leitores, uma menos gloriosa daquelas comumente associadas a esses sujeitos em ambientes de estudo bastante específicos, a de “vagabundos”. Nessa direção caminha o excerto de Manguel, no qual comenta que tais alcunhas destiladas contra os leitores também advém da visão que esses são seres geralmente “enterrados nos livros, isolados do mundo dos fatos, do mundo de carne e osso, sentindo-se superiores aos não-familiarizados com as palavras preservadas entre capas poeirentas” (1997, p. 331). Destarte, o leitor é inúmeras vezes hostilizado porque compreendem que este pretende “saber o que Deus em sua sabedoria compreende” e, assim, “tornaram-se emblemas de arrogância intelectual” (1997, p. 331).

Outra parte da narrativa especialmente interessante para observar as representações de leitores na obra é aquela na qual tem-se evidenciadas as viagens de Páris, juntamente com Beatriz:

Aceitando a sugestão de Astor, hospedamo-nos no Hotel Duas Nações, bem a propósito de minhas leituras de Eça de Queirós, pois ‘ficar ao pé de tudo’, como nos afirmava o entendido motorista de táxi, talvez não sabendo que a Baixa é o cenário obrigatório de tantos romances daquele gênio realista, se é que alguém pode ser realista e gênio ao mesmo tempo (ASSIS BRASIL, 1994, p. 227).

Ora, é sabido que para os leitores assíduos, costumeiramente as bibliotecas e lojas de livros são quase atrações turísticas, fazem parte de quaisquer itinerários. Afora isso, as representações dos cenários literários despertam a curiosidade dos leitores. Tal aspecto fica claramente evidenciado na passagem anterior. Outra parte bastante interessante é aquela na qual há um tipo de *mise en abyme* representacional. Ou seja, a representação dentro da representação, no caso da referência estereotipada dos velhos leitores - ou leitores velhos:

Enquanto isso, deliciei-me com a cidade: procurando sempre, entrei na Biblioteca Pública recheada com um milhão de livros – afinal, Beatriz, como uma leitora contumaz, poderia estar por ali, à busca de distração cultural enquanto eu praticava o beijo gaulês. Aquelas paredes jamais haviam recebido um consulente com meu grau de ignorância, e a bibliotecária de guarda-pó azul veio em meu socorro apenas por dever profissional. Disse-lhe a palavra ‘Brasil’ e ela levou-me a um fichário onde meu País cabia numa gaveta: folclore, economia, política, artes plásticas, geografia, história, enfim. Na verdade, eu queria dizer a ela ‘sou brasileiro’; ela, vendo meu ar desolado, conduziu-me a uma sala arejada, com mesas coletivas onde velhotes liam jornais como se estivessem à espera de algum compromisso e precisassem queimar as horas. Fez-me sentar e me trouxe jornais do Brasil, evidentemente atrasados, mas que me deram a notícia do grave momento nacional (o Brasil sempre está num momento grave, apesar do seu povo tão alegre) (ASSIS BRASIL, 1994, p. 279).

Afora a sobredita observação acerca dos “velhotes”, outra referência importante é aquela sobre os jornais: através das leituras dos periódicos era possível ter notícias, em todo o mundo, do conturbado momento histórico brasileiro da primeira metade do século XX, dentro, naturalmente, do que escapava à censura. Quanto à sentença “o Brasil sempre está num momento grave, apesar do seu povo ser tão alegre” – mesmo que seja difícil encontrar a relação do chavão “povo alegre” com o fato de o momento ser grave, a não ser a de reforçar um estereótipo -, essa afirmativa poderia, por um lado, evidenciar a influência, no mundo da leitura, das informações veiculadas nos periódicos.

Quer dizer, em toda a série referenciam-se importantes meios brasileiros de circulação de notícias, por exemplo, a Revista do Globo⁴⁸. No caso dos jornais, é importante mencionar que o Brasil ficou entre os derradeiros países do mundo a fruir do prodigioso invento. Com o avanço do prestígio dos impressos no mundo ocidental, a considerável importância da imprensa ficou evidenciada, sobretudo no século XIX, quando esta reinou como instrumento privilegiado da divulgação das ideias e notícias. Tal século presenciou a efervescência jornalística e essa revolução foi bem representada, sem dúvidas, em *Um Castelo no Pampa* – muitíssimas são as referências que ali constam e seriam suficientes para outra pesquisa somente com o intuito de investigá-las.

Outro ponto sobre as viagens que merece ser abordado, é aquele no qual Páris vai com Beatriz ao Rio de Janeiro. Antes de tudo, deve-se dizer que a escolha da narrativa ambientar-se em tal cidade não parece aleatória, uma vez que na corte, entre suas invenções do cotidiano, haviam vários espaços propícios à leitura – muitas são as crônicas da época, por exemplo as de Machado de Assis, repletas de informações que atestam essa afirmativa -, como os salões em seu ambiente de discussão das preferências acerca do que ler, além da divulgação dos escritos em *avant-première*. Não obstante havia grande número de cafés, de livrarias, de redações de periódicos, além do teatro e da Rua do Olvidor, reconhecidamente locais prestigiados de encontro de leitores. Nos salões, por exemplo, consolidavam-se, à época, os romances que circulavam no país, a literatura legitimava-se. Além de tudo isso, Páris e Beatriz ainda liam em espaço privado:

Apesar da natureza, digamos, exuberante, a tantos atrativos da cidade, não abandonamos nossas leituras [...]. Decidimo-nos pelos clássicos gregos, talvez pela presença do mar épico. Tristes histórias, em que conheci a safadeza dos deuses, Heitor, Menelau, Príamo, Agamênon, Pátroclo e aquelas pilhas de cadáveres e – oh deuses da coincidência” – Aquiles, com seu escudo das maldades. Não poderia haver nome

⁴⁸ A *Revista do Globo* foi um periódico que marcou a vida cultural e política de seu tempo. Importante divulgador das atividades do Rio Grande do Sul, sua criação foi incentivada por Getúlio Vargas, quando este ainda era presidente do estado, e tinha o objetivo de publicar “tudo o que no Rio Grande houver e doravante ocorrer, digno de registro e divulgação”. O empreendimento jornalístico que duraria 38 anos, com dimensões em grande parte político-partidárias aliadas a quem governava, sucessivamente, ditou comportamentos e visões tornando-se uma das maiores publicações nacionais. Sobre ela há alguns estudos que objetivam esclarecer a forma como dava-se a sua criação e o seu funcionamento, entre eles a obra fruto de uma dissertação, intitulada *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*, de autoria do historiador Mateus Dulmáz, editada pela EDIPUCRS em 2002.

mais apropriado. Beatriz lia em voz alta para mim, e, quando cansava, eu passava a ler para ela. [...] Assim varávamos as noites, naquela casa solitária do Botafogo. Nossos vizinhos com certeza julgavam-nas dementes: na descrição da luta entre Heitor e Ájax, por exemplo, eu levantei tanto a voz que tremiam os cristais da sala (ASSIS BRASIL, 1994, p. 180).

Outra das questões envolvidas por esse excerto que é interessante aprofundar é acerca da leitura em voz alta. Sobre tal prática, é possível mencionar que esta funcionava como sinônimo de convívio social, e foi fartamente representada por escritores que produziam justamente no e sobre o período aqui estudado, tais como Aloísio Azevedo, José de Alencar, Adolfo Caminha e Machado de Assis. De acordo com Chartier (1990), a prática comum da leitura em voz alta, tanto para si como para os outros, era uma convenção cultural da época que buscava a associação do texto com a voz, da leitura com a escuta. Além disso, a leitura em voz alta, no período em que a noção de uma mulher culta ainda era desaprovada pelos mais conservadores, era uma das possíveis maneiras que aprendessem aprender algo além de bordar e criar os filhos. Também esse modo de ler dava ao texto versátil uma identidade respeitável, uma existência no espaço e um sentido de unidade no tempo pouco perceptíveis nas mãos de um leitor solitário e volúvel.

Quanto à maneira como se dão as leituras, Chartier (2011) observa que alguns detalhes são de grande valia para o historiador da leitura, assim como o que emerge desses registros. Por exemplo, as motivações das preferências pelo espaço da intimidade (leitura no quarto, no escritório/Biblioteca); os casos em que ocorrem as leituras e/ou releituras e quais são elas; as afecções do corpo. Sobre estas últimas, para ele, “a força da linguagem parece mobilizar a sensibilidade de homens e mulheres, fazendo aflorar uma série de reações físicas que são, na verdade, evidências da comoção produzida pela leitura” (CHARTIER, 2011, p. 78). O que sabe-se sobre Páris é que, embora preferisse o espaço próprio para a atividade, a Biblioteca, lia em quaisquer lugares, sob quaisquer circunstâncias. Como anteriormente dito, também é sabido que sua contemplatividade era aguçada graças àquilo que lia. Contudo, outro ponto interessante a que a narrativa leva é aquela na qual, além de tudo, o jovem começa a confundir ficção e realidade – para tanto, o narrador utiliza diversas

artimanhas literárias, incluindo a paráfrase⁴⁹. Tal situação é permeada pela presença da personagem Beatriz, que ali atua como coadjuvante – sobre essa ligação na narrativa será falado a seguir.

⁴⁹ A Paráfrase, originária do grego *para-phrasis* (repetição de uma sentença), constitui-se na recriação textual, tendo como suporte um texto-fonte. Ao parafrasearmos um texto, estamos atribuindo-lhe uma nova “roupagem” discursiva, embora mantendo a mesma ideia contida no texto original (DUARTE, 2015, s/p).

2.3 Beatriz, a certificação de Páris

A personagem Beatriz, assim como Páris, tem sua história superficialmente contada em fragmentos e o quebra-cabeças encaixa-se aos poucos. Inicialmente suas aparições mais simbólicas são aquelas nas quais ela dialoga intensamente com Páris ainda criança, presenteando-o com livros nas visitas que o faz no internato. Carregada de um toque bastante maternal, lamenta que a vida lhe seja tão dura desde cedo. Ali ela dedica horas de diálogo para saber dos passos do menino, entender seu cotidiano, sua compreensão acerca do que estuda e dos livros que lê.

Mais tarde o leitor e leitora da série questionarão, movidos por uma inevitável empatia pela personagem, os motivos de Beatriz ter entrado na família do senhor do século justamente envolvendo-se com Arquelau. Este, como já foi dito, é filho de Olímpio e uma personagem que representa o que há de pior na humanidade: é machista, grosseiro, egocêntrico, violento, racista, um brutamontes, como Olímpio o chamou certa vez – a representação, enfim, de alguém que não acompanhou o progresso dos anos. Ele é narrado lidando com as empregadas do Castelo, por exemplo, como se estas fossem suas escravas, inclusive sexuais. Mais tarde Beatriz esclarece o momento em que o conheceu, no qual estava movida por uma insensatez momentânea, juvenil, e aceita o seu pedido sem que praticamente nada soubesse dele. Nos anos que seguem ambos mantêm o relacionamento por conveniência social.

Na série, Beatriz contracenava com o sobrinho praticamente todo o tempo. Além de ter a aparência belíssima, ser culta e agradável, é uma excelente companhia, em suma. Sobre seus hábitos de leitura literária, eles são melhor esclarecidos em alguns momentos, como na passagem em que é evidenciado através de Páris que a personagem possui “uma estante de livros muito lidos: romances de Hemingway, D.H. Lawrence – Filhos e amantes-, Eça de Queirós, contos de Machado de Assis, Erico Verissimo – O resto é silêncio -, Cyro Martins – Porteira fechada – entre outros” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 261). O convívio dos dois evolui e mais tarde tornam-se também amigos e confidentes, ultrapassando a relação adulto/criança. Esse avanço em suas relações é marcado, na linguagem, pela exclusão do substantivo feminino “tia”:

Beatriz lamentou minhas melancolias e passou a falar-me de suas insônias, só conseguia dormir depois de noite alta, ficava rolando na cama, como uma condenada. Costumava ler, nessas ocasiões, e isso servia apenas para aumentar a cultura, mas a vida, o que verdadeiramente importa, onde ficava? (ASSIS BRASIL, 1994, p. 306)

Aqui tem-se representado outro hábito forte dos leitores: procurar explicação, esclarecimento ou conforto, através da leitura, para os próprios dilemas. No caso específico da personagem feminina sobredita, atenta-se que a leitura simbolizava, para as mulheres desse período histórico, também a descoberta dos modelos que lhes possibilitavam organizar a narrativa de suas existências – fosse de maneira libertadora, fosse para a manutenção de antigos valores.

Outra evidência que desperta interesse, através das representações das personagens, sobre como se constituem os hábitos dos leitores, é que Páris, ao conviver com a tia, sem dúvida um bom exemplo em sua vida, que inúmeras vezes está entregue aos livros, às pesquisas ou aos jogos que envolvem conhecimento, começa a constituir uma rotina para a atividade leitora, como é frisado na passagem em que ele relata que “tia Beatriz fazia as palavras cruzadas da *Revista do Globo*, e eu lia um livro de contos, recolhido à estante de meu quarto – creio que aí começava meu desgraçado gosto pela literatura (ASSIS BRASIL, 1994, p. 304). Ora, tal como acontece com a memória que associa as reminiscências afetivas da atividade de leitura – sem, contudo, apresentar detalhes da obra a que o leitor dedicava-se no momento da recordação -, aqui é possível notar que a personagem lembra detalhes do ambiente em que estava, a ocupação da tia e a sensação do início do “gosto” pela leitura literária. É importante frisar, no entanto, tendo em mente o significado que a influência pode ter, que de acordo com Fraisse, Poupougnac & Poulain (1989, p. 44), “por se situarem tão claramente na sequência de uma tradição familiar, as práticas de leitura da criança não são menos pessoais”. Ora, esse descobrir-se como leitor tampouco significa sujeição quanto aos valores e práticas culturais herdadas, mas o provável surgimento de um atrevimento nas escolhas literárias, por assim dizer.

Beatriz atua, antes de tudo, como certificação de Páris, ou seja, ela foi o pilar, juntamente com outros fatores externos, para que ele construísse suas estratégias para orientar-se na pluralidade de gêneros literários. O processo de

emancipação que levou-o à condição de leitor autônomo parece ter-se efetuado com a ajuda da tia, sobretudo quando ele, ainda jovem, é narrado em *Os Senhores do Século* como um apaixonado:

Não pense que alguém chega a ser leitor compulsivo apenas porque teve boa educação e bons exemplos: o meio mais fácil para obter esse fim é, para qualquer homem, o conforto de um amor letrado; e eu estava fremente pelo amor de Beatriz, que, como se sabe, possuía alguns livros em sua estância e iniciara-me nos romances e novelas. Em pouco tempo eu falava como um professor de literatura, daqueles que gostam de ler (ASSIS BRASIL, 1994, p. 27).

Beatriz é o seu par, mas não no sentido corriqueiro das relações, e sim em um percurso mais complexo da sua vida de leitor. Para Fraisse, Poupougnac & Poulain (1989), o “par” atua como um tipo de facilitador da liberdade leitora, sem o qual os sujeitos dificilmente saem do universo cultural restrito de iniciação. Para esses autores, a intervenção de um par seria necessária para introduzir uma nova relação com o livro e para certificar outras modalidades de leitura. O papel do par não é apenas levar a descobrir ou dar novos textos para ler. Testemunho das novas leituras, ele ajuda a consegui-las e a “certificar” o novo leitor que tem sua trajetória cultural colocada em perspectiva. Beatriz é a parceira mais letrada e agente na oportunidade de confrontar as práticas leitoras de Páris.

Outra das interpretações possíveis para justificar a paixão de Páris por Beatriz seja o próprio deslumbre de leitor. É sabido, por meio de inúmeros registros, sobretudo os que referem-se ao movimento daqueles que leem romances ou poesias, que a leitura literária atua como instrumento de construção de uma nova linguagem, talvez mais romântica – dessa vez no sentido habitual da palavra -, em que o sentimento e o transbordamento vêm a ter lugar central que congrega a comunhão de ideias e compartilhamento de sensações comuns:

Foram leituras caóticas aquelas em que misturamos estilos e épocas; não era raro eu falar da Lisboa de Eça de Queirós, enquanto Beatriz elogiava as histórias de *Candide*. [...] E nesse entrevero internacional e estético, e antes que acabássemos como os loucos mais eruditos do Rio Grande, e assim como as pessoas reúnem-se para assembleias de sindicato ou para sessões de sexo grupal, decidimos tomar algumas medidas: a primeira era que iríamos por partes, isto é, debulharíamos autor por autor; a segunda era de que nossas leituras seriam objeto de troca de impressões, agora possíveis, dada a homogeneidade autoral. Era lícito riscar e anotar nas bordas das páginas as passagens mais importantes, ou as mais frívolas, ou onde o escritor caísse em erros

elementares de narrativa, enfim: o que não se faz para distrair uma paixão! Decidimos começar por Goethe, não por ser o fundador do romance moderno [...] e queríamos deixar à sorte o início da nossa investida romanesca. Preparamo-nos como mandava o estilo daquele acontecimento: eu, envergando um terno escuro do meu avô, Beatriz, um vestido de seda da Condessa, o mesmo que ela usava num retrato sobre o balcão (tudo com alguns acertos de alfinete e alguma tesoura) [...] e assim a Biblioteca foi invadida por tangos e boleros abrasadores, aliás bem a propósito do meu amor. E enquanto Gregório Barrios e Carlos Gardel clamavam de pulmões cheios as tragédias da vida, eu lia as desgraças do jovem de fraque azul e colete amarelo, e minha amada sentava-se provocadora à minha frente. Bela: nunca pensei que eu pudesse desejar tanto alguém. [...] Assim cruzamos vários serões, eu me embrenhando na literatura dos afetos incompreendidos, tentando entender por qual razão todos os amores têm o seu lado funesto e, ao mesmo tempo, começando a embaralhar minhas vidas. Apesar dessa melancolia criadora, Beatriz mantinha-se arredia, tanto que, quando eu deixava de ler e chegava-me mais perto, ela se afastava, cheia de recatos (ASSIS BRASIL, 1994, p. 27/28/29/30).

Contudo, diante do sutil afastamento de Beatriz no que dizia respeito aos sonhos amorosos de Páris, para não dizer total negação, o apaixonado em questão propõe outro critério para estabelecer algum enleio, o exclusivamente literário. No total desespero por ver que suas investidas não obtêm sucesso, Páris evidencia a situação na qual encontra-se com o demônio – tem-se o início, ali, da narrativa que visa extrapolar os limites da verossimilhança. Diante do senhor das trevas, a personagem solicita que lhe seja concedida uma aprência mais velha, para que Beatriz, quiçá, lhe dirija algum interesse além do costumeiro. Contudo, no fim do diálogo o jovem compreende que “tudo não passara de mais um tormento de meu espírito demente de tantos livros” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 32). Ainda assim, ele vê, em seguida, metamorfoseado: “logo atribuíam à muita leitura os ombros algo encurvados e os cabelos cinzentos; ou então isso devia ser algum teatro” (ASSIS BRASIL, 1994, p. 34). Aqui torna-se importante retomar a questão sobre as representações dos leitores enquanto seu aspecto: costumeiramente são narrados como tipos taciturnos, distantes, solitários, com as costas curvas e óculos com grossas armações. Até nos dias atuais, entre os epítetos associados ao intelectual distraído, ao leitor míope de aspecto cansado estão “preguiçoso, débil, pretensioso, pedante, elitista (...) rato de biblioteca” (MANGUEL, 1997, p. 330). Em medida mais amena mas ainda assim nessa direção caminha tal representação de Páris.

Beatriz, diante das investidas do sobrinho, torna-se mais distante e o empreendimento familiar de leitura na Biblioteca tem o destino incerto:

Nossas sessões de leitura tornaram-se mais cautelosas, e minha atenção voltava-se toda hora para minha tia, que, era certo, não se empolgava muito com *Romeu e Julieta*. [...] Eu? Eu estava apenas triste. Era preciso que algo sucedesse, e logo. Só não esperava que os acontecimentos futuros fossem tão transcendentais. Vejam só: mais uma vez estou falando como um parnasiano (ASSIS BRASIL, 1994, p. 125).

Aqui é proposta a análise da representação sob a ótica de alguém que sofre de amor. Uma das evidências que justificam tal afirmativa é a citação do livro que ambos leem e que discutirão, *Romeu e Julieta*. A escolha da trágica peça de Shakespeare acerca dos caminhos tortuosos de uma paixão certamente foi das mais constrangedoras. Imagina-se a situação em que, encabuladas, duas personagens encontram-se falando de acontecimentos literários que remetem, a todo momento, à situação tremendamente desagradável em que se veem. Essa experiência, em certo sentido traumática, sobretudo para Beatriz, faz com que os rompimentos nessas atividades leitoras se deem gradativamente:

Chegou um momento em que eu abandonava Goethe e me embalava com a tragédia de Flaubert. Beatriz, talvez lembrada dos estragos anteriores, abandonara nosso propósito de estudarmos as obras de autores importantes, e mergulhava em leituras românticas que mal davam para o gasto da sensibilidade (ASSIS BRASIL, 1994, p. 73).

O curioso é que mesmo o mal-estar sendo vivenciado sobretudo por Beatriz, a voz narrativa que o evidencia é a de Páris. Além disso, o sobrinho constantemente sente-se apto a julgar as leituras da tia. Se por um lado é possível a compreensão que tal personagem é a que fala porque ela é a narradora dos capítulos em que se dão essas passagens, por outro não se pode deixar de notar que há um tipo de silenciamento da personagem feminina – como, aliás, já foi evidenciado anteriormente, principalmente no caso da personagem Urânia.

Antes de tudo, faz-se mister atentar que as mulheres do final do século XIX e começo do século XX viviam em mundos diferentes dos da atualidade, com suas próprias formas de percepção, seus próprios códigos. Às leitoras do século XIX, principalmente, conforme se observa na história e em suas representações literárias – pode-se citar Machado de Assis, nesse caso –, recomendava-se, de acordo com Morais (2002, p. 51), “a prática de leituras

amenas e delicadas, cujas temáticas girassem em torno de amores românticos e bem-sucedidos. São os códigos de moral da época, com o intuito de preservar a pureza das incautas jovens”. Assim configura-se, na série aqui estudada, o plano geral de leitura das personagens. Beatriz, contudo, em um segundo momento aparece como uma leitora de obras um pouco mais questionadoras, de cunho mais social, que poderiam suscitar algum engajamento em atividades políticas até, e ainda assim permace com a sua atuação subordinada, ofuscada pelos personagens masculinos. É como se tais leituras em nada contribuíssem para o seu empoderamento diante da própria vida. Uma das únicas evidências um pouco mais progressistas da personagem é que no último livro da série ela aparece como separada do marido, algo incomum à época. Curioso é que tal fato, praticamente anacrônico, passe praticamente despercebido na narrativa.

Beatriz é a responsável, ainda, a auxiliar que Páris compreenda algumas questões do passado acerca da mãe, Selene. Sem jamais ser explícita, a tia dá algumas pistas sobre o que aconteceu com tal personagem:

Num dos serões, vi que Beatriz procurava algo nas estantes. Veio sentar-se trazendo um enorme livro, que olhei por cima de seu ombro: um atlas de Astronomia, aberto num grande mapa da lua. Estranho, não? Mulheres são práticas demais para evadirem-se nos céus. Seu dedo passava pelas paisagens lunares como uma espécie de fantasia, e, num certo momento, chamou-me a atenção para um ponto do mapa, denominado Mare Crisium, Mar das Crises. ‘Quantos já se perderam nesse mar...’, ela me disse. E foi só; logo deixava o atlas e retomava, silenciosa, o seu livro (ASSIS BRASIL, 1994, p. 125).

Primeiramente, é interessante evidenciar que o nome Selene, na mitologia grega, refere-se à deusa da lua – aquela que dirige a carruagem lunar pelos céus. Em uma engenhosa referência à obscura origem de Páris, Beatriz sugere o cruel destino da cunhada, condenada ao trancafiamento, externamente em um hospital psiquiátrico, e internamente à própria melancolia. Beatriz, como o narrador testemunha, tem suas representações evidenciadas nos volumes da série sempre como se as leituras lhe tivessem efeitos muito intensos de sentimento de absorção. Quer a leitura seja efetiva, quer o narrador tenha feito uma pausa, é sempre uma relação bastante interiorizada e profundamente intimista que a mulher mantém com o escrito. Como a reforçar essa relação solitária e íntima, ainda que em tais situações ela esteja envolta por outras pessoas, a ênfase nas leituras da personagem estão em alguns dos seus

comentários precisos que evocam quase sempre uma reflexão devaneadora, tal como na citação anterior. A preocupação parece ser a de evidenciar que para as mulheres a leitura atua muito estreitamente ao sossego, no mais das vezes, que mais leva à meditação do que à ação ou à mudança.

Reconstruir esse passado de décadas em textos, principalmente os literários, significa recriar espaços, tempos e ausências, conforme as próprias percepções do autor empírico que depois poderão ser outras, as do narrador, que mais tarde necessariamente serão mais outras, as do crítico. Tudo isso fica materializado na urdida da análise. Significa, também, sobretudo nessa etapa, analisar uma das trajetórias das mulheres, baseando-se na forma como foram evidenciadas a partir da maneira pela qual os indivíduos compreendem o mundo social, afrontando-se ou aliando-se por meio das dependências e razões que os unem ou os torna contrários. Busca-se, aqui, também e talvez principalmente, compreender o motivo de elas terem configurado-se com determinadas representações necessariamente atuantes como secundárias nos livros.

Pensando na “análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo e de um espaço” (CHARTIER, 1990, p. 27), admite-se, na análise dissertativa aqui proposta, baseada - além de nas pesquisas teóricas e intensas orientações - na compreensão da pesquisadora que a tece dentro de um processo de construção de significações, que as representações das mulheres nos textos analisados levantaram inúmeros desconfortos – talvez, deve-se admitir, movidos por uma ânsia contemporânea e uma “presentificação” da obra estética. Sobretudo, porque as sujeitas são representadas evocando imagens dos modos de leitura, suas apropriações, afora as suas relações com o mundo, como se quase nada tivessem progredido ou se atualizado na passagem de praticamente um século, ainda que lessem romances que não eram necessariamente modelos de vida para os códigos de moral da época em que se inserem, caso da personagem Beatriz. Desse modo, há um tipo de negação à afirmativa que “oferecendo-se uma leitura plural, o texto torna-se uma arma perigosa nas mãos das incautas leitoras. (...) Torna-se, portanto, um jogo de poder” (MORAIS, 2002, p. 51). Se a tal interpretação foi coerente, essas representações atuam como um tipo de contrassenso, uma vez que se pretendem fidedignas, já que negam, em certo

sentido, que a leitura pode modificar a percepção e libertar quem dela se vale de certas prisões sociais. Se Beatriz é representada como uma leitora reflexiva, atenta, sensível, como poderá ser essencialmente passiva, ao mesmo tempo? Haverá leitor passivo?

Quanto à possibilidade de interpretação de que o narrador buscou manter-se fiel aos traços históricos da subordinação das mulheres, sobretudo naquele período, ora, há inúmeros registros de mulheres atuantes na concretude da linguagem sob o signo de leitoras críticas, escritoras contundentes, vozes questionadoras em inúmeras dimensões participativas da sociedade brasileira de tal época evidenciada, sobretudo com a modernização urbana – citações não faltariam. Muito teria a se dizer acerca das tensões que as mulheres enfrentavam em suas formações como leitoras no cenário brasileiro recém tornado republicano, por exemplo, como é o caso da inserção de Beatriz na obra.

As personagens femininas da série também são marcadas pela exterioridade ou interioridade dos espaços em que leem. Para Fraisse, Poupougnac & Poulain (1989, p. 70), as situações de convívio em casa sempre reúnem mulheres. Sabe-se que a leitura é, de modo geral, mais comumente representada no espaço privado do lar e “esta continua associada ao universo feminino e a um certo número de atividades femininas”. São imagens, afinal, bastante tradicionais da leitura. Na série algumas vezes tais representações ocorrem nos espaços para além de seus lares, mas muito fortuitamente – mais raramente ainda elas praticam uma leitura claramente funcional, por exemplo. É interessante evidenciar que Beatriz frequentemente lê livros, dificilmente jornais. Como outras representações das mulheres de *Um Castelo no Pampa*, se existe a leitura de um periódico, será uma revista ilustrada mais ou menos fútil e não um diário informativo, como no caso dos homens representados. Ainda para os autores sobreditos, “o jornal, mais do que o livro, é, por excelência, a leitura masculina” (1989, p. 69).

Morais (2002, p. 59), em seu estudo, esclarece que a existência da mulher que vivia nesse período histórico “quase sempre transcorria na casa paterna e, por extensão, na casa do marido”, tal como acontece com Beatriz. No entanto, a personagem leitora também percorre inúmeras localizações geográficas pelo mundo, na maturidade, sem o marido, o que poderia fornecer vasto material, representacionalmente, acerca da influência das viagens em suas leituras e na

mudança da perspectiva cultural dessa personagem diante da inevitável agudização do seu refinamento estético diante dessas situações. Permaneceria a lição que novas compreensões sociais trazem novas maneiras de abordar a própria inserção no mundo.

É válida a observação que, tudo isso, tem-se levando em conta as representações a partir da afirmativa que “os usos da leitura, portanto, são muitas vezes insondáveis e estão longe de serem passíveis de controle” (Chartier, 2011, p. 89) e isso também vale para as interpretações sobre estas no presente estudo. Tratando um pouco mais sobre isso, também, caminha nas investigações a seguir, acerca da Recepção.

3 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: OUTRA CHAVE DE ANÁLISE

Se por tradição entendemos o processo histórico da práxis artística, então ele deve ser pensado como um movimento que começa com a recepção, que apreende o passado, trá-lo de volta a si e dá ao que ela assim transformou em presente, traduziu ou “transmitiu”, o sentido novo que implica o seu esclarecimento pela atualidade.

(JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002. p. 39)

Fabricando períodos e verossimilhanças intoleráveis, deveria ser visto antes como uma tentativa desesperada de nos acordar *para a* história, em um tempo em que morreu qualquer senso real dela.

(ANDERSON, P. “Trajetos de uma forma literária”. In: *Novos estudos*. São Paulo: CEBRAP, nº 77, março de 2007, p. 220.)

A leitura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer as nossas capacidades.

(ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 10)

Já há muito, sobretudo a partir dos anos 1980, o país assinala uma ampla discussão em torno da leitura, amparada em parte na crise da educação brasileira em sua esfera tanto municipal e estadual como federal (o ato de ler é assumido como um problema inclusive metafórico que envolve a sociedade e que procura a sua identidade), e também sob o signo da necessidade de questionar um passado desses sujeitos leitores e como configuram-se as suas representações. Essa é uma história também presente em sua forma não-tradicional, como no caso da literatura, e, que assim como quaisquer operações historiográficas oficiais, no mais das vezes observa-se que pode ser dissimulada.

Portanto, o objetivo principal nessa etapa do estudo é ressaltar o público enquanto fator ativo no processo literário, uma vez que é possível afirmar que as mudanças de preferências deste interfere na produção e circulação dos textos – questões amplamente discutidas nos estudos de Jauss (2002) e Iser (1999). Para estes, não se pode enxergar o sistema literário sem que se entenda que ele constitui-se através da estreita ligação entre obra, autor e leitor. Ao gravitar em torno desse tripé, objetiva-se compreender a interpretação e as representações literárias.

Caminhando por entre os meandros da história, torna-se interessante evidenciar que:

Até meados do século XX, a estética tradicional e as teorias norteadoras das análises literárias desconsideravam o leitor, fazendo com que os estudos oscilassem entre o autor e a obra. No primeiro caso, interessadas no universo do escritor, quando a biografia ganhava importância. No segundo, a obra era vista fora de todo contexto histórico, e a linguagem, o estilo, a estrutura e a textualidade eram priorizadas em prejuízo do mundo do autor. Fosse como fosse, em ambos os casos, as teorizações se estabeleciam em detrimento do leitor que, desde o surgimento da sistematização teórica dos estudos, não tinha merecido interesse. A Estética da Recepção (ER) surge com o desejo explícito de conceder ao leitor o seu devido lugar. Ela subverte o exclusivismo da teoria da estética tradicional, uma vez que entende a Literatura como processo de produção, recepção e comunicação, ou seja, uma relação dinâmica entre autor, obra, leitor e o sentido daí resultante (MOTA, 2011. s/p).

Em todas as orientações de tal corrente teórica fica frisado o papel ativo do leitor no processo de construção de sentido presente na leitura crítica e interpretação das obras. As evidências caminham na direção acerca da inesgotável atualização dos textos literários ao passo que os leitores modificam os seus horizontes de expectativas:

Cada época, com sua mentalidade, pode conferir novos matizes de sentido, bem como motivar novas produtividades a partir de novas leituras às mesmas obras (MOTA, 2011, s/p).

Também isso dá a qualidade aos clássicos – aqueles livros cujas temáticas e conclusões seguem atuais não importando há quanto tenham sido produzidas.

Reiterando o que é evidenciado no pequeno texto que antecede a leitura integral da obra de *Perversas Famílias*, no qual diz-se que “o público culturalmente bem-formado deseja conhecer melhor o país em que vive, talvez à busca de uma identidade um pouco massacrada pelas generalizações do mundo pós-queda do muro de Berlim” (ASSIS BRASIL, 1994, s/p.), e pensando que a recepção refere-se à acolhida alcançada por uma obra no período de sua publicação e mesmo ao longo da história – mantendo-se em diálogo com o público compreende-se que, possivelmente, *Um Castelo no Pampa*, por seu caráter nitidamente de busca às origens, possa agradar os leitores voltados à tradição e desagradar outros que poderão compreender a série como obsoleta e até mesmo bairrista - quer dizer, por atentar com profusão aos costumes,

sobretudo os gaúchos, diga-se que pouco esforçando-se para desestereotipar hábitos e personalidades rio-grandenses.

Nessa direção, não obstante, é imprescindível esclarecer que “aquele que ‘escreve’ não é aquele que ‘conta’” (JOUVE, 2002, p.35). Aqui o que está em oposição é o autor empírico e o autor literário ou narrador. Por exemplo, o escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, provido no mundo real de alguns dados biográficos bem estabelecidos, distingue-se dos narradores presentes na série que produziu, *Um Castelo no Pampa*, estes que só se apreendem pelas narrativas. De acordo com Jouve (2002, p. 36), em sua obra de referência *A Leitura*, “para ter uma vaga ideia do autor, é preciso fazer uma pesquisa, juntar documentos, ler prefácios⁵⁰: para saber tudo do narrador basta ler seu texto”. Ainda que o narrador seja fruto da criação de uma pessoa, o autor, e carrega algumas das visões e apreensões de mundo com que esta compactua, discorda ou simplesmente observa que exista, existiu ou prevê que existirá, esses pormenores, no entanto, aqui não são necessários – mesmo porque não passariam de especulações infrutíferas, afora manterem um modelo de ciência utilizada há mais de um século. Destarte, a Estética da Recepção deve servir principalmente para levar em conta as condições sócio-históricas das diversas interpretações textuais pelo universo dos leitores possíveis, uma vez que:

O processo de recepção e de seus pressupostos devolve a dimensão histórica da pesquisa e muda o paradigma da investigação literária e discursiva, ao sublinhar o duplo horizonte do ato da leitura: o horizonte implicado pela obra e o horizonte projetado pelo leitor de determinada sociedade. (...) O discurso literário se constituiria, através de seu processo receptivo, enquanto pluralidade de estruturas de sentido historicamente mediadas (MOTA, 2011, s/p).

Diante do supracitado excerto, algumas perguntas são inevitáveis: por que o interesse, naqueles anos idos da última década do século XX, em retomar a questão da gênese do Rio Grande do Sul, por exemplo, assim como questões políticas que dividiam o país, e mesmo as personalidades nascidas no estado? De acordo com Antonio Esteves:

É facilmente constatável, a partir das últimas décadas do século XX, o incremento de publicações de narrativas híbridas que, rompendo as

⁵⁰ Os resultados mais relevantes de tal atividade constam em algumas notas de rodapé no capítulo anterior dessa pesquisa acerca das representações das personagens leitoras.

barreiras dos tradicionais gêneros, privilegiam ações que se desenvolvem no passado ou tratam diretamente de temas históricos. O fenômeno, praticamente de âmbito universal, também pode ser observado no Brasil. O presente texto discute, em linhas gerais, as manifestações mais recentes do romance histórico brasileiro. Da mesma forma, procura demonstrar como esse gênero narrativo, num movimento pendular entre tradição e ruptura, tem lido de modo privilegiado os signos da história, descortinando várias facetas identitárias (ESTEVEES, 2008, p. 53).

Desse modo, uma das compreensões possíveis que justique a temática de *Um Castelo no Pampa* é que ele encaixa-se no movimento literário dos anos 1990. A fortuna crítica de outras obras do mesmo autor já evidenciaram que, na referida década, havia um movimento bastante quisto pela editoras no qual apreendia-se o passado em um presente histórico. Ora, como anteriormente dito, inúmeras das personagens dos três volumes da série saíram diretamente dos compêndios de história. A narrativa encontra-se permeada por uma reconstituição histórica que, por alguns momentos, exacerba-se em minimalismos.

Outra constatação destacada acerca de tal período é que no fim do milênio observava-se um “turismo temporal”, ou seja:

Como restam poucos lugares desconhecidos na terra, o homem atual tenta saciar sua sede do exótico em viagens temporais através da leitura. Daí a proliferação de livros de memórias, biografias, autobiografias, narrativas históricas romanceadas ou romances históricos: gêneros híbridos relacionados com a história (ESTEVEES, 2008, p. 56).

Com efeito, em tal romance o passado seria experienciado como uma aventura já consumada e, portanto, nada perigosa – como no caso das revoluções ali narradas -, evitaria-se reviver todos os detalhes do passado, como as intempéries do cotidiano. Ainda de acordo com o mesmo autor, esse gênero literário poderia ir ao encontro dos anseios do leitor de não perderem-se pelos caminhos inseguros da fantasia ilimitada “ameaça de uma separação definitiva com a realidade, que pode levar ao delírio” (ESTEVEES, 2008, p. 56). Ainda para o estudioso, o prazer da aventura de ler os romances assim ambientados historicamente eram pensados de maneira que não devessem desgastar-se na ansiedade e na irracionalidade.

Além disso, há a importante questão acerca do mercado editorial. Bastava um olhar mais atento à vitrine das livrarias no começo dos anos 1990 para observar que estavam expostos, nas prateleiras mais visíveis, uma grande quantidade de *best sellers* sobre personagens históricas e o que se compreendia por tais “fatos”. As observações de Esteves (2008) deixam claro, embora o autor admita que faltem pesquisas mais precisas acerca desse panorama, é que, à época, houve uma enorme quantidade de lançamentos de biografias – proliferação que voltou nos últimos anos -, seja de personagens históricos mais recentes e nacionais, seja de personagens que traziam à tona tempos longínquos em lugares distantes e exóticos, escritos pelos mais variados autores e procedências. Da mesma forma, disputavam lugar com livros cuja classificação como história ou ficção não oferece dúvidas, aqueles claramente híbridos que mesclavam elementos fictícios e históricos:

São histórias romanceadas ou romances que tratam diretamente de certos episódios históricos ou que têm como protagonistas personagens que ocuparam a linha de frente na história. São, ainda, crônicas de viagem, biografias, autobiografias, livros de memórias, romances-reportagem, muitos dos gêneros claramente híbridos que conquistaram a preferência do público leitor. O mesmo parece ocorrer em outros setores como o cinema ou as novelas e seriados de televisão, nacionais e internacionais. Filmes cuja ação ocorre na Antiguidade ou Idade Média conseguem destaque na mídia, ao mesmo tempo em que levam multidões às salas de projeção, ou movimentam o lucrativo negócio do empréstimo de fitas de vídeo. Embora diferentes entre si, têm algo em comum: reconstroem um período perdido nas brumas do passado (ESTEVES, 2008, p. 57).

Dito isso, uma brevíssima pesquisa – que necessitaria de maior fôlego – foi feita, embora bastante superficialmente dada a localização geográfica da pesquisadora e o pouco tempo de um curso de mestrado: buscou-se em alguns cadernos culturais dos principais jornais do país e revistas de divulgação⁵¹. Tais obras burbulhavam em propagandas. Contudo, em uma pesquisa mais criteriosa direcionada para esse fim, com tal amplitude de dados, poderia constatar-se, sobretudo comparativamente com outros períodos, as motivações de tal tendência para o mercado – um belo estudo seria. Uma série de outros fatores deveria ser levado em consideração, até mesmo o interesse lucrativo e político

⁵¹ Afora isso, também foi feita a tentativa de observar os sumários de catálogos editoriais – este último não pode ser visualizado porque deveriam vir acompanhados de inúmeras burocracias que demandariam meses.

da grande mídia em propagandear por mais ou menos tempo tais projetos livrescos.

Outra compreensão interessante é que, observando tais casos de leitores em grande número, compreenderam que as motivações por tais obras literárias também estavam vinculadas a um desejo de fuga de um cotidiano hostil, sendo, esse passado longínquo, um refúgio. O mais evidente, no entanto, é que essas apreensões não atuavam de maneira isolada. Da mesma forma, esses sujeitos leitores poderiam elaborar o que deveria ser evitado e o que deveria ser exaltado em outros momentos históricos.

Outra das questões que surgem é acerca do chamado romance histórico⁵². Sobre este, é possível dizer que é um gênero narrativo híbrido, que majoritariamente produz romances. O esquema básico ali é que “a ação narrativa ocorre em um passado anterior ao presente do escritor, e o pano de fundo deve ser um ambiente histórico rigorosamente reconstruído” (ESTEVES, 2008, p.58), no qual figuras históricas ajudam a fixar a época. Sobre esse pano de fundo, situa-se uma trama fictícia, com personagens e fatos também subvertidos pelo autor. Outra importante preocupação do romance histórico é conseguir um equilíbrio entre a ficção e a dita realidade, através da verossimilhança, nos quais a inventividade do escritor empírico, somado aos dados históricos, produzam composições críveis.

⁵² O principal estudioso do gênero fixado por Scott e seus seguidores foi Gyorg Lukács, em obra publicada originalmente em 1937, segundo a qual os grandes momentos históricos de crise favorecem o surgimento de uma reflexão sobre o sentido da história, um dos núcleos dessa modalidade de romance. Muitos dos preceitos por ele estabelecidos ainda podem ser utilizados na leitura crítica do romance histórico do século XIX. Praticamente todos os estudos do gênero produzidos desde então partem das agudas observações do célebre crítico marxista. Assim o fazem, por exemplo, Fredric Jameson (2007) e Perry Anderson (2007), que retomam seus conceitos para tentar explicar as razões pelas quais o gênero continua sendo um dos mais populares. (...) Embora o romance histórico não tenha mudado substancialmente ao longo do século XIX, já que os escritores realistas praticamente seguiram o mesmo esquema romântico, modificando apenas a forma de descrever o ambiente, mais minucioso e detalhado, algumas transformações devem ser destacadas. Uma delas ocorre ainda em 1826, quando Vigny, escritor pertencente a certa ala mais conservadora do Romantismo francês, publica *Cinq-Mars*, obra cujo protagonismo, ao contrário do que prescrevia o modelo scottiano, cabe a personagens históricos. O conceito de história por ele apresentado se funda mais na ação individual que no movimento coletivo. Esse mesmo tipo de ruptura também estará presente em algumas obras de Victor Hugo, que exaltam heróis reais e pretendem tirar do passado lições morais que possam aplicar-se ao presente caótico. Sua concepção de história, no entanto, é mais progressista que a de Vigny, já que o autor de *Notre Dame de Paris*, ao mesmo tempo em que eleva certos heróis, também oferece às massas um protagonismo que não aparece em outros autores (ESTEVES, 2008, p. 59).

No entanto, mudam-se os tempos, mudam-se as concepções, e é nessa direção que caminham as compreensões da Estética da Recepção. Para um leitor situado em 2015, por exemplo, qual o impacto de *Um Castelo no Pampa*? Não se deve deixar de lado que para a maioria dos estudiosos dos romances históricos, tais obras estão em crise desde o início da sua produção. Ou seja, sobrevivem apenas ao adaptarem-se às mudanças identitárias que surgem a todo momento. Assim, se cada modificação epistemológica do discurso histórico muda de acordo com as concepções dos novos historiadores, notadamente afetados pelas suas relações com a sociedade, também muda o romance histórico.

Por outro lado, a autorreferencialidade dos romances⁵³, sobretudo após as vanguardas artísticas do Modernismo, no século XX, já não via motivos para aglutinar o conhecimento de objetos, sujeitos e situações exteriores ao texto – oferecia, antes, outros componentes narrativos para que os leitores estabelecessem referências. Ou seja, o pacto realista, em tais correntes literárias, já não era necessário, e as obras não precisavam sujeitar-se às reflexões ou veracidade do mundo que lhe seria externo – nem mesmo ao pacto de verossimilhança que é o pilar do discurso ficcional tradicional. Foi aí que o novo romance histórico, e nele talvez se incluía *Um Castelo no Pampa*, teve novas artimanhas: na narrativa histórica há a distorção consciente da história diante de anacronismos, exageros, omissões – como no caso exposto no capítulo anterior acerca da narrativa da morte de Getúlio Vargas que não corresponde com os dados historiográficos. Há elementos vastos da intertextualidade, heteroglossia, paródias e paráfrases – e aqui cita-se o caso da narrativa de Páris idêntica à de Hamlet, como também foi evidenciado no capítulo anterior. É possível observar o grau de ruptura com o modelo de romance histórico tradicional – embora os modelos narrativos e representacionais permaneçam bastante costumeiros ali -, também, porque naqueles havia a

⁵³ Ao estudar as manifestações do romance histórico na América Latina, a partir da segunda metade do século XX, Seymour Menton aponta várias características. A mais importante delas está associada a uma concepção filosófica, segundo a qual seria praticamente impossível captar a verdade histórica ou a realidade. Da mesma forma, muda-se a concepção tradicional de tempo, passando a história a ser vista de forma cíclica. Paradoxalmente, seu caráter de imprevisibilidade faz com que possam ocorrer os acontecimentos mais absurdos e inesperados. Essa forma de pensar, embora assentada em princípios filosóficos comuns no século XX, foi amplamente divulgada a partir da obra do escritor argentino Jorge Luís Borges (ESTEVES, 2008, p. 60).

preferência por ficcionalizar personagens históricos conhecidos, dando-lhes o papel de protagonistas. Já na série aqui estudada o protagonista, embora tal concepção e delimitação nesse caso seja um tanto difícil, é ficcional.

Naturalmente, cabe aos leitores a última palavra, por assim dizer, embora seja evidente o projeto de uma releitura da historiografia tanto em *Perversas Famílias*, quanto em *Pedra da Memória* e também em *Os Senhores do Século*. Embora o modelo clássico narrativo não tenha sido exatamente abolido, assim como as versões oficiais não tenham sido tão questionadoras quanto poderiam, não se pode negar que talvez um dos grandes méritos da série tenha sido, embora em ínfima quantidade, dar voz àqueles que foram, através dos anos, excluídos e silenciados à margem da história. Como é o caso da personagem Antônia Guedes, a copeira:

‘Nasceu como um anjo, a coitada, sem chorar’. Nasceu filha de uma empregada de charqueador estabelecido às margens do São Gonçalo. No dia em que nasceu, faziam uma grande fogueira de São João, e a mãe pensou que Antônia nunca seria ninguém, pois nascera fêmea. Nasceu algo parda, e a mãe atribuiu essa cor funesta a um ex-escravo do estabelecimento, embora não tivesse muita certeza. Nascida, ficou na enxerga enquanto a mãe, arrastando-se até a janela do rancho, foi olhar a fogueira e viu muitos homens cruzarem as brasas sem queimarem as solas dos pés. Ao voltar para junto da filha, a mãe terminou o que antes falava: ‘é mais uma para sofrer, comadre’. Dizia só por dizer, todos diziam isso ao nascer uma mulher (ASSIS BRASIL, 1994, p. 63).

Antônia, a representação da trajetória da vida das mulheres pobres que serviam aos aristocratas, tem sua história contada do começo ao fim em um capítulo. Com os excertos sobreditos é possível traçar um panorama bastante interessante sobre a forma como as mulheres viam a si e ao mundo naquele período – um contexto no qual estas não tinham vez ou voz nem quando abastadas, quem dirá aquelas com pouco dinheiro. A copeira, no entanto, para trabalhar no Castelo de Olímpio, foi alfabetizada com a finalidade de compreender os pedidos, mesmo em outras línguas, do *menu* servido naquele espaço. Ela poderia ler e, no entanto, foi representada alheia a esse potencial. Sobre ela, ainda:

Naquela noite, após comer num prato de folha, Antônia foi mandada servir o jantar ao mais crescido. Preparou uma bandeja com a comida, e atravessando os corredores sem fim, chegou à porta que lhe

indicaram. Bateu, o rapaz mandou que ela entrasse e fechasse a porta. Foi nessa noite que Antônia perdeu a virgindade, e quando o rapaz erguia a calça e sentava-se à mesa do quarto para comer disse-lhe que ela jamais poderia contar a ninguém o que acontecera. E muitos anos se passaram. Antônia nunca mais saiu do Castelo: morreu servindo os jantares daquela família (ASSIS BRASIL, 1994, p. 63).

Assim finaliza tudo o que o leitor de *Pedra da Memória* saberá de Antônia. Para si, ter alguma instrução não a livrará das piores subordinações e de uma vida medíocre. É importante notar que aqui, mesmo que tenha-se citado a personagem fruto das representações alheias aos holofotes históricos, ainda assim sua trajetória se quer trabalha com uma possível ação de Antônia, não explora o que ela poderia ter sido.

Nessa mesma direção caminha a narrativa da personagem Proteu, filho de Olímpio, que, como foi anteriormente dito, teve um destino triste de falta de acolhimento afetivo familiar e sentimento de total deslocamento diante do mundo. Por fim sua narrativa tem o suicídio. Entre todas as possibilidades que havia para que ele buscasse a sua felicidade, sobretudo munido do privilégio de ser abastado, podendo morar em qualquer países com uma vida confortável, tal é o fim que lhe cabe.

Graças à carga plurissignificativa da linguagem, que como o nome sugere é bastante ampla, é possível, através dos romances históricos, realizar verdadeira dessacralização das releituras do passado e nesse sentido *Um Castelo no Pampa* parecia prometedora, embora na compreensão da pesquisadora da série tenha sido algo frustrante sobretudo quanto às representações das personagens pertencentes aos grupos minoritários. Poderá, naturalmente, haver a afirmativa que tal era o modo de construção literária que mais combinaria com a visão pessimista do narrador sobre a forma de encarar o que a conjuntura social retrógrada ali descrita fazia com tais personagens, no entanto, não deixa de ficar o gosto amargo em quem ansiava por representações mais empoderadoras.

Pode-se dizer que os romances históricos gozam de um novo êxito no atual momento literário brasileiro. Levando os anteriores estudos em consideração, uma das justificativas para tal observação é que outra vez faz-se necessária a recuperação da memória coletiva como fonte de aprofundamento de noções de liberdade. Isto é, a possibilidade de o leitor contemporâneo

compreender que se as ações das pessoas, ao longo da história, foram registradas de diferentes formas, ele também poderá ver a própria história como um conjunto de verdades que não são excludentes por serem diferentes.

Afora isso, é sabido que as pessoas voltam-se ao saudosismo em tempos de crise econômica. Seria algo como voltar a um passado utópico – que geralmente conta com personagens heroicas, embora felizmente também existem aquelas cujas observações literárias são menos voltadas aos poderes quase sobrenaturais do que às reflexões acertadamente lúcidas, sóbrias - que explique, pelo menos em parte, o atual momento em que se vive. O que espera-se, contudo, é que tal regresso ao passado não se limite à fuga diante das possíveis respostas à falta de perspectivas de futuro, mas como explicações coerentes e que possam colaborar com a superação dos dilemas do presente. É necessário estar atento aos caminhos do romance histórico uma vez que, se por um lado este pode estar associado a uma busca pela identidade, saudável portanto, por outro lado pode assentar uma utopia imprópria à situação ficcionalizada. Ora, não raro ao mascarar-se de denúncia das arbitrariedades costumeiras antigamente, o caminho seja justamente o de idealizar⁵⁴ os acontecimentos e as personagens que foram devidamente deixadas para trás – como no caso da aristocracia abertamente escravocrata, por exemplo, ou da ditadura brasileira.

Por isso, a pesquisadora que ocupa-se da dissertação aqui apresentada, entende que é importante investir contra as verdades impostas pela historiografia oficial e também pelo senso comum. A literatura é aliada, nesse sentido, em inverter as relações tradicionais e mesmo romper com as usuais compreensões de controle e de poder. Naturalmente, há narrações que apontam para as direções contrárias das há pouco descritas. Cabe somente aos leitores, nessa

⁵⁴ Tal é o caso de *Rei branco, rainha negra* (1990), de Paulo Amador, um dos romances que tratam de Xica da Silva, na Diamantina do século XVIII. Uma leitura desatenta pode induzir o leitor a crer numa situação de democracia racial e de igualdade de sexos que nunca existiu no Brasil colonial. Entre muitas outras obras nessa mesma direção, pode-se citar o caso de Georges L. Bourdoukan, que, em *A incrível e fascinante história do Capitão Mouro* (1997), reconstrói, sob o ideal multiculturalista, a vida no quilombo de Palmares, onde convivem pacífica e democraticamente uma grande gama de marginalizados da sociedade colonial brasileira: não apenas negros, índios, brancos pobres e vários tipos de mestiços, mas também judeus, mouros e homossexuais perseguidos pelas autoridades portuguesas e pela Inquisição (ESTEVES, 2008, p. 62/63).

imensa massa informativa de comunicações, desconstruir as verdades alheias que não lhe convencerem.

Entre os avanços da Estética de Recepção, depois de muitos anos de discussão acerca de como encaixar a literatura - se formalista ou se marxista -, estão a comparação e contraposição dessas teorias resultando no reconhecimento tanto do valor estético da obra quando seu encaixe histórico. Além disso, na imprescindível relação dialógica entre texto e leitor. Para os estudos recentes da Estética da Recepção o saber prévio do público, ou seu horizonte de expectativas⁵⁵, determina a sua recepção. Quer dizer, as experiências literárias, sempre novas, dialogam com o saber prévio do leitor, com as suas lembranças que despertam, com as suas expectativas, enfim, com um vasto leque de emoções.

A recepção, portanto, atua social e historicamente, uma vez que as reações do sujeito fazem parte de uma leitura bastante ampla do contexto no qual este se insere e observa seus iguais – o horizonte de expectativas delimita a primeira reação do leitor ao texto, munido de uma consciência individual, um saber construído socialmente de acordo com um código estético e ideológico prévio de determinada época. Da mesma maneira, se o horizonte de expectativas do leitor não for satisfeito, e além disso provocar um estranhamento, este é responsável por levá-lo a uma inovadora percepção do real. Com o passar do tempo e do repertório daquele leitor, ou seja, o acúmulo de conhecimento partilhado com os textos, alguns livros tornam-se sem atrativos para ele. Inclusive, o caráter de cânone das obras dá-se justamente quando estas conseguem provocar o leitor de todas as épocas, permitindo leituras outras em diversas situações históricas.

Dadas essas condições, é importante, além de examinar as relações atuais do texto com a época de sua publicação, compreender que entre a recepção do passado e as atualizações do presente - seus aspectos sincrônicos e diacrônicos, somadas às diferentes perguntas para as novas e velhas respostas – funcionam como uma história atuante em oposição à homogeneização. Essa talvez seja das mais valiosas contribuições da ER.

⁵⁵ Horizonte de Expectativa é outro conceito chave para compreender a Estética da Recepção. Essa noção pode ser definida como um sistema intersubjetivo ou estrutura de espera, um sistema de referências ou um esquema mental que um indivíduo hipotético pode trazer a qualquer texto.

Assim, é possível pressupor uma função social na literatura, abrindo, além de caminhos estéticos, a emancipação⁵⁶ contida no ato de questionar. Ao visualizar o cotidiano a partir, também, do horizonte de expectativas, propiciam-se rupturas e reconstruções dentro dos aspectos sociais formadores. O contrário também tem implicações e, nesse caso, é a perpetuação dos padrões vigentes, o caráter de reprodução afora o parco crescimento estético.

Uma das premissas centrais que tem-se em mente ao falar da recepção é o *leitor implícito*. Este atuaria como uma estrutura textual que ofereceria pistas acerca da forma como conduzir a leitura, de antecipar os efeitos previstos sobre o leitor. Com essa concepção o leitor seria tanto uma estrutura textual (o leitor implícito) como um ato estruturado (a leitura real, ou seja, determinada pela existência efetiva de tal sujeito).

Já ao conjunto de normas sociais (históricas e culturais) que o leitor compreende como tais é intitulado de *repertório* – são, por assim dizer, um sistema de compreensões extra-literárias. Os textos também apelam para esse sistema em seu conjunto estilístico. A leitura, ao potencializar o repertório do leitor real com o repertório do texto, propicia uma interação que confronta o horizonte de expectativas do sujeito. O leitor utiliza, assim, estratégias de seleção com as quais compara suas apreensões com as do enredo e, de tal forma, essa perspectiva é o que determina as suas representações que, conforme a construção de significados atribuídos, movimenta o ponto de vista de quem lê o texto transformando o seu horizonte e assim por diante. Daí o crescimento do leitor quanto suas apreensões do mundo através do confronto ou da aceitação das representações literárias.

Assim, o leitor pode transcender o cotidiano que o envolve – os elementos que vão cambiando os significados da própria vida durante a leitura, ou seja, esse ponto de vista em movimento permite que haja reflexão da condição real de existência desse sujeito. Nos textos ficcionais tal potência é ainda maior, porque eles estão utimamente relacionados às representações pelas quais o

⁵⁶ A experiência estética torna-se emancipadora na medida em que abarca três atividades primordiais, que, embora distintas, relacionam-se entre si: a *poesis*, a *aisthesis* e a *katharsis*. A *poesis* compreende o prazer do leitor ao sentir-se co-autor da obra literária; a *aisthesis*, o prazer estético advindo de uma nova percepção da realidade, proporcionada pelo conhecimento adquirido por meio da criação literária e a *katharsis*, o prazer proveniente da recepção e que ocasiona, tanto a liberação, quanto a transformação das convicções do leitor, mobilizando-o para novas maneiras de pensar e agir sobre o mundo (COSTA, 2011, p. 13).

leitor se reconhece, por assim dizer - ali há a possibilidade de experimentar as representações da realidade e não a própria realidade. Estas, por sua vez, de acordo com o que já foi discutido, são produzidas por meio de imagens criadas previamente e sucedem-se de acordo com a totalidade dos aspectos evidenciados e que compõem o significado global do texto.

Para Iser (1999, p. 77), “na sequência das representações, o objeto imaginário vai se apresentando contra o pano de fundo de um outro que já pertence ao passado” e, dessa forma, acumulam-se para formar um sentido que, por sua vez, ocorre somente no momento temporal atualizado pela leitura – por esse motivo, aliás, que existem inúmeras formulações de estilo que privilegiam os lugares vazios em hiatos, as lacunas propositais para que os leitores as preencham a partir de um novo ângulo. De acordo com Costa (s/d, p. 12), “por intensificar a formação das representações, tais espaços se mostram como condição para a comunicação efetiva entre texto e leitor”.

Diante de tudo isso, afirma-se que a Estética da Recepção contribuiu para a compreensão tanto do caráter historiográfico nas obras literárias como do estético e, principalmente, colaborou para atribuir ao leitor a tarefa de estabelecer seus próprios critérios de recepção época após época. A literatura deve ser compreendida como um processo de comunicação que dialoga com inúmeras vozes: o autor, o texto e o leitor. Nesse processo esse último é atuante por sofrer seus efeitos mas também por agir sobre eles com a própria compreensão, revitalizando os sentidos e ampliando a visão crítica tanto da obra literária quanto da própria identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU SOBRE AS VELHAS QUESTÕES

Um escritor recorta o mundo que lhe interessa investigar e o representa a partir dos nexos que ele descobre ou inveta/deduz.
(CHARTIER, Roger. *A força das representações: história e ficção*. 2011. p. 57)

Ler significa aproximar-se de algo que acaba de ganhar existência.
(CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 180)

Lutar com as palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã. (...)
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga denovo
ao centro da praça.
Insisto, solerte.
busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade. (...)
Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.
Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...
Entretanto, luto.
(ANDRADE, Carlos Drummond de. "O lutador". In: *Carlos Drummond de Andrade: poesia de 1930-62*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 274.)

Antes, quando do cair da tarde, andava eu pelas ruas às voltas em pensamentos sobre o que é necessário para compreender os leitores e atingí-los através dos livros, e aquela cena já típica chamou-me atenção sobremaneira: ano após ano a velha parecia ficar lá, parada no mesmo lugar, em frente ao sebo que lhe pertencia, na companhia de ipês que em alguns meses tornavam-se amarelos. Às vezes segurava os óculos, daqueles primeiros bifocais; às vezes um cigarro. Seu aspecto era ao mesmo tempo miserável e elegante. Ela bem

parecia inexoravelmente convencida da lentidão citadina e movia-se demasiado vagarosa, sonolenta até. Já eu não saberia dizer se julgava o espetáculo cotidiano da anciã patético ou sublime. Passava ali, olhava aquelas prateleiras entulhadas de textos misturados ao pó e ao cheiro de naftalina, e, enquanto andava, pensava se a impressão seria sempre a mesma sobre a aparência, desejo e solidão quista de quem se sente atraído pelo antigo – muito embora compreenda que tal associação talvez seja apenas imagens de sujeitos que leem que tenho em mente. Acaso mais alguém terá reparado que quando determinado tema nos orbita ele parece caber em todas as situações?

O prédio que abriga a loja de livros tem a fachada com numerosas janelas. Ao vê-lo no fim do dia, quando as luzes solares têm coloração laranja, é possível sentir aquela veneração que se costuma ter frente às fotografias de eruditos vestindo togas bordadas. Talvez a comparação seja antiquada, mas a fileira de tijolos é muito semelhante à posição desses senhores frente aos daguerreótipos e tudo isso harmoniza perfeitamente com o tom grave daquele marrom-argila. E como isso contrasta enormemente com os novos edifícios.

Daí que estaquei na frente da praça. Voltei para acalmar a curiosidade de saber quem, afinal, é a habitante daquele mundo diferenciado. Perguntei, com ares propositalmente desinteressados, se ali havia algum dicionário. Ela disse que não, fechou a cara e voltou-se ao balcão. Imediatamente pensei em mil títulos que poderia utilizar para a introdução de um diálogo mais informal, mas para a surpresa geral, não ruborizei quando me ouvi perguntar por que ela quis abrir um sebo. Falei assim, imagine o leitor, objetivamente, para o meu espanto e o dela:

- Por que abrir um sebo?

Esperei uma resposta simples e a contragosto. Foi aí que ela sorriu.

- Já pensaste na história desses livros? Eles têm várias, além do texto corrido. Cada página tem a digital de muitas pessoas que criaram expectativas e afetividade sobre essas mesmas páginas. Leram em épocas e com concepções bem diferentes.

Concordei. De repente, a velha senhora banal não é mais banal. Ela estava rigorosamente certa. Veio-me à mente, por algum motivo que não compreendi, o que a minha memória associa às mãos. Desde sempre as mãos chamam-me a atenção. Enquanto tive tal pensamento, mantive os olhos parados

na palavra dourada *Hamlet* de um dos volumes à minha frente. A analogia talvez fosse que elas, as mãos, como os livros, também contém o tempo numa irreduzível diversidade. Ou talvez tal comparação fosse apenas obra dos sentidos – tudo porque tenho para mim que o ato de ler estabelece uma relação física: os olhos colhendo as palavras nas páginas, os ouvidos ecoando os sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos são umedecidos na língua. Entrei, então, em uma encarniçada busca de aliviar o olhar dentro daquele livro shakespeariano. Nisso a senhora recitou aqueles primeiros versos. Interessante a cerimônia de ouvir alguém – ela sem dúvida priva o ouvinte de um pouco de liberdade inerente ao ato de ler, mas também dá ao texto uma incrível versatilidade, além de uma identidade respeitável.

O leitor desse relato coxo deve estar curioso para ter qualquer informação sobre quem sou. O que ocorre é que não há novidade. Não tenho nenhuma característica que me distinga das outras mulheres – e deveria? No mais das vezes sinto que todas somos uma - nem mesmo a vontade que todos sentimos, humanos, de sanar nossas inquietações, me diferencia. Será possível que todos sintam-se assim, duramente estrangeiros em terras conhecidas? Curioso é que enquanto os outros chutam bolas, sobem em árvores, namoram, dançam, alguns, totalmente alheios a essas situações, ficam em casa, lendo - aprendem, instruem-se e, casualmente, ficam um pouco prolixos - observe que me esforcei, de forma que foi necessário dar um pontapé no traseiro do prólogo, como é costumeiro nas comédias sem cores, para desenrolar, finalmente, a ação que quero expor aqui. *Preciso cuidar-me tornei-me excessivamente literária nos últimos tempos, procurando descrições sérias, primores de estilo, furtos aqui e ali; isso é coisa de quem pretende fazer carreira na literatura (1)*. É importante ressaltar que a maioria dos leitores é bastante grata aos livros, tornam-se amigos, afinal. É de fato uma pena que eles não consigam destituir-nos, refiro-me à comunidade leitora, desses gestos opacos, no mais das vezes brilhantemente desgraçados, quando não extraordinariamente hostilizados. Nesta situação, nada mais natural que conhecer cada escassa livraria e sebo da cidade em busca de muitas coisas, talvez a principal delas seja uma reconstrução. Sim, porque os métodos pelos quais lemos não só encarnam as

convenções sociais – a canalização de informação, as hierarquias de poder e conhecimento - como também determinam e limitam as formas pelas quais a nossa capacidade de interpretar é posta em uso. Tornar-se leitor é caminho sem volta.

Fustigada pelo vento e pelo sol, ao percorrer as ruas centrais de onde habito, mal sabia o que me esperava nesse recinto de livros velhos. Alguém mais culto dirá: não fale velhos, fale antigos. Não me importo. Além disso, eles realmente estavam caindo aos pedaços. Folheei um deles que estampava uma ilustração bastante gasta do Dom Quixote, rico em tropos retóricos, figuras metafóricas, estruturas narrativas diversas. *Mergulhei em pensamentos sobre as operações e regras que permitem assegurar a representação histórica do passado e rejeitar a suspeita de relativismo ou ceticismo que nasce do uso das formas literárias pela escrita historiográfica (2)*. No entanto, como sabia Cervantes para o nosso prazer ou o incômodo dos seus leitores, a ilusão referencial sempre se coloca na relação com o passado, seja qual for o seu registro. Rumando aquelas prateleiras, creio que passaram-se umas duas horas e volto a encontrar a idosa vendedora, dessa vez sentada com estudada indiferença observando suas unhas limpas, sem esmalte. Um conhecido de infância dizia que aqueles que olham muito para a ponta dos dedos, como que a procura de alguma coisa, têm dificuldade de pensar. Para ele, os cantinhos saltados das cutículas os ajudaria a refletir melhor.

- E agora tu queres saber o que da minha vida? A velha resmungou, de longe, sem levantar os olhos das mãos. Prefiro entender a sua pergunta como uma forma de criar intimidade.

- Quero entender a minha. Não é isso que buscamos, afinal, naquilo que lemos? Também gostaria de compreender poesia – confessei – penso sempre nas palavras e vivo torturada pelos poemas que substituem a vida.

Um súbito arquejar de sobrelance permitiu ser visto. A velha deu de ombros e voltou-se aos volumes escalavrados, inspecionando-os, decifrando minhas insônias, meu olhar que às vezes parece reverberar com os versos.

- Nem sei se a vida é pra ser entendida – Retruquei. Também me ocupo de pequenas perguntas sobre quem lê. Tenho andado com uma mania estranha de mapear os leitores dentro dos leitores dentro dos leitores, num processo de *mise en abyme*, algo que na minha cabeça se parece com os traços do Escher,

o artista gráfico holandês das construções impossíveis. É que parece que eles não são representações isoladas, entende? Todos os dias me convenço que, antes, se constituem como um intenso conjunto de relações. Para compreender esse processo consulto fontes de diferentes naturezas que se ligam com tantas outras – é uma relação intensa que não tem fim. Por esse motivo vou tentando reduzir a amplitude do olhar a observar mais detidamente o que certas personagens dizem sobre os hábitos leitores.

- E o que dizem?

- Tudo e nada. Mesmo o nada enriquece muito as investigações de quaisquer naturezas. Embora eu compreenda que história e ficção sejam unha e carne, como dizem – nesse momento fui interrompida pelo miado de um simpático gatinho -, então, aonde estávamos?

- Nas tuas conclusões sobre esses leitores.

- Ah, sim. O interessante de um processo de descoberta é que enquanto refletimos sobre os principais pontos nós nos damos conta de outros que, aí, passam a ser os principais. É uma luta vã essa com as palavras, como disse o poeta. Talvez essa seja a questão mais interessante das reflexões e dos trabalhos concretos que surgem delas, principalmente da temática da leitura, por mais exaustivamente pensadas que sejam estão sempre na superfície. Nem sempre tenho facilidade para administrar os meus *insights*. Desvio dos assuntos muito facilmente. Olha aí! Outra vez. Mas eu dizia que sobre as diferenças literárias e históricas, foi interessante observá-las porque eu consegui apreender muito suas diferenças semelhantes ou como semelhantemente diferem. Esse nas primeiras incursões. Além disso sofri, tive raiva, contemplei, me entristeci, me alegrei intensamente junto com as personagens com as quais convivi por quase dois anos. No início ingenuamente, sim, mas depois desvelando o que elas tinham a dizer sobre os leitores de ontem e de hoje, sobre o período de produção e publicação das obras. Primeiro é que os leitores parecem compartilhar, ano após ano, os livros como o maior dos benefícios que podem ter diante de um mundo que testa a todos, e nem sempre da forma mais simpática, admitamos. Com eles a compreensão de nós mesmos e do que nos envolve fica facilitada. Esses objetos, que infelizmente ainda são artigos de luxo no país, por outro lado atestam posição social e a famosa “última palavra” diante dos assuntos – ao mesmo tempo que conseguem impulsionar uma ação

questionadora e verdadeira mudança tanto subjetiva como objetivamente, também podem reforçar estereótipos antiquados e elitizados, como se apenas os abastados estivessem aptos para tal atividade. Acho que tudo o que é lido deve passar por um filtro crítico que, na medida do possível, deve ser bastante pessoal, embora envolto por uma apreensão de mundo que pareça mais crível ao leitor. Talvez assim a leitura possa atuar de maneira mais ativa na vida das pessoas. Talvez assim mesmo a literatura deixe de parecer coisa de vagabundo ou de herói.

Depois do monólogo no qual, às vezes, entro sem querer, a senhora anotou algo. Tinha a caligrafia bonita: os “l” e “g” pendiam para o mesmo lado, como se o mesmo sopro os tivesse inclinado. Seus gestos eram lânguidos, tinham algum brilho e logo percebia-se que naquela anciã havia muita apreensão do cotidiano. Não pude saber o que ela escrevia, mas disse que – também *creio que o desejo de ler, como todos os outros desejos que distraem as nossas almas infelizes, é capas de análise* (2). Tive impressão de já ter escutado tal assertiva.

- Pra mim, menina, até na leitura pisamos em terra firme. Quero dizer, sabemos o que estamos lendo, mesmo quando suspendemos a descrença; sabemos porque lemos mesmo quando não sabemos como, mantendo em nossa mente, a um só tempo, o texto ilusivo e o ato de ler. Lemos buscando, lemos distraídos, pulando páginas, esquecidos de onde estamos, lemos com desespero, negligência, admiração, paixão, inveja, lemos sem saber o que provocou essa inveja, lemos pelo final da história. Lemos, sobretudo, ignorantemente. Lemos lentos, parados no espaço, sem peso. Lemos ágeis, quase sufocados, num único fôlego. Lemos como se a memória nos fosse resgatada do fundo de nós mesmos. Lemos com malignidade e preconceitos, lemos com benevolência e arranjando desculpas para o texto, generosamente. Talvez desvendando o que é, no final das contas, tal emoção, é que se conseguirá cativar novos leitores.

- Descobrir qual o poder têm as obras de arte nas nossas vidas, isso?

- Não tanto pelo descobrir como pelo procurar. A isso que as pessoas devem ser incentivadas – *o reconhecimento de algo que nunca soubemos que estava lá, ou de algo que sentimos vagamente, como um bruxeleiro ou uma sombra, cuja forma fantasmagórica ergue-se e instala-se em nós sem que possamos ver o que é, deixando-nos mais velhos e sábios* (2).

Instantaneamente senti-me atraída pelas suas histórias que nem suspeitava quais fossem. Não suspeitava mesmo? Na maioria dos casos a impressão que tenho é que toda pergunta se funda sobre os indícios de uma esperada resposta. Pois bem. Há quem tenha simpatia por esta ou aquela virtude, alguma qualidade em especial. Uns tem mais estima pela coragem, eu delicio-me pelos relatos desses feitos heróicos; outros colocam acima de tudo as invenções dos gênios artísticos, literatos, científicos, eu tenho a inclinação de preferir saber, através das palavras dessas pessoas, como lhes aparecem as musas. De repente a velha virou-se com gravidade e reverência, fez sinal para que eu me sentasse numa escadinha, carregada de um cheiro rançoso de poeira, ao seu lado. Obedeci. Seu relato das paisagens da cidade da sua memória foi extenso, agradável. Senti-me *perante um romancista da história, não no incorreto sentido da história romanceada, mas como o resultado duma insatisfação tão profunda que, para resolver-se, tivesse de abrir-se à imaginação* (2). Inclusive, *parece legítimo dizer que a história se apresenta como parente próxima da ficção, dado que, ao rarefazer o referencial, procede a omissões, portanto a modificações, estabelecendo assim com os acontecimentos relações que são novas na medida em que incompletas se estabeleceram* (3).

Fiquei absorta em minha contemplação e perdida em pensamentos. A cidade que me era narrada era tão distante em sua opulência. Pareciam inverídicas suas frases, como algo que não era, mas que poderia ter sido. Depois compreendi que foi a forma que ela encontrou de expressar *uma curiosa verdade que só poderia aparecer assim velada, dissimulada, encoberta, disfarçada* (4). Ela falou de uma época que parecia situada em algum excerto das mil e uma noites; de um período em que os cavalheiros usavam espessos e imponentes bigodes e as damas eram obrigadas a fazer expressões de desdém. Contou-me que desde cedo começou a cantar, enquanto observava o horizonte e imaginava o que havia além dele. Depois, o sol não era o único expectador e passou a apresentar-se para o público presente em festas beneficentes e nas igrejas. Tudo isso tornou-se secundário após casar-se e ter filhos – até aquele sublime ano: 1914. Contava ela vinte e quatro anos e por ocasião da participação da temporada lírica do Teatro Sete de Abril, com suas poltronas em um aveludado vermelho, recebeu inúmeros elogios, dessa vez de estrangeiros.

- Tinhas que ouvir! – prosseguia ela, enquanto olhava para um ponto fixo na parede – eram aplausos em pé! Parece que os tenho aqui na minha frente. Ah, Amelita Galli-Curci e sua pele muito branca, segurava as minhas mãos e dizia que eu seria a maior soprano de todos os tempos.

Contou-me que após esses cumprimentos entusiasmados viajaram, ela e sua família – pois nada a pararia -, para Buenos Aires e para o Rio de Janeiro.

- A estreia da ópera que cantei, em quatro atos, era a “Aida”, do Giuseppe Verdi, sabes? O Teatro era lindo e cheirava à jasmim. Lá estavam concentrados os homens mais importantes do país, acompanhados de suas esposas devidamente vestidas com tecidos franceses. O entusiasmo que senti foi muito grande e ajudou, de certa forma, que eu mantivesse vivo meu sonho. Todo esse percurso foi muito duro, porque não era considerado adequado que uma senhora de família, casada, cantasse.

Deixo a cargo do leitor concordar se a vida a mim narrada era poética. Digamos, pelo menos, que certamente era, se algo certo pudesse ser, que tal historieta estava carregada de imensa literariedade. Por um período, que não sei quanto tempo durou, deixei-me levar por suas palavras sem permitir desconfiar. De que importaria saber, àquela altura, se tudo isso era real? A dicotomia entre a ficção e a realidade parece-me bastante cansativa. Tão difícil, às vezes, *diluir fronteiras que, em parte, relativizam a dualidade verdade/ficção, ou a suposta oposição real/não-real, ciência ou arte* (5). Sabemos que a literatura e a história, por exemplo, são práticas humanas situadas de acordo com estruturas próprias, mas têm muito em comum. Ora, *literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirma-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo* (6). Quem poderá dizer o que é ou não verossímil? Não esta que vos fala. Esses limites com a realidade são muito tênues e me confundem.

Recordo que contava eu doze anos e escutei alguém dizendo que havia lido “Eneida, de Virgílio”, provavelmente algum dos professores da minha escola. Achei que ali estaria descrito um caso de amor dramático, que terminaria com Eneida, a esposa, se separando de Virgílio, o traidor. No entanto, que surpresa tive ao verificar que estão narradas nessa obra muito do que se conhece dos povos romanos. Mais tarde li as epopeias homéricas, verdadeira reconstituição daquele período histórico. Lembrei de *Agosto*, do Rubem Fonseca, pertencente

à literatura brasileira, considerado texto literário e documento histórico ao mesmo tempo. Enfim. *As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais prazerosa do que a que estabelecem os livros de história. Daí a apropriação, por algumas ficções, das técnicas da prova próprias da história, a fim de produzir não “efeitos de realidade”, mas sim, preferencialmente, a ilusão de um discurso histórico (7).* Vês? Todavia, parece-me que o que vivo é um terceiro tempo. Nem da realidade, nem da ficção, mas o que eu faço com ambos a partir do que experencio. A velha falava de um tempo, ora que realmente passou, ora que ocupa o lugar do passado. A verdade também pode ser dita por mentiras, afinal.

- Tive uma carreira brilhante – prosseguiu após um breve pigarro - Quando apresentei-me no teatro Scalla, em Milão, mal pude conter as lágrimas. O público – continuou- atribuiu minha performance a um excelente trabalho de presença cênica, embora eu acredite que o que eles tenham visto mesmo, e talvez não compreendido, é que eu estava deveras emocionada. Naquele período meu marido e eu havíamos vendido tudo para custear minhas viagens pela Europa. Na cidade os olhares que eram voltados a mim eram cheios de restrições, como eu disse, as pessoas, naquele período, eram pouco afeitas às aventuras – sobretudo se executadas por uma mulher. Contudo, na Europa eu era respeitada e admirada, mesmo que eventualmente passasse por maus bocados. Como no caso em que fui motivo de chacota em uma livraria, na Itália, ao procurar jornais brasileiros. As mulheres, mais ainda naquele período, deviam confinar-se no reino da diversão banal e frívola, que os eruditos desprezavam, e havia uma distinção clara entre literatura e linguagem “masculina”, com temas heroicos e filosóficos, além de voz pública, e os “femininos”, em geral trivial, doméstico e íntimo.

- Imagino que sim. Mas isso não mudou muito. Na literatura, por sinal, até hoje é necessário atentar às descrições ficcionais que, embora escritas dentro de um grupo, limitam-se praticamente a repetir os preconceitos oficiais que, antes de tudo, conduzem à criação do grupo.

O frio que entrava pelo vão da porta era benévolo, afetuoso. Eu sentia que minhas expressões eram esquadrihadas.

- Cantei até no Egito, acredita? – pausou longamente o que dizia e franziu a testa - Ah, mas até as mais belas coisas acabam. Principalmente estas, eu diria. Interrompi os estudos para cantar alguns textos de Ovídio e acabei voltando ao Rio de Janeiro porque o gênero musical que eu interpretava teve amplo declínio. Procurava não lastimar e habituar-me com a nova vida. Com o canto, mantive apenas os estreitos laços contidos em ensiná-lo. Dei aulas para sobreviver, mas com a idade somada às fatias subsequentes de cotidianidade veio a rouquidão própria do desgaste das cordas vocais pelo passar das estações. E ainda tem o fumo. Voltei para o Sul. Restaram-me as memórias e o comércio que alimenta a vida urbana. Restam-me os livros. Bem, e daqui voltamos de onde partimos.

Depois, falou-me mais sobre seus filhos, seu companheiro, sua família de origem abastada, suas viagens. Compreendi que para as mulheres leitoras, a aparência era fundamental. Quero dizer, através dos anos, elas, desde que aparentassem indiferença pelo conhecimento, conseguiam criar e fruir através da arte em inúmeras direções – inclusive em meio às coerções da sociedade que quer que nos mantenhamos subservientes. A vida dessa senhora, ainda mais naqueles tempos, devia ser vista como um extraordinário ato de coragem.

Depois pensei que essas informações que ela fornecia, somadas e organizadas, careciam de linearidade. De repente, sem aviso prévio, olhou para cima, com a cabeça apoiada na parede e fechou os olhos demoradamente. Ao falar, para que reconstituísse o que havia acontecido ou o que queria que eu acreditasse, ela procurava representar o real a partir de uma gama de significados compartilhados. Testava-me em suas frases e compreendi a escolha: sua estratégia narrativa precisava ter apenas coerência de sentido e não comprovações. Todas as palavras ali ditas em tom de segredo não são *simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o passado é, efetivamente, o que dizem que é* (8). Seu discurso estava inserido em algum lugar que não sei exatamente qual era. Apenas consegui observar que ela tinha como referência o “real”, mas a forma como o contava acabava por recriá-lo. As informações eram muito difusas. Ou seriam apenas suas reminiscências, as lacunas da sua memória? É curioso como algumas falas nos tornam atentos às

minúcias de tudo, às pequenas observações pronunciadas, jogadas displicentes à inteligência de quem as escuta.

Para além dos julgamentos que desconfiariam e que precisam de testagem, precisei *aperfeiçoar os parâmetros intelectuais necessários para compreender de outra maneira as velhas questões* (9).

No silêncio que às vezes envolve os diálogos extensos, nesse caso mais uma escuta do que uma conversa propriamente dita, refleti um pouco acerca dos nomes, das datas, das informações e vi que a personagem dessa história se passou pela imponente e famosa cantora pelotense da primeira metade do século XX, Risoleta de la Mazza Simões Lopes, a artisticamente conhecida Zola Amaro. Contudo, ela havia falecido ainda nos anos quarenta. Atônita virei-me para questioná-la e ela simplesmente já não estava lá. Corri até à porta, olhei para os dois sentidos da rua e não a encontrei. Senti-me em um texto do Edgar Allan Poe cujos finais ficam em suspenso quando as informações já não fazem sentido para a personagem que as vivencia.

Como o sumiço deixou-me perdida, perplexa – inclusive, como é a natureza dos sumiços todos - saí sobre o paralelepípedo e dei-me conta que já quase amanhecia. Que limitada a minha sensibilidade para a passagem das horas. Essa constatação apenas colaborou com aquela impressão estranha acerca da personagem que ocupou o centro dessa narrativa. Tudo tão carregado de sentido, como a irrupção do consciente para o que se distancia da nossa compreensão racional. Que extraordinárias as alucinações projetadas pela nossa mente! Desaparecer, ora, como ela poderia?

Contemplativa, atravessei a rua Félix da Cunha com desatenção. Fui embebida de um mal súbito seguido de fortes palpitações que cessaram com os meus devaneios.

- (1) ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Pedra da Memória*. 1994, p. 262.
- (2) WOOLF, Virginia. *Sir Thomas Browne*. s/e, 1923, p.45.
- (3) MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- (4) CHARTIER, Roger. *A força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011, p.116.
- (5) SARAGAMO, José. História e ficção. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa: s/e, 1990, p.7.
- (6) Idem.

- (7) ESTEVES, Antônio R. Narrativas de extração histórica: sob o signo do hibridismo. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975 – 2000)*. São Paulo: Editora da EDUNESP2010. , p.17.
- (8) PESAVENTO, Sandra. História & Literatura: uma velha-nova história. *Revista Nuevo-mundo – mundos nuevos*. n.6. 2006. p.3. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em 26 de julho de 2013.
- (9) Idem.
- (10) CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 21.
- (11) Idem (7). p. 22.
- (12) Idem (2). p.30.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMPARO, Patrícia Aparecida do. *Sonhando acordada: um estudo sobre as práticas de leitura da coleção de romances clássicos históricos*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo. São Paulo: 2012.

ANDERSON, P. "Trajetos de uma forma literária". In: *Novos estudos*. n. 77. São Paulo: CEBRAP, 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond de. "O lutador". In: *Carlos Drummond de Andrade: poesia de 1930-62*. São Paulo: Cosac Naify. 2012 (p. 274).

_____. *Poesia 1930-62: de Alguma poesia a Lição de coisas*. São Paulo: Cosac Naify, 2012 (p. 238).

ANTUNES, António Lobo. "Retrato do artista quando jovem - II". In: *As coisas da vida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

ARIAS, Maria Helena de Moura. *O homem que enganou a província ou as peripécias de Qorpo-Santo: uma leitura de Cães da Província*, de Luiz Antonio de Assis Brasil. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista. Santos: 2008.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. "Escrever, todos escrevem". In: PECHANSKY, Clara (Org.). *A face escondida da criação*. Porto Alegre: Movimento; Pelotas, RS; UFPel, Editora Universitária, 2005 (p.66/68/71).

_____. *Os Senhores do Século*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1994.

_____. *Pedra da Memória*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1994.

_____. *Perversas Famílias*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1994.

AZEVEDO, Aloísio. *O cortiço*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

BEZERRA, Valéria Cristina. *A recepção crítica de José de Alencar: a avaliação de seus romances e a representação de seus leitores*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2012.

BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire*. Gallimard: Paris, 1953 (p. 258).

BORGES, Francieli Daiane. "A fragmentação das personagens no (e do) discurso nos contos de Graciliano Ramos: uma proposta de pesquisa". In: *XIII Seminário Internacional em Letras: linguagens em (inter)ação*. Santa Maria: 2013.

_____. “A inércia inquietante no conto ‘Insônia’, de Graciliano Ramos”. In: *XXI Congresso de Iniciação Científica*. Pelotas: 2012.

_____. “A problemática social no conto ‘Ciúmes’, de Graciliano Ramos”. In: *I Seminário de Estudos Literários - Pelotas: da formação à contemporaneidade*. Pelotas: 2012.

_____. “A representação de mulheres leitoras na série Um Castelo no Pampa, de Luiz Antonio de Assis Brasil”. In: *XV ENPOS*. Pelotas: 2013.

_____. “A representação de mulheres leitoras na série Um Castelo no Pampa, de Luiz Antonio de Assis Brasil”. In: *XV ENPOS*. Pelotas: 2013.

_____. “Angústia, de Graciliano Ramos e o drama social filtrado pelo drama do indivíduo”. In: *I Seminário Interinstitucional de Pesquisa*. Frederico Westphalen, 2011.

_____. “Insônia, de Graciliano Ramos: uma reflexão acerca da inquietude literária”. In: *Semana Acadêmica de Letras UFPel 2011: desafios da linguagem no século XXI*. Pelotas: 2011.

_____. “Notas sobre o ensino em textos de Graciliano Ramos: possibilidades de diálogo entre literatura, história e história da educação”. In: *X ANPED Sul*. Florianópolis, 2014.

_____. “Os estudos do narrador em textos literários comparados: um relato de extensão”. In: *XIII Seminário Internacional em Letras: linguagens em (inter)ação*. Santa Maria: 2013.

_____. Considerações sobre o Velho Graça: tentando um perfil. In: *Semana Acadêmica de Letras: língua, literatura, cultura e sociedade*. Pelotas: 2012.

_____; HOFF, Patrícia Cristine. “Drummond Comparado: diálogos entre pesquisa e ensino”. In: *II Seminário Interinstitucional de Pesquisa*. Pelotas: 2012.

_____; HOFF, Patrícia Cristine. “Drummond Comparado: relato de um projeto de extensão”. In: *XXI Congresso de Iniciação Científica da UFPel*. Pelotas: 2012.

_____; OURIQUE, João Luis Pereira. “O Silêncio que envolve o mundo”: A temática do conto “Insônia”, de Graciliano Ramos, como reflexão para as inquietudes pós-modernas. In: *XII Seminário Internacional em Letras: Língua e Literatura na Pós-Modernidade*. Santa Maria: 2012.

BORGES, Jorge Luis. *Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 (p. 191).

BORGES, Valdeci Rezende. “Cultura, natureza e história na invenção alencariana de uma identidade da nação brasileira”. *Revista Brasileira de História*. v. 26; n. 51. São Paulo: 2006.

BOSI, Alfredo. "Caminhos entre a literatura e a história". In: *Estudos Avançados*. v. 19; n. 55. São Paulo: 2005.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, s/d.

CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 (p 180).

CARDOSO, Silmara de Fatima. "Viajar é inventar o futuro": narrativas e representações de um ideário educacional na escrita de viagem de Anísio Teixeira (1925-1927). In: *Educação, cultura, pesquisa e projetos de desenvolvimento: o Brasil do século XXI*. Anped: 2002.

CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

CHARTIER, Roger. "A leitura: uma prática cultural". Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: _____. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995 (p. 250).

_____. "O romance: da redação à leitura". In: _____. *Do Palco à página: publicar o texto e ler romances da época moderna (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002 (p.97-125).

_____. *A força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011.

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSTA, Cléria Botelho da. "Uma História Sonhada". In: *Revista Brasileira de História*. v. 17; n. 34. São Paulo: 1997.

COSTA, Márcia Hávila da Silva. *Estética da recepção e teoria do efeito*. https://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teorias_efeito.pdf. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

DARTON, Robert. "História da leitura". In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

_____. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (p.18).

DELCASTAGNÈ, Regina. “Da senzala ao cortiço: história e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro”. In: *Revista Brasileira de História*. v. 21; n. 42. São Paulo: 2001.

DELPHINO, Cristine. “Revolução de 1923”. In: *História Brasileira*. Disponível em: <http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/revolucao-de-1923/>. Acesso em 04 de abril de 2015.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. *Paródia e paráfrase: exemplos de intertexto*. Disponível em: <http://www.portugues.com.br/redacao/parodiaparafraseeexemplosintertextualidade.html>. Acesso em 13 de janeiro de 2015.

DULMÁZ, Mateus. *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ESTEVES, Antonio R. “Considerações sobre o romance histórico (no Brasil, no limiar do século XXI)”. In: *Revista de Literatura, História e Memória*. v.4; n.4. Cascavel: UNIOESTE, 2008.

ESTEVES, Antônio R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975 – 2000)*. São Paulo: EDUNESP, 2010.

FIGUEIREDO, Allan Fontoura.; MARZARI, Gabriela Quatrin. *A língua inglesa ao longo da história e sua ascensão ao status de língua global*. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/6753.pdf>. Acesso em 18 de fevereiro de 2015.

FRAISSE, Emmanuel; POUPOUGNAC, Jean-Claude; POULAIN, Martine. *Representações e imagens da leitura*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Escola e cotidiano: uma história da educação a partir da obra de José Lins do Rego (1890 – 1920)*. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 1994.

GONÇALVES, Renata Braz. *Livros e leitura na cidade de Pelotas-RS no final do século XIX: um estudo através dos jornais pelotenses (1875-1900)*. 2010. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2010.

GRUNER, Clóvis. “As letras da cidade ou quando a literatura inventa o urbano: leitura e sensibilidade moderna na Curitiba da Primeira República”. In: *Estudos Históricos*. v. 23; n. 45. Rio de Janeiro: 2010.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1999 (p. 10).

JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002 (p.39).

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002 (p.17).

LANG, Cintia da Silva. *De moças (1926-1960) a Ex-moças (1983-1987): representações e práticas de leitura instituídas na Coleção Biblioteca de Moças*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2008.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Foco Narrativo: ou a polêmica em torno da ilusão*. São Paulo: Ática, 1985.

Les textes de la chanson de Roland I (Manuscrit d'Oxford). Disponível em: <http://www.hs-augsburg.de/~harsch/gallica/Chronologie/11siecle/Roland/rol_ch00.html>. Acesso em: 25 de julho de 2014.

LIMA, Luiz Costa. "Perguntar-se pela escrita da história". *Varia História*. v. 22; n. 36. Belo Horizonte: 2006.

_____. *Estruturalismo e Teoria da Literatura*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (p. 20).

MELO, Ricardo Marques de. "Da utilidade e desvantagem da história para Hayden White". In: *Varia História*. v. 25; n. 42. Belo Horizonte: 2009.

MORAES, Dislane Zerbinatti. "A 'tagarelice' de Macedo e o ensino de história do Brasil". In: *História*. v. 23; n.1-2. Franca: 2004.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. "A leitura de romances no século XIX". In: *Caderno CEDES*. v. 19; n. 45. Campinas: 1998.

_____. *Leituras de mulheres no século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORAIS, Roselusia Teresa Pereira de. *Representações da docência em romances de Erico Verissimo: a personagem Clarissa*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2010.

MOTA, Débora. *Leitura e estética da recepção*. Disponível em <http://www.ulbra.br/letras/files/literatura-e-estetica-da-recepcao-enade-2011.pdf>. Acesso em 07 de janeiro de 2015.

NASCIMENTO, Danilo de Oliveira. Representações da infância, da adolescência e da juventude nas crônicas e na prosa ficcional de Raul Pompeia. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2011.

PAES, José Paulo. *Poesia erótica em tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PERES, Eliane. *Templo de luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária na Biblioteca Pública Pelotense: 1875-1915*. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. "História & Literatura: uma velha-nova história". *Revista Nuevo-mundo – mundos nuevos*. n.6. 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em 26 de julho de 2014.

PESSOA, Fernando. "O Guardador de Rebanhos". In: *Poemas de Alberto Caeiro*. Lisboa: Ática, 1993.

R.C.M. *A saudade*: periódico literário, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1861. p.41/42

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Record, 2008 (p. 193).

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1995.

RICHTER, Sandra Regina Simonis; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. "Entre Mia Couto e Michel Vandenbroeck: outra educação da infância por inventar". In: *Sistema Nacional de Educação e Participação Popular: desafios para as políticas educacionais*. Anped: 2013.

SAMOYALT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SARAMAGO, José. História e ficção. In: *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa: s/e, 1990 (p.7).

SARTRE, Jean-Paul. *Qu'est-ce que la littérature?* Gallimard: Paris, 1948 (p. 90).

SATURNINO, Edison Luiz. *Representações do corpo leitor na pintura artística brasileira do século XIX e início do século XX: contribuições para a história das práticas de leitura*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2011.

SCHMITT, Vanessa Costa e Silva; PONGE, Robert. "Literatura, história e medicina: a formação e o cotidiano profissionais de Zênnon, médico do século XVI, em 'A Obra em Negro' de Marguerite Yourcenar". In: *Alea*. v. 12; n. 2. Rio de Janeiro: 2010.

SÊGA, Rafael. "Ordem e Progresso". *História Viva*: a história está acontecendo agora. Reportagem de 5 de março de 2004. Disponível em: http://www.academia.edu/1453794/Ordem_e_Progresso. Acesso em 07 de janeiro de 2015.

SILVA, Débora T. *Mütter da. Imagens do século XIX na ficção de Luiz Antonio de Assis Brasil*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2008.

SOUZA, Mariza Fernanda Vargas de; BOHNS, Neiva Maria Fonseca. Disponível em http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/46215/Poster_6436.pdf?sequence=2. Acesso em 28 de janeiro de 2015.

SOUZA, Valmir de. "História e literatura: uma relação de amor e ode em 'História do Brasil' de Murilo Mendes. In: *Estudos Históricos*. v. 21; n. 41. Rio de Janeiro: 2008.

VERNE, Júlio. *Volta ao mundo em 80 dias*. Editora Melhoramentos: São Paulo, 1993.

VIRGÍLIO. *A Eneida*. Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. Companhia das Letras: São Paulo: 2011.

WOOLF, Virginia. *Sir Thomas Browne*. s/e, 1923 (p.45).

ZILBERMAN, Regina. *Literatura e história da educação*: representações do professor na ficção brasileira. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30281>. Acesso em 14 de janeiro de 2015.